

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO**

**O PROCESSO COMUNICATIVO NO ENSINO-
APRENDIZADO DE CRIANÇAS SURDAS: O CASO DA
ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO CARNEIRO DOS SANTOS**

MACRI ELAINE COLOMBO

Manaus
2012

MACRI ELAINE COLOMBO

**O PROCESSO COMUNICATIVO NO ENSINO-
APRENDIZADO DE CRIANÇAS SURDAS: O CASO DA
ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO CARNEIRO DOS SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração em Ecossistemas Comunicacionais, linha de pesquisa 1 – Ambientes Comunicacionais Midiáticos.

Orientador: Prof. Dr. Djalma da Paz Gomes

Manaus
2012

Ficha catalográfica

C719p Colombo, Macri Elaine.
O processo comunicativo no ensino-aprendizado de crianças surdas: o caso da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos / – Manaus, AM: 2012.
118p.: il. ; 30 cm.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas.

1. Comunicação. 2. Pedagogia. 3. Inclusão social – surdo. I. Título.

CDU 376+316.77 (81)

MACRI ELAINE COLOMBO

**O PROCESSO COMUNICATIVO NO ENSINO-
APRENDIZADO DE CRIANÇAS SURDAS: O CASO DA
ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO CARNEIRO DOS SANTOS**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Djalma da Paz Gomes (Presidente)
Universidade Federal do Amazonas

Prof.^a Dr.^a Denise Piccolotto (Membro)
Universidade Federal do Amazonas

Prof.^a Dr.^a Ierecê Monteiro (Membro)
Universidade Estadual do Amazonas

Com a descoberta de minha língua, encontrei a grande chave que me abre a grande porta que me separava do mundo. Posso compreender o mundo dos Surdos e também o mundo dos ouvintes. [...] Tinha construído uma reflexão própria. Necessidade de falar, de dizer tudo, de contar tudo, de compreender tudo.

Para mim, a Língua de Sinais corresponde à minha voz; meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente, nada me falta. [...] Olho do mesmo modo com que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo como me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngues.

Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é Surdo a nada deste duplo mundo.

O Surdo tem uma qualidade de vida. Uma adaptação a essa vida. Ele desabrochou com a Língua de Sinais. Consegue falar, escrever, criar conceitos com a ajuda de duas línguas diferentes.

LABORIT, E. *O voo da gaivota*. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

(Primeira atriz surda a ganhar o Prêmio *Molière* na França).

A Deus, à minha família e ao meu querido
namorado, Thyago Ferreira da Costa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e, em especial, a Deus, pelo seu eterno cuidado.

Ao Prof. Dr. Djalma da Paz Gomes, pela seriedade na orientação do caminho a ser percorrido e por nunca ter deixado de me incentivar e de acreditar no meu potencial.

Ao meu querido e eterno amor, Thyago Ferreira da Costa, que, com toda paciência, soube de um modo ou de outro incentivar-me nos momentos em que pensei em desistir de realizar o meu objetivo, que é o de tornar-me mestre. E finalmente aos meus colegas de caminhada e, ainda, à minha família.

RESUMO

A realização do trabalho sob o título “O processo comunicativo no ensino-aprendizado de crianças surdas: o caso da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos” se deveu ao fato de as crianças surdas necessitarem dos meios visuais empregados na alfabetização, durante o processo comunicativo na sala de aula. Como referencial teórico, o embasamento foram as abordagens de Vygostky (2000, 2003), por ter sido, senão o primeiro, um dos precursores no interesse em educação dos surdos, além de Fernandes (1990, 2003, 2010), especialista em surdos; Guyton (2002), que trata dos estudos da área médica dos seres humanos como a audição; e Bordenave (1995), por compreender o funcionamento do processo comunicativo. Para esta pesquisa, usou-se o estudo de caso, tendo como auxílio a pesquisa de campo; como técnica, empregou-se a observação direta e a entrevista semiestruturada. Quanto à abordagem metodológica, foi utilizada a qualitativa, visto que a pretensão é descrever os fatos observados e estudados a respeito dos recursos visuais – incluindo a língua de sinais. Assim, foi necessário compreender como os processos comunicativos se utilizam dos meios visuais no ensino-aprendizagem de crianças surdas e analisar essas possíveis relações na escola. Os dados levantados e sistematizados neste estudo tiveram a finalidade de contribuir para o conhecimento científico no que diz respeito à importância da utilização dos meios adequados para que ocorra uma comunicação e concomitantemente um ensino-aprendizado para as crianças surdas.

Palavras-chave: Processo comunicativo. Aprendizagem. Crianças surdas. Libras, Bilinguismo e Comunicação.

ABSTRACT

The completion of work under the title "*The communication process in the teaching-learning of deaf children: the case of State School Augusto Carneiro dos Santos*" was due to the fact that deaf children need the means employed in visual literacy during the communication process in classroom. As a theoretical framework underlies the approaches of Vygotsky (2000, 2003), because it was, if not the first, but one of the precursors for the interest in deaf education; Fernandes (1990, 2003, 2010), an expert on the deaf; Guyton (2002), deals with the medical studies of humans as hearing, and Bordenave (1995), for understanding the functioning of the communicative process. For this research, we used the case study, with the aid of field research, as a technique, we used direct observation and semi-structured interview. Regarding the methodological approach we used qualitative, since the intention is to describe the facts observed and studied about how the visuals - including sign language. Thus, it was necessary to understand how communication processes are used for visual media in teaching and learning of deaf children and analyze these possible relationships in school. The data collected and systematized in this study had the aim of contributing to scientific knowledge regarding the importance of using the appropriate means of communication to succeed and concomitantly a teaching-learning for deaf children.

Keywords: Communicative process. Learning. Deaf children. Pounds, Bilingualism and Communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Escrita de Sinais..... | 38 |
| Figura 2 – Alfabeto Manual | 44 |
| Figura 3 – Verbo TER..... | 45 |
| Figura 4 – Organização geral do ouvido, mostrando a orelha externa, o sistema ossicular e a cóclea. . | 52 |
| Figura 5 - Orelha média | 53 |
| Figura 6 - Orelha interna | 54 |
| Figura 7 - Fisiologia do ouvido | 55 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos..... | 72 |
| Quadro 2 – Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos..... | 74 |
| Quadro 3 – Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos..... | 77 |
| Quadro 4 – Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos..... | 79 |
| Quadro 5 – Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos..... | 82 |
| Quadro 6 – Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos..... | 83 |
| Quadro7 – Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos..... | 85 |

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

- CAS – Escola da Cidadania Mayara Redman Abdol Aviz
- Comissão Permanente do Vestibular – COPERVE
- FENESIS – Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos
- INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
- INSM – Instituto Nacional dos Surdos-Mudos
- WFD – *World Federation of Deaf*
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
- LP – Língua Portuguesa
- LS – Língua de Sinais
- MEC – Ministério da Educação
- PI – Professor Intérprete
- Secretaria de Estado de Educação (SEDUC)
- Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
- Universidade Estadual do Pará (UEPA)
- Usaid – *United States Agency for International Development*
- Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 13 |
| CAPÍTULO 1 - ALFABETIZAÇÃO..... | 15 |
| 1.1 A origem | 15 |
| 1.2 Métodos | 15 |
| 1.3 Abordagens Educacionais dos Surdos | 20 |
| 1.3.1 Oralismo..... | 20 |
| 1.3.2 Comunicação total | 21 |
| 1.3.3 Bilinguismo | 22 |
| CAPÍTULO 2 - A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS E O SEU ASPECTO SOCIAL | 24 |
| 2.1 Uma visão divergente do ensino brasileiro | 24 |
| 2.2 Uma retrospectiva da educação dos surdos | 26 |
| 2.3 Um contexto histórico da formação educacional dos surdos no Brasil | 29 |
| 2.4 Declaração de Salamanca..... | 32 |
| CAPÍTULO 3 - PROCESSO COMUNICATIVO NA PEDAGOGIA SURDA | 35 |
| 3.1 As relações da linguagem verbal e não verbal | 35 |
| 3.2 A língua como manifestação social | 39 |
| 3.3 O conceito de linguagem..... | 42 |
| 3.4 Os parâmetros da Libras e a sua legislação..... | 43 |
| 3.5 O impacto da LS e do visuoespacial para a vida dos surdos | 46 |
| 3.6 A mediação visual no aprendizado e na socialização | 47 |
| 4.1 Discussão teórica da surdez | 56 |
| 4.2 Prevenção e diagnóstico das causas infantis | 60 |
| CAPÍTULO 5 – UM ESTUDO DE CASO DA ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO CARNEIRO DOS SANTOS..... | 62 |
| 5.1 A inauguração do Augusto Carneiro dos Santos | 62 |
| 5.2 Metodologias utilizadas na Escola para o ensino da Libras | 63 |
| 5.3 O público na década de 80 | 66 |

| | | |
|---|--|-----|
| 5.4 | A formação dos profissionais | 67 |
| CAPÍTULO 6 - DELINEAMENTO DA PESQUISA | | 69 |
| 6.1 | Categorias da entrevista | 71 |
| 6.2 | Análises | 72 |
| 6.3 | Interpretação dos fatos analisados | 87 |
| REFERÊNCIAS | | 94 |
| GLOSSÁRIO | | 100 |
| APÊNDICES | | 102 |

INTRODUÇÃO

O contexto em que encontra esta pesquisa diz respeito à área de concentração de Ecossistemas Comunicacionais, a qual integra a linha de pesquisa chamada de *ambientes comunicacionais midiáticos*, pois se sabe que a comunicação é um conjunto de conhecimentos linguísticos, psicológicos, educacionais, sociológicos, entre outros referentes aos processos da comunicação. Assim, pode-se dizer que ela é transversal, por se encaixar em qualquer ciência, quer por meio de suas técnicas, quer por meio desses conhecimentos.

Portanto, para se resolverem as questões inerentes a esta pesquisa, faz-se relevante esclarecer o seguinte questionamento: como os recursos visuais podem ser empregados nas atividades de ensino-aprendizagem de alunos surdos na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos?

Assim, para responder a esse problema, faz-se prioritário entender o objetivo geral da pesquisa, que consiste em compreender como os processos comunicativos se utilizam dos meios visuais no ensino-aprendizagem de crianças surdas e analisar essas possíveis relações na escola. A partir daí, resultará resolver os objetivos específicos: investigar as relações entre o uso de meios visuais com a alfabetização das crianças surdas, além de verificar a utilização de uma língua gestual (Libras) e dos meios visuais no processo de ensino-aprendizagem dos surdos, no espaço pedagógico de sala de aula.

Por se tratar de um processo de comunicação, espera-se que o código seja decifrado pelo receptor e pelo emissor; e este aguarda o *feedback* para dar continuidade ao diálogo. Os surdos que tentam comunicar-se com os ouvintes que não conhecem Libras não conseguem dar prosseguimento a uma comunicação propriamente dita, pelo fato de os primeiros usarem a modalidade espaço-visual em vez da oral-auditiva, o que de alguma maneira compromete a comunicação e conseqüentemente dificulta a educação escolar e a socialização dos surdos. (QUADROS, 1997).

Fernandes (2003) relata que, quando os surdos ingressam na escola, os pedagogos e os professores só os veem como problemas. Ademais, não percebem que devem utilizar mecanismos que os ajudem a desenvolver suas habilidades. O autor acrescenta que os docentes devem entender a importância do uso de meios visuais – o que inclui os tecnológicos – no estudo da Libras, além da utilização de intérpretes para facilitar a comunicação com professores-ouvintes a fim de que os surdos compreendam o conteúdo da disciplina passada em sala de aula.

Trevisan, Silva e Oliveira (2008) acrescentam que os recursos visuais devem ser usados como complemento na metodologia de ensino. Filmes, televisão, revistas e vídeos, por exemplo, são formas de passar a informação, reforçando o aprendizado das crianças surdas pelo meio visual.

Tais procedimentos foram estruturados nos seis capítulos que se seguem. No capítulo 1, pretendeu-se, por meio de referências bibliográficas, entender a origem da alfabetização e, paralelamente, os métodos adotados nas instituições escolares. Além disso, foi traçada uma linha histórica da educação no Brasil a fim de compreender, mais à frente, a prioridade da família no que se refere à alfabetização e ao desenvolvimento cognitivo nos primeiros anos de vida de uma criança. No capítulo 2, o enfoque recaiu sobre a importância de se pesquisar em torno da história da Língua de Sinais (LS) na sociedade e, ao mesmo tempo, do surgimento da Libras (Língua Brasileira de Sinais) no Brasil, para entender a realidade dos surdos no processo educacional e psicológico. Já no capítulo 3, procurou-se enfatizar e explicar a relevância da Libras como língua materna para os surdos, enfim para a comunidade dos surdos. Dissertou-se ainda sobre a prioridade de formar professores qualificados, o que inclui a utilização da comunicação verbal e da não verbal e, concomitantemente, da Libras para facilitar o processo comunicativo entre alunos e professores. No que diz respeito ao capítulo 4, foi analisado o que é a surdez, tendo como abordagem a neurofisiologia e a anatomia para conhecer quais são as delimitações e os pontos “fortes” das crianças surdas para que se possa respeitá-las como partes integrantes de uma sociedade. Também foram estudadas as doenças que causam a surdez e como preveni-las nas crianças. Logo a seguir, no capítulo 5, discorreu-se sobre a história da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos, situada em Manaus. Esta atende a pessoas surdas e se utiliza da Libras e dos recursos visuais para o desenvolvimento cognitivo delas. Ver-se-á conseqüentemente como as escolas estão preparando os professores para lecionar com metodologias adequadas para a alfabetização das crianças surdas. Finalmente, no capítulo 6, foi realizado o delineamento da pesquisa, em que se encontram os motivos da opção de se trabalhar com a abordagem qualitativa neste estudo, além de se explicar o porquê de ter seguido como método o estudo de caso, tendo como apoio a pesquisa de campo. Destarte se mostrou neste capítulo a categorização das sete perguntas realizadas à professora-ouvinte; em seguida, estas foram analisadas e interpretadas com o objetivo de compreender o processo comunicativo que ocorre entre os alunos surdos e os professores-ouvintes e como são utilizados os meios visuais na escola, para que se possa chegar a uma conclusão com cientificidade.

CAPÍTULO 1 - ALFABETIZAÇÃO

1.1 A origem

Neste capítulo, não tem se a intenção de aprofundar a questão da alfabetização e de opinar sobre ela, pois é uma área com várias correntes ideológicas, principalmente quando se trata de desmembrar os métodos de alfabetização e de descobrir quais são os mais adequados para os alunos, os quais ainda estão sob a análise de questionamentos teóricos e práticos pelos pedagogos. Pretende-se, sim, apenas fazer uma abordagem básica para que se possa entender o foco principal da pesquisa, que é o processo comunicativo entre os professores e os alunos surdos, mais especificamente crianças dentro de uma sala de aula, pelo fato de se compreender que, antes de se dar um processo de alfabetização e até o letramento, faz-se necessário que ocorra uma comunicação “limpa” entre esses personagens sociais que estão sendo estudados.

Assim começaremos a esboçar que o homem antes da escrita se comunicava pela fala e pelos gestos; só depois, surgiu a escrita e os meios eletrônicos, que, diretamente ou não, fazem parte do processo da alfabetização.

A escrita surgiu aproximadamente em 3.500 a.C., na Mesopotâmia (Ásia), com a civilização suméria, com o nome “escrita cuneiforme”. (PENA, 2008, p.26). A título de curiosidade, a escrita, depois de cuneiforme, evoluiu em três formas: os pictogramas, os ideogramas e os fonogramas. Não se deve esquecer de que, paralelamente a isso, os egípcios sublevaram o meio com a utilização do papiro. Mas quem revolucionou mesmo esse processo foi Gutemberg quando aperfeiçoou a prensa móvel (tipologia) dando início a uma verdadeira “comunicação de massa”. Após esse advento, veio outro ciclo: com a descoberta da eletricidade, eclodiram os meios de comunicação eletrônica. (RIBEIRO, 2003).

Antes mesmo das tecnologias, surgiu o alfabeto. Devido à necessidade de manter diversos contatos comerciais que havia com povos diferentes, os fenícios precisaram ser os primeiros a sistematizar o alfabeto para facilitar a comunicação, o que também significou a autonomia para expressar suas opiniões.

1.2 Métodos

Não se irá, nesta pesquisa, dar juízo de valores a um ou a outro método ou a seus processos de alfabetização, por se entender que todos têm sua importância na contribuição para a alfabetização das crianças.

De início, é necessário deixar clara a diferença que existe entre alfabetização e letramento, além da seriedade com que esses termos estão juntos para o desenvolvimento cognitivo e econômico da sociedade, pois, no Brasil, tem-se confundido ambos os conceitos.

Alfabetização é um processo mecânico de alfabetizar; entende-se que essa ação permite que o indivíduo possa ler e escrever. Enfim a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita e da leitura.

Ser alfabetizado já se tem revelado insuficiente para atender às necessidades do sistema capitalista. Foi-se o tempo em que apenas escrever era suficiente para resolver os problemas; a exemplo disso, podemos citar os políticos. Estes precisavam dos votos dos eleitores para se elegerem ou para se reelegerem; ensinavam, então, os eleitores a escrever os próprios nomes no período eleitoral. As pessoas, agora, precisam saber interpretar, entender, compreender os diferentes tipos de textos e seus significados e o uso das palavras em diferentes contextos para poderem integrar uma sociedade. (VIEGAS, 2006).

Isso fez que estudiosos percebessem que os docentes não poderiam mais apenas formar pessoas alfabetizadas – ou, como se vem chamando ultimamente, *analfabetismo funcional* – sem que passassem pelo processo de letramento.

O letramento nada mais é que informar-se, adquirir conhecimento e ter várias sensações, dependendo do contexto que se lê, nos meios de comunicação ou em outros meios. É também saber escrever diferentes tipos de textos para diferentes públicos que se queira alcançar. (VIEGAS, 2006).

Esclarecidos os significados sobre letramento e alfabetização, podem-se agora relatar os três métodos que existem para proceder a uma alfabetização e a seus diversos processos.

O primeiro método é chamado de sintético, o qual “parte do elemento para o todo, isto é, da letra para a sílaba, e da sílaba para a palavra; propõe partir dos elementos mais simples para chegar aos mais complexos”. (CAMPOS, 2008, *slide*). Esse método inclui cinco processos, os quais são: alfabético ou ABC ou soletração, iconográfico, de letra e móveis, fônico e silábico ou silabação.

No processo alfabético, os alunos primeiramente identificam as letras do alfabeto por meio da memorização, pelos seus nomes; depois soletram as sílabas e, em seguida, as palavras antes de lerem sentenças curtas até se formar um texto completo, podendo-se utilizar as

cartilhas para esse processo. Por exemplo, a palavra gato soletra-se *g, a, ga, t, o, to, gato*. (CALIL, 2008).

O iconográfico propõe o ensino de um alfabeto vivo, de forma que um som de uma letra esteja ao lado de uma figura representando um objeto. Exemplo, o som da letra A seria representado tendo ao lado a figura de um cachorro latindo (*Auu!*)

Já no de letra e móveis, as crianças brincam de procurar as letras no meio de outras, formando sílabas e palavras que depois serão escritas. (CALIL, 2008).

Por seu turno, o fônico consiste no ensino da leitura partindo-se do som da letra; o professor, antes de ensinar as consoantes, deve preparar os alunos ensinando-lhes as vogais. Enfatiza as relações símbolo-som. Exemplo disso ocorre quando o professor escreve uma letra, como a letra C, no quadro e apresenta imagens de objetos que comecem com essa letra, tais como *casa* e *cachorro*. Em seguida, escreve várias palavras no quadro e pede para os alunos apontarem a letra inicialmente apresentada. A partir do que aprendeu em sala de aula, o estudante pode apresentar outras palavras com essa letra.

O último processo do método sintético é chamado de silábico, que ensina as vogais que se juntam à gravura do nome; empregam-se as unidades-chave: as sílabas, que depois se condicionam em palavras e em frases. (CAMPOS, 2008). Podemos dizer que é aquele a que mais estamos acostumados no processo da alfabetização, por ser usado quase como uma intuição.

Outro método é o analítico, que propõe seguir formas mais amplas (palavra, frase, texto) até chegar aos menores – leitura e escrita são trabalhadas segundo a ordem de decomposição progressiva das sentenças ou palavras, daí a denominação de globais (CALIL, 2008) –, a qual tem como processos a palavração ou palavras normais, ideovisual ou ideográfico ou de palavras-tipo, setenciação e conto ou historieta.

O ideovisual parte de uma motivação (desenho, história, verso, etc.) e apresenta a palavra ligada ao desenho, à história e ao verso. Esse processo evoluiu para a palavração.

A palavração tem a palavra como um método de análise que se utiliza da dedução para realizar a alfabetização. Isso significa que parte do todo, com palavras concretas e significativas, retiradas de lendas, fábulas e desenhos. O processo pode estar associado a palavras, à gravura, etc.

Por seu turno, a setenciação parte da frase ou sentença para chegar às palavras, fonemas e sílabas, atendendo de maneira globalizada às necessidades da psicologia da criança. Podemos citar como exemplo:

O cachorro gosta de comer. (frase)

Gosta (palavra) *Gos!* da (sílabas) G (letra)

A historieta, por sua vez, decorre de uma história, de maneira dedutiva, do mais difícil para o mais fácil. Isso faz que os alunos escutem a história para depois tecerem comentários na ordem em que foi lida. A intenção disso é que, em seguida, leiam o texto e façam o reconhecimento das frases da história lida de maneira cronológica e não cronológica. Assim se sucede o destroncamento do texto em frases, palavras, sílabas até chegar às letras ou aos sons, o que constitui uma decorrência natural da sentencição.

O último método é o misto, também chamado de eclético, o qual contempla o método sintético e o analítico e no qual se conciliam todos os processos, estabelecendo-se a liberdade de escolha do método de ensino de leitura e de escrita. Nele se utilizam, por exemplo, jogos lúdicos, vídeos, filmes, cartazes etc.

Os três métodos abordados neste tópico – sintético, analítico e misto – não podem ser avaliados como um sendo melhor do que o outro, ou ainda um prevalecendo sobre o outro na metodologia escolar.

Percebe-se, assim, que as decisões metodológicas relacionadas à alfabetização extrapolam a mera escolha de métodos e estão relacionadas à preparação da escola para se obter um ambiente alfabetizador e a organização das classes de alfabetização.

Assim, em vez de questionar como o professor deve alfabetizar, Emília Ferreiro enfoca como o aluno se alfabetiza.

As formas tradicionais de alfabetização ainda visam passar o conhecimento que o professor possui para o aluno de maneira mecânica por não se entender que algumas crianças têm a dificuldade de compreender o significado da leitura e da escrita. (DUARTE; ROSSI; RODRIGUES, 2008).

Na aprendizagem inicial, as práticas utilizadas são, muitas vezes, baseadas na junção de sílabas simples, na memorização de sons, na decifração e na cópia. Como já relatava Freire, os estudantes têm sido meros bancos, nos quais o professor deposita o conteúdo de maneira mecânica. Essa ótica mostra que eles são apenas expectadores passivos ou receptores, sem nenhuma participação no processo de conhecimento.

O pedagogo francês Freinet, idealizador do método chamado de “Escola Ativa”, tinha como foco as crianças humildes. Ele, então, comprou a prensa e a utilizava para fazer jornal e levou-a para a sala de aula. Assim, as crianças produziam textos que falavam sobre seu mundo real e fantasioso e sobre sonhos. Fazia-se intercâmbio mediante o correio de seus textos, com linguagem verbal e não verbal, dentro de seu país e até entre outros países. (BREGUNCI, 2008).

A técnica, conhecida como correspondência interescolar, visava fazer (que haja) trocas de conhecimentos de maneira natural entre as pessoas, com textos também livres, para expressarem o que quiserem, para que se desperte o espírito crítico e para que haja um desenvolvimento com autonomia.

No que diz respeito à pesquisadora construtivista Emília Ferreiro, que realizou diversos estudos acerca do processo de alfabetização, ela pontua semelhanças em relação ao processo de alfabetização de Freinet quando trata dessa questão.

Para Ferreiro (1996 *apud* DUARTE; ROSSI; RODRIGUES, 2008, p.2), “o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”.

Atualmente, muitos professores ainda definem erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica.

De acordo com sua experiência com crianças, Ferreiro (1996 *apud* DUARTE; ROSSI; RODRIGUES, 2008) esquematiza algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização inicial. Entre elas está restituir à língua escrita seu caráter de objeto social; desde o início (inclusive na pré-escola), aceitar que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível; permitir e estimular que a criança tenha interação com a língua escrita, nos mais variados contextos; e não recorrer, imediatamente, à correção gráfica nem à correção ortográfica etc.

Entretanto, no processo de alfabetização inicial, nem sempre esses critérios são utilizados. Sabemos que os professores ensinam da mesma maneira como aprenderam quando eram alunos e não aceitam os erros que seus alunos cometem.

Ferreiro (1996 *apud* DUARTE; ROSSI; RODRIGUES, 2008, p.3) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas sim um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

Também devemos compreender que, se as crianças conviverem em locais em que as pessoas leem e escrevem com frequência, terão mais chances de se alfabetizarem e, concomitantemente, de serem letradas, por viverem em um “ambiente alfabetizador”. Além de os educadores valorizarem essa ambientação, passou-se a valorizar o diagnóstico dos conhecimentos prévios dos alunos e a análise de seus erros como indicadores construtivos de seus processos cognitivos e como hipóteses de aprendizagem. (BREGUNCI, 2008). Desse modo, o aluno vai ter prazer em escrever, em ler e em desenvolver-se cognitivamente.

Assim é possível notar que a alfabetização e o letramento são procedimentos necessários para o desenvolvimento cognitivo das crianças para que estas passem a integrar a sociedade como cidadãos.

1.3 Abordagens Educacionais dos Surdos

No princípio da história da educação dos surdos, estes eram apenas “depositados” numa instituição, e sua educação era ignorada. Com o tempo, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, houve a prioridade em educá-los. A partir disso, surgiram várias didáticas, entre elas o oralismo, o bilinguismo e a comunicação total.

1.3.1 Oralismo

É um método ancorado em bases científicas, mais especificamente na área médica. É o que Skliar (2001) chama de *modelo clínico-terapêutico* e supõe que é possível ensinar a linguagem, corrigindo os defeitos da fala. Utiliza metodologias direcionadas ao ensino da fala, muito mais do que ao da leitura e ao da escrita.

Assim o oralismo representa para Skliar (2001 *apud* SILVA; LEMOS, 2008, p.43):

[...] a organização metodológico-constitucional das ideias do modelo clínico-terapêutico, que supõe que é possível ensinar a linguagem e sustenta a ideia “de que existe uma dependência unívoca entre a eficiência ou eficácia oral e o desenvolvimento cognitivo”.

Assim, o papel do professor tem como foco fazer que o surdo fale oralmente utilizando exercícios, como técnicas de respiração, leitura labial, treinamento auditivo até instalação de fonemas, em busca do aprendizado da língua oral. (BUZAR, 2009, p.34).

Os que defendem o oralismo concebem a surdez como uma deficiência que deve ser sanada por meio da estimulação auditiva. Isso conseqüentemente levaria a pessoa surda a integrar a sociedade dos ouvintes por estar associada ao domínio da Língua Portuguesa, o que, por seu turno, do ponto de vista dos apoiadores desse método, traria o deficiente à normalidade. (TREVISAN; SILVA; OLIVEIRA, 2008).

Salles (2004 *apud* SILVA; LEMOS, 2008) argumenta que a oralização traz uma integração social ao mundo dos ouvintes, o que faz o surdo sentir-se parte de uma sociedade onde prevalece a fala. Essa integração pressupõe, no processo de alfabetização, a memorização e a aplicação de exercícios mecânicos e de repetição, o que definitivamente descartaria a hipótese do uso da língua de sinais no ensino-aprendizagem dos surdos.

Na realidade, esse método é pouco eficaz, pois cada surdo tem a sua deficiência auditiva, assim não é suficiente inseri-lo em uma sociedade onde prevalece a cultura dos ouvintes; muito menos para ensiná-los.

O objetivo de capacitar a pessoa surda e de fazer uso da voz precisa ser entendido como uma das facetas a serem consideradas, um dos desejos a serem satisfeitos, mas não deve ser encarado como meio e alvo, como princípio e fim. Um surdo oralizado não significa necessariamente uma pessoa desenvolvida, plena, eficiente. Muito menos significa que está garantida sua integração à sociedade. (SÁ, 1999, p.98).

1.3.2 Comunicação total

O método chamado de comunicação total defende a utilização de qualquer recurso linguístico – como a língua de sinais, a linguagem oral, mímicas – e não deixa de lado as técnicas e os recursos de estimulação auditiva, para facilitar a comunicação com as pessoas surdas.

Na abordagem da comunicação total, o surdo é percebido diferente do modelo oralista. O surdo não é visto apenas como um portador de uma patologia de ordem médica, “deficiente”, mas sim como uma pessoa que apresenta a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo dessa pessoa. (SILVA; LEMOS, 2008, p. 46).

Os oralistas dão ênfase somente à Língua Portuguesa, não levando em conta a língua de sinais, ao contrário dos surdos, que usufruem da comunicação total, usam a Libras e acabam utilizando o “bimodalismo, ou seja, sinalizam e falam simultaneamente, como os ouvintes, quando estes começam a aprender alguma língua de sinais”.

A “[...] Língua Portuguesa se processa por um canal oral-auditivo; e a língua de sinais, por meio de um canal visuoespacial; é de extrema complexidade e impraticabilidade a utilização dos dois sistemas ao mesmo tempo.” (BUZAR, 2009, p.34). Isso leva a entender que ambas não possuem ligação direta durante uma comunicação; e, se existe, não se dão da mesma forma.

Isso deixa as pessoas que empregam o bimodalismo excluídas de muitos eventos sociais, profissionais e até pessoais por não dominarem bem a Língua Portuguesa tampouco a Libras.

Para Sá (1999, p.133), mesmo com esses problemas citados, a comunicação total trouxe benefícios no momento em que acolheu a Libras como um meio de comunicação e, assim, acabou-se aceitando as diferenças das pessoas surdas.

1.3.3 Bilinguismo

O método do bilinguismo veio para se contrapor ao método do oralismo e para defender as diferenças culturais e políticas dos surdos. “O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessíveis à criança duas línguas no contexto escolar.” (QUADROS, 1997, p.27).

Os surdos conquistaram direitos quando foi implantado o Decreto n.º 5626, de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), que garantiu o direito de se ter uma educação bilíngue, sendo a Libras a sua primeira língua e o Português a segunda.

Os que defendem esse decreto revelam que o surdo deve aceitar-se como tal, e não tentar imitar o estilo de vida dos ouvintes, embora seja importante a convivência com várias comunidades.

Temos, então, como conceito de bilinguismo para os surdos, a ideia:

[...] de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e com língua próprias. A noção de que o surdo deve, a todo custo, tentar aprender a modalidade oral da língua para poder aproximar-se o máximo possível do padrão de normalidade é rejeitada [...] Isso não significa que a aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo; ao contrário, esse aprendizado é bastante desejado, mas não é percebido como seu único objetivo educacional nem como uma possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez. (GOLDFELD *apud* SILVA; LEMOS, 2008, p. 48).

Assim, a língua, neste caso mais especificamente a língua de sinais, é vista não apenas como uma forma de comunicação, mas também como um suporte para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural do pensamento de um indivíduo. É nisso que se baseia o socioantropólogo Vygotsky, que nos leva a refletir em torno do desenvolvimento das crianças surdas e de sua linguagem usando como modelo educacional o bilinguismo. (SILVA; LEMOS, 2008).

É o que reafirma Sanches:

A proposta educativa bilíngue supõe a planificação e a aplicação de quatro tópicos fundamentais: a criação de um ambiente apropriado às formas particulares de processamento comunicativo, linguístico e cognitivo das crianças surdas, seu desenvolvimento socioemocional íntegro baseado na identificação com adultos, a possibilidade de que desenvolvam sem pressões uma teoria sobre o mundo que as rodeia e o completo acesso à informação curricular e cultural. (SANCHEZ, 1999 apud SILVA; LEMOS, p.49).

Mas, como em tudo, existe um contraponto até dentro de uma mesma linha ideológica usada na educação escolar, o que não seria diferente quando se trata de bilinguismo.

Assim o bilinguismo tem duas divisões: “A primeira acredita que a criança surda deve adquirir a língua de sinais e a modalidade oral da língua de seu país e depois ser alfabetizada na língua oficial de seu país.” (SILVA; LEMOS, 2008, p. 49-50).

Já a segunda teoria é a favor de que o surdo deva receber apenas o ensinamento da língua de sinais de seu país, com a modalidade da escrita, e não da oral, e tem como defensor dessa teoria Sanches (1997). Quer a primeira, quer a segunda teoria, o fato é que os autores que defendem o bilinguismo entendem que esse procedimento numa sala de aula é um processo que apresenta um desenvolvimento mais rápido do que os outros métodos, por organizar, de forma lógica, coerente e clara, as ideias dos surdos em todos os aspectos.

CAPÍTULO 2 - A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS E O SEU ASPECTO SOCIAL

2.1 Uma visão divergente do ensino brasileiro

Podemos dizer que a história da educação no Brasil teve início em 1549, com a vinda dos padres jesuítas da Igreja Católica à terra brasileira; estes faziam parte da Companhia de Jesus, mais especificamente da expedição do governador-geral Tomé de Souza, comandada pelo padre Manoel de Nóbrega. Essa companhia tinha a finalidade de brevar o avanço do Protestantismo no mundo, por exemplo, por meio da catequização dos índios, além de difundir o Catolicismo e de construir e desenvolver escolas católicas em diversas regiões do mundo. (RIBEIRO, 2007). Fizeram-no porque perceberam que, para propagar a fé católica, precisavam, antes de tudo, fazer com que os colonizados soubessem ler e escrever, isto é, realizar a alfabetização destes. “Percebe-se, por esses poucos fatos, que a organização escolar no Brasil-Colônia está – como não poderia deixar de ser – estreitamente vinculada à política colonizadora dos portugueses” (RIBEIRO, 2007, p.18), cujo interesse era atender às suas necessidades econômicas e políticas desse momento com mãos de obra baratas.

Isso provocou uma profunda mudança na cultura das civilizações por onde eles passavam, ao transmitirem a religião católica e ao educarem os povos que encontravam durante as expedições brasileiras; chegaram a construir a primeira escola brasileira, no estado nordestino de Salvador, onde o mais famoso de todos os padres, José de Anchieta, se tornou professor do Colégio de Piratininga. Anchieta foi missionário em São Vicente, em Piratininga, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, e reitor do Colégio do Espírito Santo, entre outras funções.

Vale a pena relatar que a educação indígena já tinha sua maneira de realizar o ensino. Mas foram os europeus que trouxeram os métodos pedagógicos.

Os jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas colônias pelo Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho). Esses, conforme mencionado, tinham interesse em proliferar a fé católica, enquanto Pombal queria reerguer Portugal pelo fato de esse país encontrar-se com problemas perante as potências comerciais da Europa, naquele momento. Assim, ele tinha como objetivo organizar uma escola conforme os interesses do Estado.

A adoção da orientação de administração dos bens materiais contidas nas “Constituições” é mais uma indicação de como essa união entre o governo português e os jesuítas foi conduzida em benefício maior destes últimos. Isso levou posteriormente a um choque, culminando com a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e do Brasil, em 1759. (RIBEIRO, 2007, p.27).

Para isso, estabeleceu-se o “subsídio literário” (um imposto criado em 1772 para o pagamento aos professores) para a manutenção dos ensinos primários e médios. Mesmo assim, os professores eram mal pagos, e o salário sempre atrasava, sem contar que muitos dos docentes não tinham qualificação ou dom para lecionar.

A educação apenas teve um novo impulso por meio da vinda, em 1808, da família real portuguesa para o Brasil-Colônia quando fugia de Napoleão (que queria invadir Portugal em represália ao fato de o país ter furado o Bloqueio Continental e assim continuado a fazer negócio com a Inglaterra). D. João VI, para o benefício da corte portuguesa e para o preenchimento da falta de qualificações, fez surgirem cursos de ensino técnico e superior, como os de Medicina, nas regiões Sudeste e Nordeste.

Com a chegada da família também veio a tipografia; e, no mesmo ano, nasceu, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que divulgava assuntos oficiais da corte, além do fato de que a maioria dos jornais visava prender a atenção do leitor, camuflar a opressão social do trabalho e vender uma boa quantidade de tiragem do jornal. (AMARAL, 2006).

Depois de alguns meses, surgiu o jornal da oposição, o *Correio Braziliense* (1808 a 1822), publicado em Londres por Hipólito da Costa, que teve como finalidade expressar opiniões divergentes sobre a política do Império, a ponto de incluir no gênero jornalístico o chamado opinativo, o que incluía opinião pública. Isso influenciou na Independência do Brasil, “[...] projeto que desaguarda, a contragosto de seus adeptos, na separação entre Portugal e Brasil, rompendo os laços políticos entre os dois hemisférios”. (MARTINS; LUCA, 2008, p. 29).

Assim, algumas mudanças se sucederam com a Independência do Brasil, em 1822, no que diz respeito à política educacional. Mas não podemos dizer que a educação era prioridade nessa época, na medida em que países que foram colônias espanholas, a exemplo do Peru, já possuíam universidades. No Brasil, elas foram surgir apenas em 1934, em São Paulo.

Com a publicação do Ato Adicional de 1834, os liberais conseguiram passar para as províncias (estados) a responsabilidade de legislar sobre a educação primária, dando ao governo federal o compromisso de assegurar educação fundamental para todos por meio dos recursos.

Isso possibilitou que todas as províncias (municípios) fizessem sua própria política educacional, não se esquecendo de incluir a participação da sociedade nas questões educacionais.

Quanto aos opositores, os chamados regressistas, estes tinham uma visão negativa sobre o ato adicional, alegavam que as províncias iriam comportar-se como bem entendessem. Isso, por sua vez, fez demolir os modestos projetos e recursos existentes, contribuindo para o aumento de leis contraditórias e de diferenças de classe social, o que prejudicou a formação escolar. (CASTANHA, 2005).

Carneiro (2011) comenta que, só após a Primeira Guerra Mundial, com a vinda de imigrantes – como os italianos – e com o início da industrialização, é que teve início a preocupação com o quesito escolar, talvez pelo fato de precisarem de mão de obra específica com qualificação. Mas foi a partir dos anos 60 do século XX, com movimentos populares e com a mobilização sindical, que se observou, de maneira concreta, a educação para todos.

Porém, com a chegada do Governo Militar, em 1964, foram estabelecidos acordos entre MEC e Usaid (*United States Agency for International Development*), os quais visavam dar apoio técnico e financeiro para a educação brasileira, com o objetivo de se autofavorecerem na economia internacional. Também durante esse período, surgiu a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), Lei n.º 5.692/71, que orientou por anos o ensino do primeiro e do segundo graus. A LDB conseguiu normatizar o sistema escolar, não esquecendo que ele estava ligado aos interesses americanos, nos primeiros semestres da sua implantação.

Com o fim da Ditadura, em meados da década de 1980, o sistema escolar foi planejado e organizado a ponto de, em 1996, ser realizada uma nova LDB, a qual até hoje (2012) se utiliza nas escolas. Por meio do governo de Fernando Henrique Cardoso, juntamente com o ministro da educação Paulo Renato, a LDB agregou avanços, tais como a gratuidade do Ensino Fundamental e médio pelos estados e pelos municípios, a inclusão da Educação Infantil (creches e pré-escolas) como primeira etapa da educação básica e a erradicação do analfabetismo.

2.2 Uma retrospectiva da educação dos surdos

Para que as crianças possam se desenvolver, no que diz respeito ao intelecto e às emoções, precisam conviver em um ambiente que tenha a responsabilidade de estimular o seu pensamento e, conseqüentemente, a sua linguagem. Mas, no caso das crianças surdas, essas questões precisam de mais atenção e cuidado, pois possuem suas próprias normas linguísticas, as quais levam a criança a adquirir outra cultura.

A história da educação de surdos nos conta a existência da forte influência e do controle dos ouvintes sobre os surdos, sem ao menos ter o direito à liberdade de usufruir de sua criatividade e de utilizar de seus recursos naturais linguísticos para expressar seus conhecimentos. (BUZAR, 2009, p.25).

Por meio de pesquisas, foi constatado que, da Antiguidade até quase toda a Idade Média, os surdos eram considerados não educáveis; eram proibidos de casar, de celebrar missa e de herdar alguns bens; e até eram excluídos da vida em sociedade, por serem considerados ineficazes.

Os europeus no século XVI (Renascimento) foram os primeiros realmente a se preocupar com os deficientes auditivos. Cada educador usava uma metodologia diferente: línguas de sinais, leitura labial, oralização, escrita e outros. (CORRÊA, 2008, p. 20).

Mas foi o monge espanhol Pedro Ponce de Leon o primeiro educador de surdos (1520-1584), o qual criou espaço para os espanhóis surdos de origem nobre; ensinava sinais, treinava a voz e a leitura dos lábios.

Vale observar que os primeiros alunos surdos vinham de famílias ricas e/ou nobres; ou tinham fortes ligações com pessoas influentes na sociedade, com as quais conviviam. (BUZAR, 2009, p.27).

Sobre esse assunto, Meadow (*apud* SKILAR, 1997, p.23), menciona

[...] O fato de que os primeiros alunos de Ponce de Leon foram nobres. Não carece de significações, já que a fala era um pré-requisito para o reconhecimento dos direitos legais, incluindo o direito de possuir propriedades; os ricos possuíam não somente os meios financeiros, mas também a motivação financeira para encontrar professores para seus filhos.

O espanhol Juan Pablo Bonet deu continuação ao trabalho de Ponce educando os sobrinhos de Francisco e Pedro de Velasco (irmãos do Conde de Castilla), que também eram surdos. Estes receberam instruções de Leon (1520.1584) (BUZAR, 2009).

Bonet também publicou o livro *Redação das Letras e a Arte de Ensinar os Mudos a Falar*. Ele acreditava em um aprendizado precoce do alfabeto manual antes de aprender a

falar e a compreender a leitura labial (CORRÊA, 2008), o que influenciou bastante as futuras gerações de educadores.

Um outro exemplo de quem fez algo por essas pessoas foi o abade francês Charles Michel de L'Épée – o primeiro fundador de escolas públicas do mundo para surdos, o Instituto Nacional de Surdos de Paris, criado em 1760.

Um dos seus méritos foi frequentar as ruas, mais especificamente onde viviam os surdos pobres, a fim de aprender com eles a maneira como se comunicavam entre si. E passou a usá-la na educação dos surdos, a quem atendia. “Ensinava-lhes a língua escrita, a partir do que na época era conhecido como gestos”, o que veio a chamar-se também de *sinais metódicos*, que são combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada, utilizada na educação dos surdos. O resultado foi que religiosos e educadores de outros países como da Europa e dos Estados Unidos fundaram escolas usando o seu método no processo de aprendizagem. (BUZAR, 2009, p.28).

Mesmo assim, L'Épée foi muito criticado pelo seu método de “sinais metódicos”. Um dos críticos ferrenhos de sua metodologia foi Samuel Heinicke (1729-1790), pedagogo alemão, conhecido como o “Pai do Método Alemão” – Oralismo Puro –, que iniciou as bases da filosofia oralista, na qual um grande valor era atribuído à fala. (CORRÊA, 2008).

Heinicke ganhou notoriedade quando apresentou publicamente um surdo a quem educou por meio do ensino da língua escrita e da língua oral a ponto de receber o convite do príncipe Frederico Augusto para fundar e para dirigir a primeira escola para surdos, em Leipzig, em 1778. (BUZAR, 2009, p.29).

Nesse mesmo século, a surdez era considerada uma questão social e pedagógica, porém, a partir do *Congresso de Milão*, em setembro de 1880, o foco passou das estratégias educacionais para as questões médicas, o que acarretou sérios problemas para a educação dos surdos.

A partir do século XX, os surdos começam a reivindicar mais o direito de serem respeitados e de fazerem parte da sociedade; concomitantemente, houve um maior interesse em pesquisar sobre a surdez, no que diz respeito à linguagem e à educação, além, é claro, do empenho dos surdos em estudar e até em ingressar em uma universidade. No fim desse século, os surdos tomaram posse da administração da única Universidade para Surdos do Mundo (*Gallaudet University Library*, em Washington, EUA) e passaram a divulgar a *Filosofia da Comunicação Total*. Mais recentemente, os avanços nas pesquisas sobre a língua de sinais defenderam o acesso da criança – o mais precocemente possível – a duas línguas: à

língua de sinais e à língua oral de seu país, o que chamamos de educação bilíngue. (INES, 2011a).

Não se pode esquecer de que Stokoe (1965) – um dos primeiros pesquisadores que estudaram sobre a Língua Gestual Americana, quando trabalhou na Universidade Gallaudet – e outros pesquisadores conseguiram desenvolver o estudo sobre neuropsicologia da surdez, o que ajudou a entender como o surdo aprende e a importância da LS como um sistema linguístico. Isso fez que se eliminassem ou pelo menos se amenizassem os erros, como o de Aristóteles, que dizia que quem nascesse surdo não seria capaz de obter a linguagem e, conseqüentemente, seria incapaz de raciocinar. (INES, 2011b).

2.3 Um contexto histórico da formação educacional dos surdos no Brasil

A convite de D. Pedro II, Ernest Huet, em 26 de setembro de 1857, fundou a primeira escola para surdos no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro: o Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (INSM), atual Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES). Foi a partir desse Instituto que surgiu a mistura da *Língua de Sinais Francesa* com a língua de sinais brasileira antiga, a LIBRAS. (TREVISAN; SILVA; OLIVEIRA, 2008).

O Instituto funcionava em salas do Colégio de Vassimon, localizado na rua Municipal, n.º 8. Huet começou a lecionar, no dia 1.º de janeiro de 1856, para duas alunas surdas, ambas naturais do Rio de Janeiro, que recebiam uma pensão anual paga pelo Imperador. (PINTO, 2006). Na grade curricular, constavam estas disciplinas: Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada, Doutrina Cristã e Leitura sobre os Lábios; esta disciplina era apenas oferecida para quem tivesse algum resíduo auditivo por ter a possibilidade de desenvolver a linguagem oral.

Em 1858, havia 19 alunos; quatro deles eram mantidos por pensões particulares, mas, desses discentes, dois tiveram que se retirar da instituição; os outros eram mantidos por meio de pensões recebidas pelo Império e pelas ordens religiosas. Como se percebe, os alunos eram pobres, e a instituição os aceitava conforme recebiam as pensões, mas antes precisavam conquistar a confiança dos parentes dos surdos. Pelo fato de o diretor ser estrangeiro e de ser desconhecido o seu trabalho na sociedade, muitos ficavam receosos em entregar os filhos surdos para serem educados na instituição.

O fato é que, em 1859, o Instituto passou por dificuldades financeiras e até disciplinares e morais. Nesse mesmo ano, o aluno pensionista do Estado Francisco da Silva Moreira foi expulso pelo seu caráter indomável e pela pouca aptidão aos estudos, o que causou polêmica entre os responsáveis pela instituição. No ano seguinte, o aluno João Nepomuceno Corrêa César foi levado de volta à família. O motivo foi seu comportamento imoral e seu caráter incontrolável. Esses fatos acarretaram a saída do diretor Huet (PINTO, 2006). Enquanto isso, a instituição ficou a cargo do Frei João do Monte do Carmo e de Ernesto do Prado Seixas. Depois, esteve sob responsabilidade do Dr. Manoel de Magalhães Couto, que nada fez para os surdos, a não ser tornar o ambiente um grande asilo para esses deficientes. Em seguida, veio o Dr. Tobias Leite, que assumiu a instituição até 1896, ano da sua morte.

O INES é mantido pelo governo federal e atende, em seu Colégio de Aplicação, crianças, jovens e adultos surdos, de ambos os sexos. A partir de então, os surdos brasileiros passaram a contar com uma escola especializada para sua educação, e houve a oportunidade de criar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), mistura da Língua de Sinais Francesa com os sistemas de comunicação já usados pelos surdos das mais diversas localidades.

É válido ressaltar que o método da Libras passou por problemas. Em 1880, em Milão, houve o *Congresso Mundial de Professores Surdos*, no qual se obrigaram os surdos a usarem apenas o *método oralista puro* nas escolas e fora delas. Em seguida, no ano de 1896, o Instituto de L'Epée, na França, realizou um encontro internacional para avaliar a decisão tomada nesse congresso.

O representante do INSM, o professor A. J. de Moura e Silva, concluiu que esse método não poderia ser aplicado a todos os surdos por entender que cada caso apresentava características peculiares, o que implica que cada professor poderia usar o método com o qual obtivesse melhor resultado para o estudante surdo. O relatório feito pelo diretor, Dr. Tobias Rabello Leite, foi mais específico ao relatar o que já vinha sendo percebido: os alunos que estudavam no Instituto e eram provenientes de outros locais, quando retornavam aos seus países, levavam consigo a Libras como meio de comunicação. (FELIPE; MARQUES, 2011a).

O fato é que, a partir do Congresso em Milão, a filosofia educacional mudou: antes o método era combinado, já que sinais eram utilizados nos treinamentos em língua oral; depois muitas escolas aderiram ao método oral puro.

[...] os professores surdos foram afastados, e os alunos eram proibidos de usar a língua de sinais. Os professores chegaram ao ponto de amarrar as mãos das crianças para impedi-las de usar os sinais. Mesmo assim, a língua de sinais – no Brasil, mais especificamente a Libras – ainda continuou sendo a preferida das comunidades dos surdos por ser uma língua natural (FELIPE, 2000, p.87-89).

O método adotado no Congresso em Milão trouxe sérias consequências para a educação e a socialização dos surdos, visto que eles foram obrigados a “abandonar sua cultura, sua identidade surda e a se sujeitar a uma maioria de ouvintistas” .(CORRÊA, 2008, p.16).

Antes, a surdez se relacionava a questões sociais e pedagógicas, porém, a partir do Congresso de Milão, as estratégias educacionais mudaram para questões médicas. É necessário lembrar que o fator religião continuou a fazer parte dessa educação especial, mas, com o decorrer do tempo, não teve a mesma influência que apresentava na Idade Média.

Esses estudos da área médica sobre a população de surdos vieram de encontro com a política do Estado, que estava ampliando o espaço urbano, o que coincidia com o protecionismo religioso dos católicos e com o apoio do governo. (PINTO, 2006). Isso era apenas para a camada nobre da sociedade. As exceções eram, por exemplo, os deficientes, entre os quais se encaixavam os surdos, pois estes não infringiam as leis na sociedade nem eram de uma família nobre com poder aquisitivo e com *status* para receber uma boa instrução. Então só restava a caridade e o assistencialismo do Estado e dos mais favorecidos financeiramente para ajudar as pessoas surdas.

A década de 80 também foi significativa para os movimentos sociais das pessoas com deficiência, surgindo em 1984 a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENESIS (BUZAR, 2009, p. 32), que fez a integração com a *World Federation of Deaf* (WFD).

Além disso, começaram as pesquisas propriamente linguísticas sobre a Libras, desenvolvidas pelo Grupo de Estudo sobre Linguagem, Educação e Surdez – GELES –, com seu primeiro boletim editado em novembro de 1985, em Recife. Desde essa época, várias dissertações, teses, artigos e livros vêm mostrando aspectos da LIBRAS, como as seguintes publicações: 1982 – NAMURA, R. *A ordem sintática e a repetição*. Dissertação de Mestrado. Mogi das Cruzes; MOURA, M. C.; LODL, A. C. B.; PEREIRA, M. C. (eds) *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (Série de Neuropsicologia, v. 3). Em 1994, KARNOP dissertou sobre *Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de*

pais surdos. Além disso, estão sendo realizadas fitas de vídeo, filmes e outras mídias, por exemplo, pelo Ministério da Educação em parceria com o Instituto Nacional de Educação de Surdos sobre vários temas: Aids, drogas, sexo, entre diversos assuntos em Libras que podem servir como fonte de pesquisa sobre essa língua com vistas ao ensino-aprendizagem dos surdos.

2.4 Declaração de Salamanca

O fato é que, antes em 1994, surgiu o movimento da educação inclusiva, que defende, por meio da Declaração de Salamanca,

[...] o compromisso que a escola deve assumir de educar cada estudante, contemplando a pedagogia da diversidade, pois todos os alunos deverão estar dentro da escola regular, independentemente de sua origem social, étnica ou linguística (CORRÊA, 2008, p. 18).

Podemos entender que essa declaração trouxe outro questionamento, que foi:

[...] interpretar a ideia da política da inclusão como sendo a de manter todos juntos para acabar com a diferença, mas o que ocorre em verdade é a exclusão, pois, apesar de estarem juntos nas salas de aula, estão separados pela limitação da comunicação (CORRÊA, 2008, p. 19).

O aluno surdo, antes desta Declaração, era excluído apenas do convívio social; agora, com a inclusão escolar, passou em verdade a ser excluído também pelo fato de ter que seguir a língua oficial e natural dos ouvintes, o que nos faz considerar que a inclusão veio apenas forçar uma adaptação a um ambiente escolar que não faz parte da sua cultura. (TREVISAN; SILVA; OLIVEIRA, 2008). Para minimizar essa situação, fez-se necessário qualificar os professores por meio do estudo de Libras, ensinando-os a não impor a Língua Portuguesa como primeira língua dos surdos e a aceitar intérpretes em sala de aula; de preferência, que estes sejam surdos; é necessário, ainda, que os docentes saibam usar recursos visuais em suas aulas para facilitar a aprendizagem dos alunos surdos, além de entenderem a cultura dessas pessoas.

Vargas teve a sensibilidade de perceber o verdadeiro significado da inclusão quando disse que “inclusão é ser respeitado nas suas diferenças e não ter de submeter-se a uma

cultura, a uma forma de aprender, a uma língua que não é a sua”. (VARGAS, 2006 *apud* CORRÊA, 2008, p. 20).

O fato é que, com o decorrer do tempo, os estudiosos e os pesquisadores da área perceberam que existem surdos com graus diferentes de dificuldades auditivas e, conseqüentemente, de aprendizagem, o que fez que alguns surdos pudessem se “mesclar” com os ouvintes em sala de aula para um processo de ensino-aprendizagem respeitando suas culturas, sua história e sua língua.

Outros já precisaram em sala de aula de uma atenção mais especial, estudando, assim, em escolas específicas para pessoas surdas. Uma das escolas é o Instituto Santa Terezinha, fundado em 1923, em São Paulo, escola particular onde apenas meninas surdas estudavam. Já em 1954, foi fundada a escola particular Concórdia, localizada em Porto Alegre.

Segundo dados da Fenesis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, existem várias escolas municipais específicas para os surdos, a exemplo da Escola Rompendo o Silêncio, em Rezende, no Rio de Janeiro; a Escola Municipal Ann Sullivan, em São Caetano do Sul. Em Manaus, existem as escolas Instituto Felipe Smaldone (CEAL, Centro de Audição e Linguagem do Amazonas), além da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos; em Parintins, há a Escola de Áudio Comunicação “Padre Paulo Manna”. (FELIPE; MARQUES, 2011).

Autores como Quadros (1997) e Fernandes (2010) acrescentam que as escolas específicas para surdos precisam ter uma proposta bilíngue para atender às necessidades linguísticas e culturais desses deficientes.

As escolas no Brasil ainda não possuem uma proposta bilíngue. Mesmo assim, os surdos têm preservado suas identidades, suas culturas por poderem comunicar-se em Libras. Nesse cenário, os professores estão aprendendo Libras com instrutores surdos para poderem ensinar, comunicar e aprender com estes. Além disso, os surdos precisam ter mais associação, e não trabalhar apenas com o método oralista, porque, caso contrário, as crianças na época escolar irão desenvolver um dialeto ou mímicas entre elas para uma comunicação mínima e ficarão totalmente desintegradas da cultura surda brasileira; provavelmente, também, não terão um bom rendimento escolar. (FELIPE; MARQUES, 2011).

As escolas podem ser um dos fatores de integração ou de desintegração das comunidades surdas, dependendo da metodologia adotada. Se uma escola rejeita a língua de sinais, as crianças surdas que nela estudam não vão conhecer a comunidade surda de sua cidade e, conseqüentemente, não aprenderão uma língua de sinais ou, ainda, poderão interagir com os surdos de sua cidade somente após a adolescência.

Fernandes (1990) acrescenta a importância da linguagem como instrumento de socialização e o fato de que todos os estudos sobre esse tema permitiram concluir que a linguagem influencia diretamente no comportamento da integração social do indivíduo.

A primeira pesquisa sobre essa língua, em forma de livro, na qual se utilizou desenho e explicação dos sinais, mostrava os que eram usados pela Comunidade Surda do Rio de Janeiro.

[...] *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, publicado em 1875, foi feito por um ex-aluno do Instituto de Surdos-Mudos, Flausino José da Gama, que, ao completar dezoito anos, foi contratado por essa escola para ser um repetidor, ensinando aos seus colegas, em Libras, os conteúdos das disciplinas, segundo o Relatório do Diretor, Tobias Rabello Leite, de 1871. (FELIPE; MARQUES, 2011).

Mas o precursor nas pesquisas sobre línguas de sinais foi o inglês Bulwer J. B., que editou um livro sobre a língua de sinais inglesa: *Cherologic: or the natural language of the hand* London R. Whitaker. Depois, vieram outros, como o livro *The sign of Language of the deaf and dumb*, de NEVINS, R. W., publicado em 1985.

Nos Estados Unidos, a primeira publicação, em 1948, foi realizada pelos surdos: *Annals of the Deaf*, que conta o cotidiano dos surdos americanos. Depois, vieram outras publicações, tais como o artigo *Thinking in words and gesture*, escrito por BOOTH, E.; o manual *The sign language: a manual of signs*, feito por LONG, J. L.; STOKOE, W. C. fez o artigo *Sign Language Structure: an outline of the visual communication system of the American deaf*, publicado na revista *Studies in Linguistics, Occasional Papers* 8, entre outros (FELIPE, MARQUES, 2011).

No Brasil, o pioneiro em pesquisar e em escrever sobre a língua de sinais brasileira, como mencionado, foi um ex-aluno do Instituto de Surdos, Flausino da Gama. Apenas em 1969, KAKUMUSU, J. publicou o livro *Urubu Sign Language*, que registra sobre os índios Urubus-Kaapor, da Floresta Amazônica, os quais utilizam outra língua de sinais. (FELIPE, 2004,p.21).

O que se observa nesse contexto é que os surdos demonstram consciência em buscar seu espaço ao quererem ser valorizados e identificados como cidadãos numa sociedade onde quem impera são os ouvintistas.

CAPÍTULO 3 - PROCESSO COMUNICATIVO NA PEDAGOGIA SURDA

3.1 As relações da linguagem verbal e não verbal

Neste capítulo, não se relatarão todos os conceitos de comunicação humana, e sim apenas os quesitos sociológico, psicológico e estrutural, a partir de alguns autores eminentes, no intuito de poder mostrar a importância da comunicação para todos os indivíduos, embora se tenha delimitado como universo de pesquisa os surdos.

A comunicação existe desde o surgimento do homem. Sem ela, não nos poderíamos relacionar socialmente. A palavra *comunicação* vem do Latim *comunicare*, que significa *participar, saber falar, tornar comum*. Trata-se de um conceito eminentemente social que se refere à busca dos seres humanos pela socialização com o ambiente no qual convivem. Como diria Bordenave (1995, p. 19), “a comunicação é um ato primário que teve início desde o surgimento do primeiro ser vivo e é primordial para que haja relação social entre os seres vivos”.

E Dumazedier (1966 *apud* RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 158) acrescenta sobre o conceito sociológico:

[...] o papel decisivo da comunicação é o da transmissão de significados entre as pessoas no processo de inserção e de integração do indivíduo na organização social. Nessa perspectiva, a comunicação funciona como instrumento das relações sociais, desencadeando o fluxo interativo; e, num outro prisma, é preciso entendê-la como determinante da própria interação, constituindo uma necessidade social, básica nos dias de hoje.

Como atividade profissional, a comunicação pode ser produzida com a intenção de ser vendida em forma de informação por meio dos veículos de comunicação, tais como jornais impressos, livros, telejornais etc. Para haver esse tipo de comunicação, é preciso que as pessoas sejam qualificadas e graduadas na área da Comunicação, passando por um conjunto de conhecimentos e de técnicas adequadas para persuadir e para seduzir de maneira eficaz, o que não consiste, por exemplo, em uma simples roda de conversa num bar.

É o que afirmam Rabaça e Barbosa (2001, p.155) ao descrevê-la:

Atividade profissional voltada para a utilização desses conhecimentos e técnicas por meio dos diversos veículos (impressos, audiovisuais, eletrônicos etc.), ou para a pesquisa e o ensino desses processos. Nesse sentido, a comunicação abrange diferentes especializações (jornalismo impresso, jornalismo audiovisual, publicidade e propaganda, *marketing*, relações públicas, editoração, cinema, televisão, teatro, rádio, Internet etc.), que implicam funções, objetivos e métodos específicos.

Desse modo, para se poder ter a noção do que é comunicação, deve-se ter conhecimento de que existem várias áreas do saber da comunicação, como a da Psicologia, a da Sociologia, a dos cibernéticos, entre outros. Todas elas devem estar relacionadas nos processos comunicativos para que ocorra uma comunicação coerente e compreendida.

Conforme Jakobson (1973 *apud* BORDENAVE, 1995), para explicar os elementos que compõem a comunicação, há os seguintes elementos: o emissor, que produz e emite a mensagem codificada para o receptor (destinatário). Mas, para que a mensagem seja perfeita, é necessário o canal de comunicação (exemplo: o rádio e a TV), no qual a informação é repassada sem nenhum ruído para chegar limpa ao seu destinatário, de sorte que ela seja decodificada. Além disso, o receptor e o emissor também devem estar situados no mesmo contexto e com o mesmo tipo de linguagem para interpretar o código (conjunto estruturado de signos) e para haver um diálogo, de forma que, em um mesmo momento, o receptor se torne o emissor, e vice-versa; é o que chamamos de *feedback*.

Existem diferentes tipos de comunicação, dentre eles a verbal e a não verbal. A primeira utiliza mais comumente a comunicação oral e refere-se à emissão de palavras que usamos para nos comunicarmos; e pode usar o processo da escrita; enfim, pode ser o registro de observações do cotidiano. Quanto à segunda, pode abranger o uso de imagens, figuras, desenhos, símbolos, dança, postura corporal, pintura, música, mímica, escultura e gestos como formas de comunicação.

Não se trata de mostrar qual dos tipos de comunicação é mais importante, mas sim a importância da comunicação não verbal para os surdos. Essas variantes são dependentes entre si para que possa existir uma comunicação sem problemas na hora de decodificá-la. (PEREIRA, 2009)

As comunicações não verbais estão ligadas aos órgãos sensoriais, que possuem cinco categorias (tato, visão, olfato, paladar e audição). Falar-se-á da linguagem visual por ser a mais significativa para os surdos, pois esta é expressa por meio de gestos, fotografia, propaganda, ilustração, expressão facial e corporal e se utiliza das linguagens gesticulatórias, o que configura uma forma de mensagens não verbais que substituem as palavras (comunicação não verbal).

Isso nos remete à Libras (Língua Brasileira de Sinais), uma língua de sinais por possuir estruturas gramaticais próprias, morfologia, sintaxe e semântica. Além de ser um meio de comunicação, é vista também como suporte do pensamento e ajuda no desenvolvimento cognitivo, social e cultural do sujeito surdo. (TREVISAN; SILVA; OLIVEIRA, 2008).

Na língua de sinais, as palavras ou itens lexicais são denominados de *sinais*.

Os sinais são formados a partir de combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este usar uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros, portanto, nas línguas de sinais [...]. (FELIPE, 2004, p. 22).

Nas línguas de sinais são encontrados cinco parâmetros: configurações das mãos, em que podemos incluir a datilologia; ponto de articulação; movimento, que é a ação de colocar a mão configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro, sempre do tronco superior para cima; orientações/direcionalidade (os sinais têm uma direção em relação aos parâmetros citados); e a expressão facial e/ou corporal. (FELIPE, 2004).

Isso nos leva a formar palavras e frases com coerência em um determinado contexto, o que faz que os surdos tenham sua própria língua e que possam comunicar-se.

Essa língua com parâmetros também faz uso da linguagem verbal. A exemplo disso, citemos a “escrita de sinais” – *SIGN WRITING*, que escreve a língua de sinais, própria para os surdos.

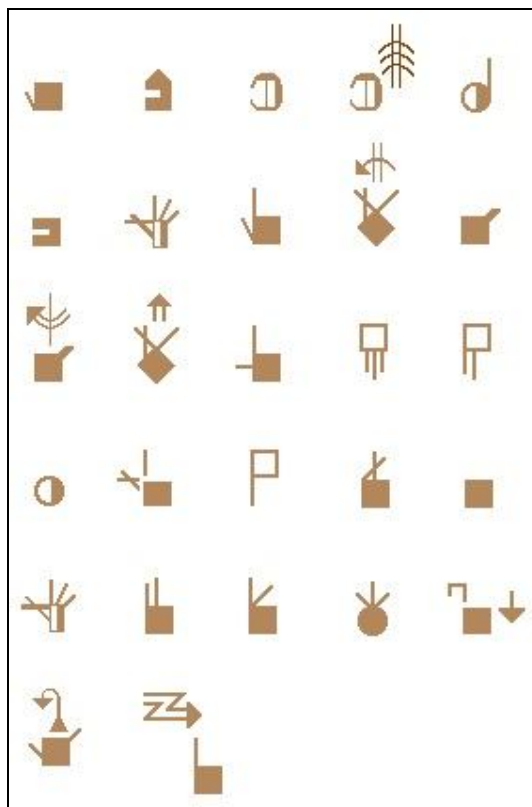


Figura 1 - Escrita de Sinais

FONTE: Escrita de sinais, 2010. Retirado de: <<http://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/07/alfabeto-manual-ou-datilologia/>>. Acesso em: 5 fev. de 2011.

Essa escrita foi criada pela dançarina norte-americana Valerie Sutton quando frequentava a Universidade de Copenhague, na Dinamarca. Ela criou uma regra para escrever danças, o que fez despertar a curiosidade de pesquisadores da língua de sinais.

Com isso, surgiu, em 1974, na Dinamarca, a primeira forma de escrita de sinais baseada na escrita da dança. Com o tempo, essa escrita evoluiu e se tornou popular quando passou a constar do computador por meio do programa *Signwriter*. Em 2004, na Universidade Católica de Pelotas-RS, criou-se um programa mais fácil de manusear, o chamado *Swedit*, que faz uso da plataforma *Windows*.

No Brasil, a escrita em Libras tem seu ponto forte na região Sul, mais especificamente no Rio Grande do Sul, em instituições como a PUC, a Escola Especial Concórdia de Porto Alegre e a Escola Hellen Keller, de Caxias do Sul. Foi nessa região, por meio do professor da PUC, Dr. Antonio Carlos da Rocha, que se descobriu o *Sign Writing*; e assim o método começou a ser implantado no Brasil. (QUADROS, 1997).

No que diz respeito à oralização dos surdos, não podemos dizer que eles são mudos. Os surdos podem falar quando é ensinado a falar, realizando a leitura labial dos seus locutores. Basta manter o contato visual com o surdo para que esse tipo de comunicação ocorra. Tudo depende do grau de deficiência de surdez; para uma pessoa surda de nascença, é mais difícil aprender a falar, e sim que apenas mais viável emitir sons.

Algumas dessas deficiências físicas no que diz respeito à fala dos surdos são devidas:

A laringe dos surdos tende a encontrar-se muito elevada e distendida. Seus movimentos são anormais. A dificuldade de contração das cordas vocais, além da falta de retroalimentação auditiva, torna sua voz débil, áspera ou rouca. Além disso, o ar inspirado não se transforma totalmente em ondas vibratórias, encurtando o tempo da fonação e obrigando o falante a inspirar com mais frequência. (FERNANDES, 1990, p. 34).

Outro fator são os músculos da boca, que, por não estarem em uso constante como os de um falante normal, podem causar dificuldades na fala; sem contar que a língua dos surdos não faz todos os movimentos esperados; se não exercitada desde cedo, dificultará as articulações dos sons. (FERNANDES, 1990).

Ressalva-se que existem surdos que não querem ser oralizados, mas sim apenas sinalizados, o que ocorre com o uso da língua de sinais. Isso se deve a vários motivos, entre eles vergonha, além de não gostarem ou porque não aprenderam a falar.

Não se pode deixar de mostrar o conceito que C. Hovland dá sobre a comunicação ao defini-la como “o processo-meio pelo qual o indivíduo (o comunicador) transmite estímulos (geralmente símbolos verbais) para modificar o comportamento de outros indivíduos (receptores)” (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 156). Por isso, faz-se prioritário compreender a função que a língua tem para a comunicação entre as pessoas.

3.2 A língua como manifestação social

Antes de tudo, é necessário deixar claro o significado de línguas para que possamos esclarecer o que é Libras.

A língua pode ter dois significados: um deles como a parte anatômica do corpo, que é considerado um *órgano músculo membranoso movible situado en la cavidad bucal; es el asiento primordial del gusto y contribuye a masticación, deglución y articulación de los sonidos* (DICCIONARIO MÉDICO, 1999, p. 364), enfim é uma ferramenta utilizada na comunicação verbal. Mas, no contexto desta pesquisa, o que nos interessa é saber que a língua

é uma expressão localizada, geográfica, cultural da linguagem: cada povo, cada país tem a sua língua. Pode-se citar como exemplos a Libras, o Português, o Espanhol, entre outros. Todas são reconhecidas legalmente pelo Poder Legislativo, pelo fato de possuírem gramática sintática própria, ao contrário do dialeto. Enfim, a língua nada mais é que uma manifestação da linguagem. Ou, como explica Vilalba, (2006, p. 30):

[...] código inscrito num processo histórico, utilizado e reconhecido como valor cultural fundamental de um povo e em contínuo processo de transformação (processo de transformação que cessa no caso das chamadas ‘línguas mortas’, como o Latim). O conjunto de regras que regula as possibilidades enunciativas de uma língua é chamado ‘gramática’.

Na concepção de Saussure, língua é o “produto social da faculdade de linguagem” e “um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social, para permitir o exercício da linguagem”. (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p.429). E complementa:

É um código, um sistemas de signos, constituídos pela associação de imagens auditivas a conceitos determinados. Barthes complementa a definição de Saussure, situando a língua como “a linguagem menos a fala”: é ao mesmo tempo uma instituição social e um sistema de valores.

Isso significa que a língua não é planejada pela linguagem; o indivíduo então não a cria, não a modifica, por ser um contrato consensual da sociedade, no qual existem regras como as gramaticais a serem cumpridas para que ocorra a comunicação, e isso só se efetua quando passamos por um processo de aprendizagem. (RABAÇA; BARBOSA, 2001). Assim, a Libras – Língua Brasileira de Sinais – é uma língua de modalidade gestual-visual, desenvolvida a partir da língua de sinais francesa, utilizada para a comunicação entre pessoas surdas. E é dita “como primeira língua por pessoas que não podem ouvir nenhuma língua falada e por filhos de pais surdos”. (STOKOE, 1960 *apud* NOBRE; RAMPELOTTO, 2008, p. 25). Ela é utilizada cotidianamente no Brasil, visto que cada país possui sua própria língua.

No Brasil, existe a Lei de Libras – 10.436, de 24 de abril de 2002 –, e sua normatização por meio do Decreto 5.626, publicado em dezembro de 2005, deixa clara a obrigatoriedade da língua de sinais na grade curricular dos cursos de licenciatura e a de fonoaudiologia, quer públicos, quer privados.

O que vem afirmar:

[...] que uma língua de sinais é um sistema linguístico e implica reconhecer que possui uma estrutura, composta por elementos formais e regras combinatórias, semelhantes a qualquer língua oral. É um sistema capaz de expressar, por exemplo, número, gênero, agente, localização da ação. No entanto, enquanto as línguas orais são articuladas verbalmente, captadas auditivamente e se caracterizam por um fluxo linear, quer temporal (na forma oral), quer espacial (na forma escrita), as LSs são articuladas por gestos que incluem mãos, face e corpo, captados visualmente, e se caracterizam por um fluxo de elementos simultâneos que se sucedem temporalmente, num espaço articulatório bem determinado (NOBRE; RAMPELOTTO, 2008, p.25).

Stokoe (1960 *apud* NOBRE; RAMPELOTTO, 2008) explica que a natureza das LSs (Línguas de Sinais) não é universal, pois o uso da face, das mãos, dos braços e de outras partes do corpo como maneira de se expressar é algo encontrado em diferentes culturas e pode ter significados distintos.

Outra confusão que se faz é achar que as línguas de sinais são línguas orais expressas manualmente. De acordo com Battison (1978 *apud* NOBRE; RAMPELOTTO, 2008) isso acontece pelo fato de ser aceitável codificar manualmente um língua oral por meio da datilologia.

Entende-se que a datilologia é uma ferramenta da Libras, pois esta é um alfabeto manual. Ele é produzido de várias formas nas mãos, e cada formato representa uma letra do alfabeto escrito, porém são realizadas no ar, enfim, no espaço neutro, as palavras que não possuem ainda sinais.

Assim, igualmente ocorre quando se dialoga sobre iconicidade, visto que a maioria das pessoas pensa que ela não possui normas e regras em uma comunicação. Claro que os sinais icônicos têm sua motivação pelo fato de apresentarem uma relação de semelhança com o referente, mas o fato é que, com o tempo, mostram a sua arbitrariedade. (TREVISAN; SILVA; OLIVEIRA, 2008).

Perdura também o falso conceito de que conteúdo e expressividade são limitados, quando se trata de recursos gramaticais e lexicais, e não são adequados quando o assunto envolve fatos abstratos. Contudo, em línguas de sinais, existem peças infantis, como o conto da *Chapeuzinho Vermelho*, a fábula *A raposa e a uva* (CONCEIÇÃO; ROCHA, 2007), poesias etc.

Como diz Battison (1978 *apud* NOBRE; RAMPELOTTO, 2008, p.29):

[...] não há limites, praticamente, à extensão ou à qualidade de uma conversa em LS, exceto aquelas impostas pela memória, pelas experiências e pelas inteligências humanas. Nesse particular, as LSs não são diferentes das línguas faladas.

Como se nota, as diferenças existem entre a língua de sinais e a língua falada. O código linguístico é transmitido por meio do canal gestual, e não do sonoro, o qual utiliza a percepção visual por ser a mais adequada ao surdo, e a expressão é cinética e não verbal.

Apesar dessas diferenças de superfície, as funções comunicativas e os princípios gerais de organização das LSs seguem o mesmo plano geral das demais línguas naturais. (TREVISAN; SILVA; OLIVEIRA, 2008).

3.3 O conceito de linguagem

A linguagem é dita como sistema de signos, seja vocal, seja escrito, visual, fisionômico, sonoro, gestual, entre outros, a qual é capaz de servir para a comunicação entre os indivíduos. O homem a usa como instrumento para criar vínculos no tempo, para determinar os tipos de relações que pretende manter com o seu semelhante por meio do intercâmbio cultural e para obter o domínio e o controle sobre os grupos sociais.

Existem autores que seguem a linha conceitual de que foi o homem quem deu origem à linguagem para poder descrever e narrar os signos pela necessidade de informar e de alterar o comportamento alheio. O contraponto fica por conta de alguns comunicólogos e cientistas cognitivos que alegam que pode acontecer uma comunicação de forma natural ou lúdica, sem intenção de avisar ou de influenciar comportamentos. (VILALBA, 2006).

Outros acrescentam que a linguagem pode ser considerada meio de expressão de uma sociedade, inclusive – conquanto não percebamos – com o poder de construir, modificar, reconstruir o mundo por meio dos seus hábitos, num determinado grupo. Assim interpretamos e compartilhamos várias maneiras e modos de percepção, a exemplo de ver e/ou de ouvir experiências de vida conforme o hábito da linguagem impregnado na comunidade na qual vivemos. É o que relatam Rabaça e Barbosa (2001, p.430) ao dizerem que:

Essa concepção mais ampla de linguagem dá margem a duas posições divergentes: a) todos os seres vivos têm certa forma de linguagem; b) a linguagem é um fato exclusivamente humano, um método de comunicação racional de ideias, de emoções e de desejos por meio de símbolos produzidos de maneira deliberada.

Essa tese nos conduz a estudos que comparam a linguagem humana com a capacidade de comunicação animal, não obstante haja diferenças de interpretação. O fato é que há um grupo que relata que os seres vivos são capazes de identificar e de produzir signos. Há quem alegue que os animais possuem um número limitado de sinais centralizados em regras e de

combinações, enquanto acontece o oposto com os seres humanos (VILALBA, 2006), haja vista o “grau de diferença de inteligência” que estes possuem.

Vilalba (2006) complementa que o ser humano tem a capacidade de manifestar de maneira inteligível, se quiser, ou por outros fatores, por exemplo, falta de conhecimentos, aprendizado, mas também pode atribuir vários significados a um objeto como se fosse mensagem.

A linguagem pode ser usada de diferentes formas pelo emissor ao querer transferir uma mensagem durante a realização do processo de comunicação. Para que a comunicação tenha êxito em seu processo e atinja o receptor como se deseja, é aconselhável realizar uma função da linguagem precisa e exata. Para esse fim, existem seis funções: metalinguística, poética, emotiva, referencial ou denotativa, apelativa ou conativa e fática; todas anseiam persuadir o seu público-alvo para realizar seu objetivo, qualquer que seja ele, o que não é diferente em relação aos surdos.

3.4 Os parâmetros da Libras e a sua legislação

A Libras é a sigla da LBS; é a língua materna, enfim uma língua natural dos surdos. Sua origem veio da Língua de Sinais Francesa.

Isso nos faz entender, conforme os estudos de Vygotsky (2000), que a Libras surge de maneira inconsciente, espontânea, ao contrário de uma língua estrangeira; em contraposição a isso, pode-se citar a Língua Portuguesa, que exige um esforço adicional, por ter, por exemplo, recursos linguísticos diferentes.

Isso não significa, contudo, que a língua de sinais se resume a mímicas e a gestos, pois esta possui sua própria gramática.

O professor americano da Universidade de Gallaudet, Willian Stokoe, conseguiu provar, por meio da Linguística, que a língua de sinais tem regras gramaticais próprias, o que significou que essa modalidade constitui línguas oficiais, e não dialetos ou mímicas como muitos pensavam ou ainda pensam. (TREVISAN; SILVA; OLIVEIRA, 2008).

Brito (1993 *apud* RAMOS, 1995, p.17) acrescenta:

[...] as línguas de sinais são portadoras de estrutura própria e, portanto, codificadoras de uma 'visão de mundo' específica; e são constituídas de uma gramática, apresentando especificidades em todos os níveis: fonológico, sintático, semântico e pragmático, apesar de que, em suas estruturas subjacentes, parecem utilizar-se de princípios gerais similares aos das línguas orais.

No Brasil, a Libras foi legalizada como forma de comunicação e de expressão dos surdos, a partir da sanção, no dia 24 de abril de 2002, da Lei n.º 10.436.

Nessa lei, a qual tem como finalidade garantir a oficialidade da LIBRAS, o seu Art. 1.º sustenta:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras – a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e de fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Existem pesquisas que demonstram que a Língua de Sinais possui uma organização neural parecida com a da língua oral, o que significa que as LSs se organizam no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas. (TREVISAN; SILVA; OLIVEIRA, 2008).

As articulações com as mãos podem ser comparadas com os fonemas e, algumas vezes, com os morfemas, na medida em que são ditas como parâmetros. Estes podem formar palavras e até frases dentro de um contexto determinado. (OLIVEIRA, 2008, p. 96). Isso demonstra que todas as línguas de sinais, independentemente do país, utilizam as mãos. Mas é válido destacar que, nesse processo de comunicação, o movimento do corpo e a expressão facial são também determinantes.



Figura 2 – Alfabeto Manual

FONTE: Retirado de: <<http://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/07/alfabeto-manual-ou-datilologia/>>. Acesso em: 5 fev. 2011



Figura 3 – Verbo TER

FONTE: Libras Intermediário, 2012, p.79

As mãos podem usufruir dos movimentos no espaço durante a realização do sinal ou podem usar o sinal sem os movimentos; por exemplo, a palavra *Ter* e/ou a datilologia, que nada mais é que um alfabeto manual. Outro parâmetro é o ponto de articulação, que é onde as mãos começam a fazer formas, isto é, onde configuram algo (palavras), que pode tocar parte do corpo ou apenas ater-se ao espaço. Há também a orientação chamada de direcionalidade, que consiste na direção ou na orientação que o sinal quer assumir em relação ao ponto da articulação e ao movimento para que tenha um significado. (TREVISAN; SILVA; OLIVEIRA, 2008).

No que tange à expressão facial e/ou corporal, Quadros e Schmiedt sustentam que “as expressões faciais são marcas não manuais que podem apresentar funções gramaticais obrigatórias” (OLIVEIRA, 2008, p.100). Um fato curioso para o qual se deve chamar a atenção é que a entonação em línguas de sinais é realizada pela expressão facial.

3.5 O impacto da LS e do visuoespacial para a vida dos surdos

As pessoas seguem um padrão de vida e são consideradas normais em todos os aspectos, o que inclui tanto o físico quanto o intelecto, quase sempre impostos pelas mídias. As que não seguem esse padrão são na maioria das vezes excluídas pela sociedade, vivendo à margem desta, além de serem consideradas como “problemas”.

Em um relato espontâneo e forte, numa aula de Libras no Curupira, a professora surda relatava que existem pais que, quando veem seus filhos recém-nascidos, fazem planos para que estes tenham um belo futuro. Mas, quando percebem que seu herdeiro é surdo, até que vão atrás de tudo quanto é tipo de orientação, o que não é ruim, ao contrário. Depois de um tempo, pela falta de paciência, de compreensão e de esclarecimento, começam a deixar seus filhos sob a responsabilidade de quaisquer pessoas, sem se preocupar com a educação deles, os quais passam a ser tratados como um empecilho, e não mais com a perspectiva de serem filhos bem-sucedidos na sociedade.

Isso não condiz com as teorias de educação de Vygotsky (2003), que trata sobre o papel da sociedade e da atividade social com vistas ao desenvolvimento intelectual das crianças surdas, mas sempre respeitando a individualidade de cada ser humano e suas experiências, para que possam expressar seus pensamentos.

Vygotsky (2003), por meio de suas observações, percebeu que a criança surda, especialmente a partir dos dois anos, começa a se comunicar. Essa comunicação inicial visa ser um papel social, que começa em casa, com a família.

Desse modo, os pais, ao perceberem a deficiência auditiva, obrigam seus filhos a um método de oralização, muitas vezes apoiados pelos ditos *experts* na área biológica, que afirmam que a melhor solução para a criança surda é dar início a um procedimento oral em vez de fazê-lo pela via visual, para que não seja discriminada e seja aceita pela sociedade.

Outros pais acabam usando uma comunicação caseira, familiar, com a qual apenas os mais próximos conseguem decifrar o código nesse processo comunicativo. Isso não é totalmente ruim, pois as crianças conseguem seu principal objetivo, que é poder comunicar o que pensam e sentem sobre determinados assuntos com as pessoas que convivem em seu ambiente social.

Porém alguns pais não percebem que seus filhos necessitam ampliar seus horizontes, convivendo em outros ambientes, para que possam saber relacionar-se com outras pessoas e desenvolver a sua capacidade intelectual e emocional como qualquer pessoa.

Quando eles são levados à escola, encontram algumas professoras que apenas enxergam as crianças surdas como um estorvo e sem a capacidade de se desenvolverem cognitivamente, principalmente quando a sala é composta de alunos-ouvintes, entre os quais prevalece a cultura e a educação baseada no Português como primeira língua, que se utiliza do sistema da oralidade para educá-las. Ao contrário disso, o surdo, por sua vez, necessita da Libras, que tem como sistema o visuoespacial.

Assim, o surdo, sem ter como comunicar-se e sem entender o que a professora está ensinando, isola-se em um mundo de solidão. E a professora, para fingir que está realizando sua função como profissional, aplica durante todo o semestre desenho para que o discente possa pintar, com a desculpa de que assim o aluno surdo pode desenvolver a coordenação motora, a comunicação e a interação social.

Porém, quando existem educadores com responsabilidade, estes encontram meios de educá-los, porque sabem que todos têm capacidade para a aprendizagem. Basta entenderem que os surdos usam o espaço-visual e, conseqüentemente, a sua cultura.

É o que Vygostsky (1983, p. 14 *apud* BUZAR, 2009, p. 49) chamou de *teoria da compensação*, segundo a qual os surdos – ou outra pessoa dita não normal – podem usar o seu defeito como estímulo para superar obstáculos impostos pela sociedade, pois, qualquer que seja o problema orgânico/biológico, nada os impede de conseguir seus objetivos; claro que cada um em seu tempo.

Assim o surdo compensa a sua falta de audição utilizando e aguçando sua capacidade visual para compreender o mundo e para interagir com ele, apenas mudando os caminhos. Desse modo, não se oprime pela pressão da sociedade, a qual julga que só os normais têm vez.

3.6 A mediação visual no aprendizado e na socialização

A presente pesquisa está sendo concebida com base na reflexão referente à necessidade de investigar os aspectos cognitivos da surdez nas crianças e, do mesmo modo, a utilização dos meios visuais como apoio para o desenvolvimento da aprendizagem.

“As mídias são simplesmente meios, isto é, suportes para a linguagem transitar a fim de criar corpo no processo comunicativo”. (SANTAELLA, 2007, p.77). Sob esse prisma, a autora não menospreza as pesquisas a respeito das múltiplas conseqüências que a mídia tem

trazido à sociedade contemporânea, mas, sim, apenas está dando a devida ênfase às linguagens.

Após a utilização dos meios visuais, como fotografias de revistas, que auxiliam na alfabetização das palavras em língua de sinais, os pedagogos e os professores, por exemplo, da Escola Augusto de Carneiro dos Santos perceberam um aumento do interesse dos surdos pela aprendizagem tanto no âmbito cognitivo (ligado a conhecimentos, informações ou capacidades intelectuais) quanto no aspecto afetivo, o que vem ajudar no processo comunicativo entre os alunos e os professores, não só no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, mas também à socialização dos surdos na sociedade.

Conforme Fernandes (2003), é notório para os estudiosos que a maturação cognitiva e o modo em que é aplicada a introdução linguística, que são elementos naturais que se sucedem tanto como linguagem verbal como não verbal, são fatores que diferenciam os ouvintes dos surdos, visto que, mesmo que estes tenham uma educação especial, sempre estarão em condições diferentes no que diz respeito às línguas oral-auditivas, mas a influência mútua entre a Libras e a linguagem visual estimula a prática da informação, da educação e do entretenimento para os surdos.

Assim, é claro que a linguagem se destaca em todos os aspectos da vida de um indivíduo, já que

[...] a concepção do mundo de quem está privado da audição, desde o nascimento ou a partir de tenra idade, não poderá ser a mesma de um ouvinte normal, visto serem muitos os processos que dependem do sentido auditivo em termos de aprendizagem e constatações do universo das pessoas e das coisas que o cercam. (FERNANDES, 1990, p.53).

Oferecer ao surdo a posse da língua de sinais como primeiro idioma é a forma de possibilitar-lhe um meio natural de aquisição linguística, visto que se apresenta como uma modalidade espaço-visual, o que prescinde da audição; desse modo, haverá um meio de comunicação vivo e um instrumento de desenvolvimento cognitivo necessário para as crianças surdas.

Observam-se, também, referências de Quadros (1997) e de Fernandes (2010) segundo as quais as crianças surdas devem adquirir a Libras antes da Língua Portuguesa, pois, assim, elas podem desenvolver suas habilidades inatas e o seu processo de aprendizagem. A Libras é uma língua natural e fundamental para o processo cognitivo, emocional, social e intelectual dos surdos; só assim eles poderão utilizar esse meio de comunicação para se expressar com outras pessoas – quer sejam ouvintes, quer não.

Quadros (1997) diz ser importante também ater-se ao fato de que não se pode rejeitar a Língua Portuguesa, mas, sim, colocá-la como segunda língua para a comunicação com os ouvintes e para os demais aspectos da vida em sociedade, já que prevalece no Brasil a cultura dos ouvintistas. Além da necessidade de se socializar para comunicar seus pensamentos, faz-se prioritário o uso da LP para poder, também, ter autonomia financeira e emocional.

Anderson (1994 *apud* QUADROS, 1997) constata também que é fundamental que se utilizem meios eletrônicos, como a Internet e a televisão, para a interação e para a obtenção da atenção da criança surda. Martin Barbero (2006 *apud* SANTAELLA, 2007) acrescenta que a tecnologia não se reduz a meros aparelhos, e sim deve coexistir com novos modos de percepção da linguagem e, conseqüentemente, com novas sensibilidades que modificam o estatuto cognitivo.

Já Fernandes (2003) aborda a questão de que não se deve ficar discutindo sobre falsos conceitos pedagógicos, por exemplo: se os surdos devem frequentar fonoaudiólogos, como se essa ação representasse a única prioridade para a educação dos primeiros, restringindo a Libras como base de sucesso na educação da criança surda. Deve-se perceber que o professor precisa saber a Libras para lecionar para esses alunos – e é preferencial que os docentes sejam surdos ou que trabalhem como intérpretes em sala de aula.

Quadros (1997, p.67) afirma:

[...] considerando uma proposta bilíngue, a Libras deve ser a L1 (primeira língua) da criança surda brasileira, e a Língua Portuguesa deve ser sua L2 (segunda língua). As razões dessa afirmação estão relacionadas com o processo de aquisição dessas línguas, considerando a condição física das pessoas surdas: são surdas. Qualquer língua oral exigirá procedimentos sistemáticos e formais para ser adquirida por uma pessoa surda.

Não se percebe que, muitas das vezes, a dificuldade em aprender a Língua Portuguesa é devida ao fato de não ser a sua língua natural, e os professores, assim como a sociedade, “exigem” que os surdos façam parte desse contexto, por não entenderem que, biologicamente, estes têm percepções mais aguçadas do espaço e das imagens – devido às suas necessidades –, ao contrário dos ouvintes, que usam a oralidade.

Ademais,

É muito provável que, antes, a família, não preparada para a educação do surdo, já tenha incorrido em vários erros prejudiciais à criança, condicionada e condicionadora de comportamentos negativos para sua correta educação. Fatores como superproteção ou, inversamente, falta de atenção adequada normalmente contribuem para que se manifestem tendências de introspecção e de imaturidade. (FERNANDES, 2003, p.47).

Assim, é direito do indivíduo surdo ter acesso à Libras como seu principal instrumento linguístico – que é reconhecido pela Lei n.º 10.436, sancionada no dia 24 de abril de 2002 –, característico da comunidade à qual naturalmente pertence. Esse é um fator essencial para a educação especial, por ser um modo eficaz para que os discentes interajam socialmente com os professores-intérpretes e com os surdos.

Deve-se também ter a consciência de que “o estudo sobre as etapas evolutivas e de maturação linguística não deve estar dissociado do estudo a respeito da maturação anatomofuncional do indivíduo” (FERNANDES, 2003, p.31). Chomsky propôs em seus estudos que a maturação linguística é inata e está ligada ao cérebro, o que mostra que a idade da pessoa está diretamente entrelaçada com o desenvolvimento desse órgão. Além disso, o estado maturacional desse órgão é fundamental para a aquisição da língua. (FERNANDES, 2003).

Fernandes (2003, p.31) explica ainda que:

[...] qualquer desajuste ou defasagem anatomofuncional pode prejudicar o desempenho e, conseqüentemente, interferir na análise do desenvolvimento linguístico de uma criança. Por outro lado, traçar um perfil do desenvolvimento linguístico exige um paralelo do perfil cognitivo, quando não se trata apenas da descrição da aquisição, das regras gramaticais de uma língua. O estímulo do meio é fator indispensável para pôr em atividade os mecanismos de aquisição (ou o impulso natural de aquisição de língua), despertando a capacidade inata do indivíduo.

Por seu turno, Vygotsky enxerga o desenvolvimento cognitivo – enfim a maturação cognitiva – enquanto uma perspectiva mais psicológica, sobretudo sociocultural. Sob esse prisma, critica o inativismo chomskyano por entender que os estímulos para o desenvolvimento da linguagem e do pensamento vêm externamente da sociedade, de sorte que o desenvolvimento do signo depende das leis socioculturais que regem sua comunidade, as quais são dinâmicas e evolutivas, já que se trata de questões históricas e subjetivas. (FERNANDES, 2010).

Assim, os recursos visuais utilizados para o ensino-aprendizagem das crianças surdas nas escolas devem consistir de ferramentas para o público infantil e com potencialidades que podem ser desenvolvidas por meio desses recursos, uma vez que os surdos têm como um processo natural a linguagem espaço-visual mais aguçada do que a oral-auditiva devido à sua deficiência auditiva. Quanto à questão de ser usada a Libras como primeira língua, essa escolha se deve ao fator biológico, linguístico, cultural e social.

Por tudo isso, tem-se a consciência de que, para sanar os entraves citados e para se chegar a um método adequado para as crianças surdas, isso irá requerer um esforço. Deve-se, então, começar a superar os obstáculos desde já, tomando iniciativas, a exemplo da que se teve aqui, que é a de expor questões referentes a essa temática por meio deste projeto.

CAPÍTULO 4 – A NEUROFISIOLOGIA E A ANATOMIA DOS SURDOS

A surdez ocorre quando existe perda total ou parcial da audição; esta é o sentido responsável por captar as informações sonoras que nos rodeiam, sejam elas sons de palavras, sejam de outra natureza (SURDEZ, 2007c). Vamos entender um pouco da fisiologia e da anatomia do ouvido, como uma maneira de se compreender o porquê de os surdos terem dificuldade de se concentrar, de aprender por meio da escrita, além das alterações na fala, da dificuldade de relacionamento com pessoas auditivamente saudáveis, da insatisfação e da solidão.

Os seres humanos possuem três porções no ouvido, e cada uma delas possui partes. A orelha externa (ouvido externo) é composta pela parte externa, que é o pavilhão auricular ou simplesmente orelha, e pela parte interna, que constitui o canal auditivo (também chamado de conduto auditivo externo ou meato auditivo), com a membrana timpânica no fundo do canal.

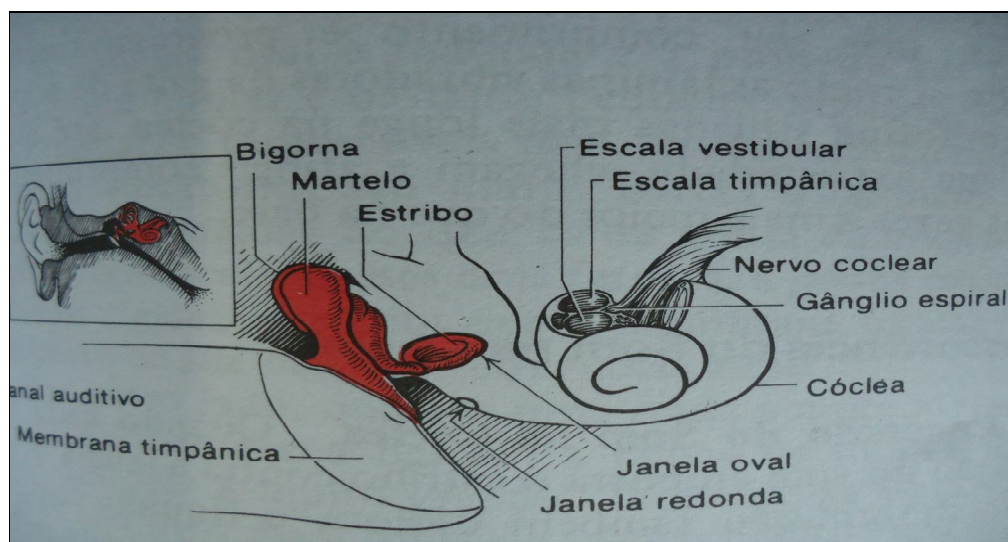


Figura 4 – Organização geral do ouvido, mostrando a orelha externa, o sistema ossicular e a cóclea.

FONTE: GUYTON. Fisiologia Humana 1988.

A orelha média ou a chamada de ouvido médio, como explica Fernandes:

O ouvido médio – orelha média – é constituído pela caixa timpânica e pela mastoide e se comunica com rinofaringe por meio da tuba – ou trompa de Eustáquio. Destaca-se, na caixa timpânica, uma cadeia de ossículos denominados *malleus* (martelo), *incus* (bigorna), *stapedium* (estribo). A condução e a amplificação das ondas sonoras decorre da ação coordenada dessa cadeia de ossículos e de pequenos músculos. Cabe ao *stapedium* (estribo), último ossículo da cadeia, a função de conduzir as ondas sonoras a uma membrana que fecha a *fenestra ovalis* (janela oval), orifício de entrada do ouvido interno. (FERNANDES, 1990, p. 22-23).

Ou como definem Testut e Latarjet (1989):

El oído medio es una cavidad llena de aire, caja del tímpano, excavada en el espesor del temp. que está fuera; y el oído inter, que está por dentro. Contiene huesillos del oído. Comunica, por delante, con la faringe por la trompa de Eustaquio; por detrás, con las cavidades mastoideas. Está tapizada en toda su extensión por una membrana mucosa, la mucosa timpánica oral, entre el conducto auditivo externo. (TESTUT; LATARJET, 1989, p.567).

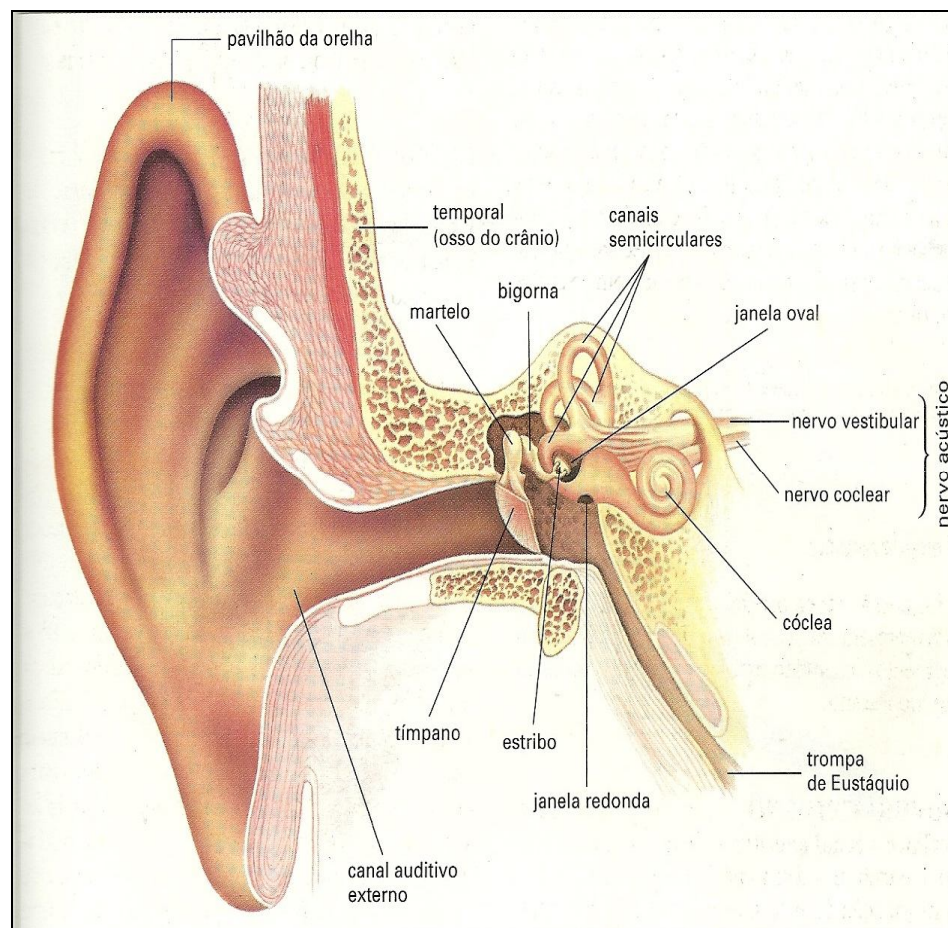


Figura 5 - Orelha média

FONTE: CÉSAR; SEZAR. Biologia. 2002.

Já a orelha interna (ouvido interno) está situada “en el espesor del peñasco, por dentro y algo por detrás de la caja del tímpano”. (TESTUT; LATARJET, 1989, p.579). E é

composta pela cóclea – responsável pela audição, labirinto ou nervo auditivo – e pelo aparelho vestibular – responsável pelo equilíbrio.

Fernandes (1990, p. 24) complementa:

[...] o ouvido interno (ou orelha interna) apresenta um forma semelhante à de um caracol onde se encontram a rampa vestibular, o órgão de Corti e a rampa timpânica. Tem como função receber as ondas sonoras conduzidas pelos ouvidos externo e médio e enviá-las ao córtex cerebral por meio do nervo coclear (**canal coclear+rampa vestibular + rampa timpânica= cóclea**), que compõe com o nervo vestibular o oitavo par nervoso. É importante notar que as vibrações sonoras conduzidas, até então, por via aérea e ossicular passam, no ouvido interno, ao meio líquido, pois este se encontra banhado por uma substância aquosa denominada perilíngua (grifo nosso).

Assim a cóclea tem a seguinte anatomia:

La cóclea consta de tres tubos enrollados unidos por sus lados. La rampa vestibular y la rampa media están separadas por la membrana vestibular (membrana de Reissner); y la rampa media y la rampa timpánica están separadas por la membrana basilar. (GUYTON, 2002, p. 402).

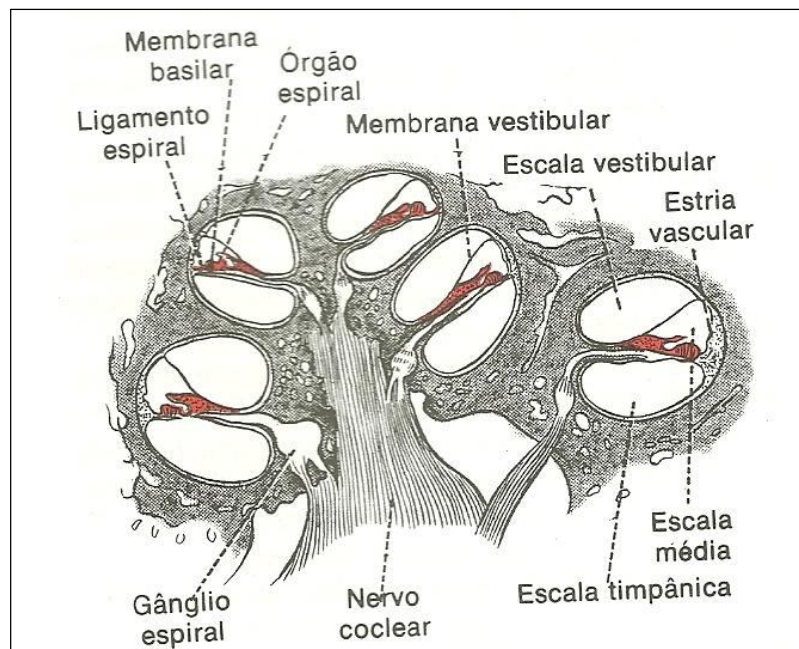


Figura 6 - Orelha interna

FONTE: GUYTON. Fisiologia Humana 1988.

A orelha externa possui o pavilhão, ao qual se costuma chamar de orelha; é onde captamos a onda mecânica – o som externo, por exemplo, uma palavra. Ele, por sua vez, leva o som até o canal auditivo e faz vibrar o tímpano, uma membrana fina que separa o ouvido externo do médio. Essa vibração movimentava três ossículos – martelo, bigorna e estribo –, conectados um ao outro, os quais funcionam como uma alavanca e conduzem as ondas sonoras até a cóclea, uma das partes do ouvido interno; aqui a onda se tornará elétrica.

Na cóclea, existem células ciliadas capazes de reconhecer a frequência do som (grave ou agudo; forte ou fraco) e conduzi-lo ao nervo auditivo, de onde é enviado para o cérebro. Este, por sua vez, vai codificar o som e interpretá-lo.

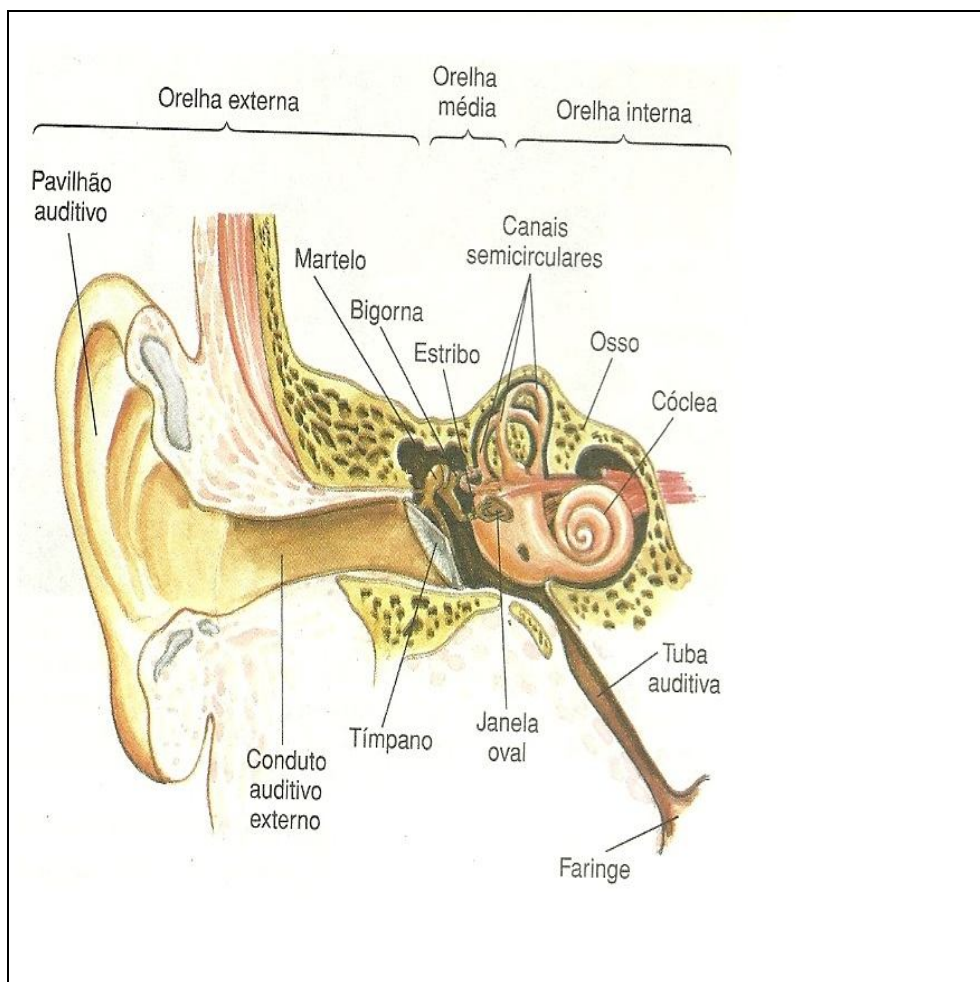


Figura 7 - Fisiologia do ouvido

FONTE: CÉSAR; SEZAR. Biologia. 2002.

4.1 Discussão teórica da surdez

Agora que compreendemos o básico sobre a anatomia da orelha, iremos mostrar que existem dois tipos de surdez: a chamada surdez de condução e a surdez neurossensorial, que ocorre no nervo auditivo ou na cóclea.

Existem também pessoas que podem ter complicações auditivas desses dois tipos, o que os médicos chamam de surdez mista.

A surdez de condução afeta o ouvido externo ou o médio, os quais não conseguem levar as ondas sonoras de maneira coerente até o ouvido interno.

A surdez relacionada ao ouvido médio corresponde àquela que pode ser causada pelo meio externo, a exemplo de “rolhas” de cera (no canal meato, responsável por produzir a cera), de otites (inflamações do ouvido), de perfuração no canal auditivo, além de problemas na membrana timpânica, nos ossinhos do ouvido, que amplificam o som.

As infecções no ouvido médio podem causar surdez transitória, por exemplo, pela exposição sonora acima do suportável, que é 60 hertz, pelas gripes; surge, ainda, ao descer as serras ou ao andar de avião, mas pode tornar-se surdez irreversível se não recuperada dentro de 24 horas, além do chamado catarro no ouvido (otite secretora ou otite serosa). Podemos citar, também, infecções agudas do ouvido (otite média aguda), perfuração crônica do ouvido (otite média crônica), doenças que provocam a imobilização de um ou mais ossinhos do ouvido – a otosclerose – e tumores dos ouvidos externo e médio.

O excesso de cera no ouvido “é uma produção normal da pele do canal externo de nosso ouvido. Ela serve para proteger a pele fina que reveste o canal do ouvido contra germes e substâncias que podem contaminá-la ou feri-la”. (SURDEZ, 2007c). Desse modo, não podemos utilizar cotonetes ou outro objeto para tirar o excesso de cera no ouvido, porque estaremos extraindo revestimento normal da cera ou empurrando-a mais para o fundo do ouvido, o que causa problemas auditivos, a famosa “rolha” de cera. Devemos apenas usar a toalha para tirar a cera.

No que diz respeito a infecções, podemos dizer que também causam problemas de surdez na pele do ouvido externo (canal do ouvido), trazendo a “otite externa”, o que ocorre, por exemplo, com quem usa hastes flexíveis e/ou instrumentos como tampa de caneta para coçar o ouvido. Não se deve esquecer de que a entrada de água contaminada pode também ser a causa dessa otite.

Outro tipo de infecção é a otite média secretora ou serosa, que traz problemas na membrana do tímpano, o chamado ouvido médio. É uma doença que acontece quando

estamos resfriados ou gripados, ocasião em que o catarro, em vez de seguir seu percurso natural (para a boca ou o nariz), vai parar no ouvido, nele fixando-se, o que faz que a tuba auditiva não funcione bem. Vale a pena lembrar que a otite média secretora pode ser causada pela entrada e pela fixação da secreção na tuba, assim como pelas diferenças de altitudes ao se viajar de avião; por fim, crise de alergia pode também ser a causa dessa doença.

Tudo isso pode fazer que o indivíduo perca a audição total ou parcialmente e/ou fique com chiado no ouvido. No caso das crianças, elas irão demonstrar essas enfermidades por meio de ações como ligar a televisão num volume alto, distrair-se na sala de aula e falar alto ao se comunicar com alguém.

Para esclarecer melhor essa questão, iremos apenas dar uma noção do que seja a tuba auditiva conforme o *site* elaborado pelos membros da disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da USP:

A tuba auditiva é um canal de aproximadamente 2cm, estreito, que comunica o ouvido médio e a chamada rinofaringe, que é a comunicação entre o nariz e a garganta, por onde passa o ar que respiramos. A abertura do canal está logo no fundo do nariz. A tuba funciona como uma válvula que serve para igualar as pressões do ouvido médio (que é preenchido por ar) e do ar exterior e para drenar secreções que normalmente são formadas dentro do ouvido médio. Ela é a única comunicação que o ouvido médio tem com o exterior. (SURDEZ., 2007c).

A secreção auditiva pode infectar-se com uma bactéria ou com um vírus e tornar-se uma otite média aguda. Se não ocorrer a infecção, esse líquido ou catarro pode ser absorvido ou drenado pela tuba auditiva para a garganta, e a situação se resolve.

No que diz respeito à otite serosa crônica (otite média crônica), é resultado de um bloqueio permanente ou de um “engrossamento” de líquido, o qual vira quase uma cola e não pode ser absorvido ou drenado pela tuba. Essa condição geralmente leva a uma diminuição da audição; pode haver fases de dor de ouvido, quando esse catarro se infecciona. Felizmente, a otite média pode permanecer por muitos anos sem produzir qualquer seqüela importante no ouvido, mas, se houver infecções frequentes, estas podem levar a consequências graves.

A otite serosa é muito comum na criança entre dois a oito anos e pode prejudicar o desenvolvimento da fala, porém, nessa faixa etária, é muito importante que a criança ouça com perfeição para falar bem e para aprender. Muitos alunos com mau desenvolvimento escolar ou distraídos foram rotulados como crianças-problema, com quadro de alterações

psicológicas, enquanto, na verdade, sofriam de uma otite serosa e não escutavam bem, por isso adotavam aquele comportamento.

A causa da otite média aguda é uma infecção causada por uma bactéria ou por um vírus. Quanto à perfuração timpânica ou otite média crônica:

[...] uma perfuração na membrana do tímpano pode acontecer por um trauma causado por objeto enfiado no canal do tímpano ou por algo que causa uma pressão no canal do ouvido (tapa, mergulho ou até um beijo no ouvido). A perfuração pode também ser causada por uma infecção que levou a uma ruptura da membrana do tímpano, e não houve cicatrização. A membrana do tímpano é feita de pele. (SURDEZ, 2007c).

Quando acontece a perfuração do ouvido, este pode infeccionar e, com isso, haver um vazamento de pus. É aconselhável não deixar entrar água no ouvido e tomar cuidado para que o caso não evolua para uma infecção na meninge, no cérebro ou no nervo da face. Não podemos deixar de mencionar que a infecção pode afetar os ossinhos do ouvido, o que pode causar problemas de tumor como o colesteatoma.

Por sua vez, as doenças relacionadas ao ouvido interno são responsáveis por afetar as informações que são levadas pelo ouvido até o cérebro, enfermidades que recebem o nome de neurossensoriais ou sensorineurais ou surdez cóclea ou do nervo auditivo. São problemas congênitos (nascimento de uma criança surda), cuja causa pode ser hereditária (quando os defeitos genéticos são passados de uma geração a outra), no caso de haver propensão familiar ou embrionária (intrauterina), e até pelo fator idade.

Entre as causas intrauterinas mais frequentes, estão rubéola e caxumba (virose), meningite, sífilis, toxoplasmose, herpes, sarampo e certos medicamentos ou drogas usados durante a gestação. Porém existem outras causas da surdez no ouvido interno, como as variações de pressão no líquido do ouvido interno, o que pode ocasionar perda gradativa da audição (doença de Menière), os famosos zumbidos e vertigens.

Também há os problemas de tumores benignos e malignos, que atingem o ouvido interno ou a área entre ele e o cérebro, e podem causar surdez; entre essas enfermidades, estão neurinoma, colesteatoma, hemangioma, glomus e carcinoma.

Por último, relataremos a doença presbiacusia, que é nada mais que a perda auditiva devido à idade, o que acontece aproximadamente a partir dos 60 anos.

De uma maneira explicativa:

[...] essa diminuição normal da idade varia muito de pessoa para pessoa e está comumente ligada à herança genética, a condições anormais a que o ouvido foi exposto durante a vida (barulho intenso, infecções etc.) ou a doenças gerais como hipertensão arterial e diabete (problemas metabólicos) que podem afetar o ouvido. (SURDEZ., 2007c).

Citamos também, como causas externas, traumas na cabeça, doenças cardiocirculatórias, defeitos congênitos e alergias.

Enfim podemos dizer, em outras palavras, que:

A surdez do nervo auditivo ou da cóclea é aquela que ocorre quando a cóclea, que é o órgão interno da audição, não consegue transformar a energia mecânica da vibração que o som produz em energia elétrica para transmiti-la ao cérebro, que irá entender o som (SURDEZ, 2007c).

É válido ressaltar que os problemas auditivos podem ser bilaterais ou unilaterais; no primeiro caso, quando atingem apenas um lado do ouvido; o segundo se refere a problemas nos dois lados. Quanto antes for feito o diagnóstico, melhor será o controle e o tratamento da surdez no nervo.

No que diz respeito à surdez da cóclea, podemos relatar que existem casos em que não há cura, e a opção passa a ser o aparelho auditivo. Já os problemas de surdez de condução normalmente podem ser resolvidos por tratamento médico (remédios) ou por cirurgia, dependendo da gravidade da perda.

A maioria das pessoas com perda auditiva parcial – quer do tipo condução, quer do tipo surdez neurossensorial – podem ser ajudadas por meio de tratamento médico, cirúrgico ou por aparelhos de audição.

É bom deixar claro que somente o médico otorrinolaringologista é autorizado a medicar, a realizar uma cirurgia médica e a implantar alguma prótese auditiva. Por isso, não queira ser persuadido por qualquer propaganda que venda “a salvação” ou “o fim da surdez”.

Existem casos nos quais pacientes se utilizam da “leitura labial” (habilidade de compreender o que as pessoas falam observando o movimento de seus lábios) para conseguir melhorar a comunicação ou para realizá-la. Outros optam por linguagem de sinais (Libras). Há quem utilize todos os métodos ao mesmo tempo, incluindo a cirurgia e/ou a colocação do aparelho auditivo. O fato é que há controvérsias e muitas discussões ainda acerca de qual método é o melhor para os pacientes com alguma deficiência auditiva.

Esses problemas, como vimos, podem causar danos na linguagem, o que para Vygotsky (1934 *apud* FERNANDES, 1990) é um papel determinante no desenvolvimento dos

processos mentais, das palavras e da linguagem, inclusive no que diz respeito ao seu comportamento psíquico e social.

4.2 Prevenção e diagnóstico das causas infantis

Os familiares, ao deparem com as crianças surdas, logo se questionam sobre a causa da surdez e como se poderia ter evitado esse problema.

As causas podem ser detectadas durante os pré-natais e se foram adquiridas durante a gestação; como genéticas, podemos citar a incompatibilidade do antígeno RH (positivo e negativo) dos pais, consanguíneas (afinidades por laços de sangue), doenças infectocontagiosas (toxoplasmose, sífilis, rubéola, citomegalovirose – pertence à família do herpes vírus, a mesma dos vírus da catapora, herpes simples, herpes genital e do herpes zóster, devido ao contato, por exemplo, de fezes e de secreções vaginais), uso de remédios ototóxicos (causados pelos antibióticos, diuréticos e até por fatores químicos como monóxido de carbono), drogas ilícitas e drogas lícitas como álcool e tabaco por parte da mãe, desnutrição ou carência alimentar, hipertensão ou diabetes durante a gestação e a exposição à radiação. (AMORIM, 1998).

As crianças também podem adquirir problemas auditivos durante o parto como anoxia (falta de oxigenação no cérebro), parto fórceps, pré- ou pós-maturidade e infecção hospitalar.

Por fim, existem as causas que sucedem o parto, o que inclui infecções (como meningite, sarampo, caxumba e sífilis adquirida), remédios ototóxicos em excesso e sem prescrição médica, exposição a altos níveis de ruídos e traumatismo craniano.

A maioria das perdas auditivas em crianças poderia ser evitada por meio da prevenção feita mediante, por exemplo, exames pré-natais como avaliações audiológicas no período neonatal, vacinação infantil contra sarampo, meningite e caxumba e orientações às mães. Palestras abertas para o público e divulgações explicativas sobre a prevenção da deficiência auditiva em todas as mídias, principalmente nas de massa, são formas eficientes para diminuir a taxa de crianças surdas (AMORIM, 1998), pois a identificação precoce da deficiência auditiva:

[...] possibilita intervenção imediata, oferecendo condições para o desenvolvimento da fala, da linguagem, do social, do psíquico e educacional da criança, permitindo um prognóstico mais favorável. (RABINOVICH, 1997 *apud* MENDONÇA, 1999, p.13).

Sabe-se, enfim, que o desenvolvimento do sistema auditivo inicia-se na vida intrauterina e encerra-se durante o primeiro ano de vida da criança. (AMORIM, 1998, p. 19).

CAPÍTULO 5 – UM ESTUDO DE CASO DA ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO CARNEIRO DOS SANTOS

5.1 A inauguração do Augusto Carneiro dos Santos

A Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos surgiu no dia 13 de maio de 1982, com o objetivo de atender pessoas com surdez no Estado do Amazonas.

No início, a Escola estava na rua 7 de Setembro, número 1801; em março de 1983, instalou-se na Escola Aristóteles Comtes de Alencar, localizada na avenida Beira Rio, número 500, no bairro Coroado III, até agosto de 1984. Em seguida, transferiu-se para a rua Miranda Leão, ficando lá até 1988. O endereço mudou ainda para a Tapajós, sem número; e, em novembro de 2002, para Joaquim Nabuco, número 2274, no bairro Praça 14 de Janeiro. A instituição teve como primeira diretora a professora Terezinha da Silva Barroso, que ficou no cargo até agosto de 1984, sendo substituída por Aparecida Bezerra Viana, que atuou até junho de 1985. Já no mesmo ano, a professora Haydeé dos Santos Carneiro tomou posse do cargo e atua desde então na Escola.

Quanto ao nome da Escola, foi uma homenagem ao professor Augusto Carneiro dos Santos, que exerceu sua profissão como docente em escolas públicas e particulares em cidades como Paricatuba, Codajás, Terra Caída, Janauacá, São José do Amajari e Xiborema. Em 1922, foi transferido para Manaus, onde exerceu o magistério no Regimento da Polícia Militar, na Escola Preparatória Normal, no Colégio Dom Bosco e na Escola Rui Barbosa. Era formado em Ciências e Letras. Lecionava Geografia, História do Brasil e Civilização. Santos nasceu em Portugal no dia 25 de janeiro, morreu aos 79 anos, no dia 17 de outubro de 1969, no Amazonas. (SEDUC, 2011).

A Escola começou com 50 alunos matriculados, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo apenas pessoas surdas na educação infantil, pré-escola do 1.º e 2.º período, alfabetização para 3.º período e Ensino Fundamental da 1.ª à 5.ª série.

No primeiro semestre de 2012, a instituição atende 120 alunos à tarde; pela manhã, atende 74 estudantes; e não possui mais aulas no período noturno. E atende na educação básica os níveis de Educação Infantil (pré-escolar: 1.º período) e Ensino Fundamental (1.ª série). As crianças podem começar a estudar a partir dos quatro anos de idade, por se entender que, quanto antes forem estimuladas, melhor será o seu desempenho no ensino-aprendizagem. A pedagoga da Escola Andrade (2011) conta que existem alunos que saem da

instituição para ingressar em uma faculdade e outros voltam para onde estudaram, mas como professores.

A pedagoga acrescenta que infelizmente existem casos em que os pais terão que ter cuidados especiais para toda a vida com seus filhos, por estes possuírem algum *deficit* intelectual. Assim, ela aconselha aos genitores que enfrentam esse problema que, por exemplo, busquem alternativas como ingressá-los no mercado de trabalho onde possam adaptar-se e socializar-se com as pessoas. Mas faz questão de ressaltar que todos os que ingressam na Escola saem com seu diploma, mesmo que demore mais que a média de outros estudantes que finalizam o curso do ensino fundamental.

Com o passar do tempo, a instituição começou a atender não só aos surdos, mas também aos surdos-cegos. Segundo Andrade (2011) o público-alvo teve modificação quando uma menina surda, que ingressou na instituição desde criança, apresentou sintomas de glaucoma devido à diabetes, o que ao longo dos anos causou sua cegueira. “A partir dali a Escola começou a atender pessoas com problemas de surdez com cegueira”.

5.2 Metodologias utilizadas na Escola para o ensino da Libras

A Escola Augusto Carneiro busca entender e utilizar no ensino-aprendizagem as experiências cotidianas dos alunos e os conhecimentos que trazem para a sala de aula, para compreender o ambiente natural deles e integrá-los socialmente. Tudo por meio de técnicas e de métodos adequados, respeitando suas culturas, enfim suas identidades, mostrando, assim, a diversidade cultural que existe entre os seres humanos, além de seus direitos e seus deveres como cidadãos.

Percebe-se que essa escola baseia seu ensino na aquisição da LBS juntamente com a aquisição da língua escrita, por considerá-la como uma segunda língua; no caso do Brasil, o Português.

Quadros (1997, p.46) complementa:

Uma proposta educacional bilíngue e bicultural para surdos caracteriza-se pela utilização de uma língua oral usada na comunidade ouvinte e uma língua de sinais própria da comunidade surda. No caso do Brasil, têm-se a Língua Portuguesa e a Libras - língua brasileira de sinais. A LIBRAS é a língua de sinais usada pelas comunidades surdas dos centros urbanos brasileiros.

Isso vem comprovar que a instituição segue a didática do bilinguismo, que visa mostrar que as crianças surdas não precisam ter uma vida igual à dos ouvintes, podendo, então, aceitar sua surdez e, ainda, suas diferenças no quesito da primeira língua usada para a comunicação, língua de sinais e valores culturais, hábitos e modo de socialização próprios.

Por isso, a Escola Carneiro segue a proposta de Vygotsky, que é baseada no modelo antropológico, que leva a pensar e a refletir sobre o desenvolvimento das crianças surdas, no que diz respeito à sua construção de pensamento por meio da linguagem e às funções cognitivas (SILVA; LEMOS, 2008), além “[...] do papel da escola na transmissão de conhecimentos de natureza distinta daqueles aprendidos na vida cotidiana.” (OLIVEIRA, 1992, p.23), pois a aprendizagem vem de fora para dentro, por meio do convívio com uma cultura, enfim com uma sociedade.

Essa perspectiva não difere da Declaração de Salamanca em seu artigo 19, que enfatiza que políticas educacionais deveriam levar em consideração as diferenças individuais e as diversas situações. Deve ser levada em consideração, por exemplo, a língua e sua qualificação para o trabalho.

Vale ressaltar que a Escola implantou a Libras em 2001, um ano antes do decreto do governo FHC obrigar a implementação desse método nas instituições de ensino.

[...] decreto n.º 5.626/05, que regulamenta a Lei n.º 10.436/2002, visando ao acesso à escola dos alunos surdos, dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor, instrutor e tradutor/intérprete de Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regular. (BRASIL, 2007, p.4) .

Nos documentos da escola, notamos também a ênfase de “acabar” com a exclusão social, o que significa eliminar o preconceito que as pessoas possuem sobre os surdos, a ponto de fazer que estes se isolem da sociedade, por medo ou por vergonha de serem chacoteados.

Andrade (2011), por sua vez, afirma que o preconceito foi muito maior e que hoje vem diminuindo, graças à conscientização que o governo federal vem fazendo ao usar surdos como intérpretes em alguns programas, como nas campanhas eleitorais e nas propagandas que expliquem e conscientizem sobre a surdez. Outras mídias estão colaborando com essa inserção por meio de seus programas, quer sejam de entretenimento, quer sejam de cunho jornalístico.

Por último, a Escola realiza palestras sobre higiene bucal e outros, além da realização de festas (casamentos, aniversários e missas), Feira da Bugiganga e Feijoada Dançante;

realização de ensaios com danças folclóricas por grupos de jovens da comunidade, jogos esportivos nos fins de semana, JEACS – Jogos da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos, como futsal, handebol, voleibol, atletismo, tênis de mesa, xadrez e curso de LSB para os pais, professores e comunidade. Tudo para que haja proximidade da Escola com a família, não se esquecendo da comunidade.

Outro projeto da escola é diminuir a evasão escolar. Para isso, elaborou e implementou o projeto *Resgatando o surdo para o ambiente escolar*, por meio do qual a instituição realiza contatos por telefone, conversas com alunos e familiares, visitas em domicílio; e, para garantir o retorno dos alunos, pode até fazer encaminhamentos ao PRA (Programa de Redução do Abandono Escolar). Essas ações reforçam a importância da permanência na escola.

Para isso, fazem atividades por meio do teatro, preparação de professores bilíngues, DVDs em Libras, dicionários, Braille, aulas de informática, gincanas, brinquedoteca, concursos de desenhos, atividades de pesquisa (visita ao INPA e pontos turísticos de Manaus), sem contar com a parceria com a UFAM nos projetos *Grupo Musical Inclusivo* e *Berimbau dos Palmares* para “segurar” o aluno dentro da escola de maneira prazerosa, produtiva no quesito ensino-aprendizagem.

Quanto à infraestrutura, a Escola possui refeitório, sala de aula, diretoria, secretaria, laboratório de informática, sala de educação física, sala dos pedagogos, depósito escolar, sala de teatro, videoteca, quadra de esporte, vestuário feminino e masculino, subestação eletrônica, poço de captação, sala de professor, sala do momento da conversação, salas de recuperação de estudo, sala de leitura, brinquedoteca, área externa, videoteca, biblioteca. No que diz respeito à infraestrutura humana, podemos citar que a escola tem 38 professores, 1 pedagoga, 4 auxiliares de serviço social, 2 merendeiras, 5 vigias, 1 secretária e 3 administrativos, 1 diretora, 2 instrutores surdos e estagiários. (SEDUC, 2011).

Todos os aspectos acima citados contribuíram para que a Escola ganhasse vários prêmios, tais como Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar em 2007; Prêmio Qualidade Amazonas, 3.º lugar na categoria bronze, no ano de 2006 e de 2007; 3.º lugar no Prêmio Nacional de Referência em Gestão Escolar em 2007; certificado de participação no *Construindo a Nação* de 2007 e de 2008; Selo Escola Solidária no ano de 2007; certificado de honra ao mérito em reconhecimento do Painel de Gestão 2007; Prêmio Honra ao Mérito, medalha de ouro de reconhecimento como gestora da cidade de Manaus; Placa de Menção Honrosa (participação consecutiva de 4 anos) do Prêmio *Construindo a Nação* 2010/2011, entre outros.

5.3 O público na década de 80

Na década de 80, o Brasil passou por profundas mudanças, por exemplo, no quadro político. Foi a época em que aconteceram as *Diretas Já*, que pediam a volta das eleições diretas para presidente do Brasil, o que marcou o fim da Ditadura.

Enquanto isso, em Manaus-Amazonas, o cenário era a discussão sobre a Zona Franca para que continuasse dando conta de atrair investimentos externos, de desenvolver mais o regionalismo e de garantir a soberania no território brasileiro contra as ameaças estrangeiras nas fronteiras, além de prosseguir atraindo os segmentos turísticos e os serviços que apoiassem o desenvolvimento da Zona Franca. (FIGUEIREDO, 2011).

Isso fez surgir enormes quantidades de imigrantes, principalmente com maciça propaganda na mídia, trazendo, com isso, também, problemas de impacto social, político e econômico, tais como falta de saneamento básico, problemas de transporte coletivo e desigualdades sociais.

Some-se a isso a falta de escolas suficientes para atender à enorme quantidade de pessoas em fase escolar oriundas de outras regiões e a baixa qualidade de ensino, fazendo que o Estado ficasse à mercê de tais problemas sociais. Ao mesmo tempo, crescia a oferta de cursos superiores, e havia a expansão do ensino privado. (FIGUEIREDO, 2011).

Uma vez que a educação “normal” já sofria problemas, as escolas direcionadas aos surdos, mais especificamente no Brasil, Rio de Janeiro, conhecidas pela sigla INES (1857), sofriam as dificuldades de integrar os surdos na sociedade como pessoas que apenas possuísssem uma delimitação auditiva.

Assim, o ensino dos surdos era baseado na instrução literária e na profissionalizante, o que fazia que eles ficassem condicionados a apenas aprender um ofício conforme suas habilidades, tais como alfaiataria, gráfica, marcenaria e bordados.

No começo, a Escola Augusto Carneiro, em Manaus, assim como as outras no País, na década de 80, continuavam tendo o mesmo tratamento da sociedade. Os surdos eram vistos com preconceito e tidos como doentes mentais e eram encaminhados para uma escola especial, onde ficavam até completarem a antiga quarta série. Depois disso, esses estudantes ficavam na instituição realizando atividades na oficina profissionalizante, como fabricar vassouras, sandálias, além de cozinhar e de costurar, atividades tidas mais para as meninas.

Não sabiam transmitir o que queriam, pois não havia comunicação, pelo fato de não terem aquisição de uma língua própria para poderem expressar suas opiniões, desejos, enfim, seus pensamentos sobre as coisas que os rodeiam. Mas isso mudou a partir do momento em

que adquiriram a Libras, devido aos esforços da associação dos surdos e dos educadores, que pressionaram a sociedade a aceitar a língua de sinais como uma língua oficial e a tê-la dentro da grade curricular. E, em seguida, a sociedade surda passou a ser vista sem estigma de deficientes mentais. Assim, os surdos tomam suas próprias decisões de estudar ou de dar rumo à sua vida. (SILVA, 2012).

Segundo depoimentos dos professores da Escola Augusto Carneiro, existem alunos da década 80 formados em advocacia e professores que inclusive fazem parte do quadro de docentes da Escola, o que demonstra que eles são capazes como qualquer pessoa de adquirir conhecimento e, em alguns casos, até de forma melhor do que um ouvinte.

A maioria era advinda de classes sociais baixas e médias. Hoje, no século XXI, diminuiu a quantidade de surdos não só neste local, mas também no que se refere a todo o território brasileiro, por estar havendo mais prevenção e mais informações sobre o assunto, mas a maioria dos surdos ainda vem de classe social baixa e média.

A pedagoga Silva (2012) acrescenta que pessoas que nascem com a surdez representam um índice baixo, pois a maioria adquire esse problema por causa de acidentes domésticos enquanto crianças, como introdução de alguns objetos estranhos dentro do ouvido.

Conclui dizendo que, em Manaus, acontece a mesma coisa e que as pessoas no interior têm mais acesso às informações pela mídia sobre as formas de prevenção, como a realização do pré-natal, se comparado com a década de 80; e têm onde e quem procurar, pois os profissionais da área médica estão indo a lugares em que estão os ribeirinhos.

5.4 A formação dos profissionais

Cada vez mais se dá a importância de analisar a questão da prática pedagógica no que diz respeito ao conteúdo escolar a ser ensinado e aprendido, com a formação e a prática cotidiana. Isso nos leva a pensar que a formação de professores vai além dos estudos acadêmicos, envolvendo, assim, o desenvolvimento pessoal.

Por isso, exige-se das pessoas que fizeram o antigo magistério (Ensino Fundamental) e que estejam trabalhando em escolas especiais, como a Augusto Carneiro, que façam uma graduação na área da educação, mais especificamente o Normal Superior, e que os mais novos docentes concursados ou ingressos por meio de processo seletivo qualificado já venham com uma formação acadêmica na mesma área. Nessa instituição, apesar de não ser obrigatório,

todos possuem uma *pós* na área da educação em maior quantidade em Libras ou em Educação Especial.

Para se lecionar em uma escola específica para surdos, a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) exige como requisito a Libras e ter nível superior, por ser lei. Os que ainda não possuem a Língua de Sinais são encaminhados pela SEDUC para a Escola da Cidadania Mayara Redman Abdol Aviz (CAS), para se capacitarem.

No início, na Escola Augusto Carneiro (1982), não existia nenhuma obrigatoriedade para a utilização da Libras dentro da sala de aula, mas existia o interesse pela língua no ensino-aprendizado dos surdos. Então, Silva (2012) conta que o ingresso da Libras foi um processo lento e necessário para se comunicar e que, no começo, os professores tinham contato com a Libras por meio de seus ex-alunos. Estes, quando viajavam, adquiriam a Libras com outros surdos; e, quando retornavam, ensinavam a língua de sinais tanto para os docentes quanto para outros alunos. Além disso, existia a troca de informações e conhecimentos com outros educadores de outros estados que estavam mais avançados no estudo da língua brasileira de sinais.

Com a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, do artigo 4, ficou prevista a Libras em cursos de formação de professores. E, em 2005, com o Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro, foi regulamentada essa lei, que tinha como objetivo legalizar nas grades curriculares a disciplina Libras; e, em alguns cursos, como o de Pedagogia, era tido como obrigatório. (BRASIL).

No dia 27 de agosto de 2006, aconteceu o primeiro processo seletivo para ingresso no programa especial de Licenciatura em Letras – Libras, coordenado pela Comissão Permanente do Vestibular – COPERVE, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), modalidade de ensino a distância. Foram ofertadas 500 vagas distribuídas em oito cidades da região do Brasil; entre elas, encontrava-se a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), à qual foi concedida 55 vagas. Em 2008, foi realizado o segundo processo seletivo, dispondo mais 400 vagas e também o bacharelado em Letras – Libras. Além de oferecer o curso em outros polos de ensino, como a Universidade Estadual do Pará (UEPA) (FELIPE, 2006), isso ajudou e facilitou o acesso à Libras para os professores, quer sejam ouvintes, quer sejam surdos que trabalham com discentes surdos.

Faz-se necessário, ainda, relatar que, na escola Augusto Carneiro, existem quatro professores surdos, pelo fato de a escola entender que, por mais que os docentes-ouvintes tenham o conhecimento sobre a Libras, nunca irão ter o mesmo conhecimento e sensibilidade como o próprio surdo. (SILVA, 2012).

CAPÍTULO 6 - DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa visou em compreender como os processos comunicativos se utilizam dos meios visuais nos processos de ensino-aprendizagem de crianças surdas em fase de alfabetização e analisar essas possíveis relações na Escola Augusto Carneiro dos Santos, em Manaus, Amazonas. Por se tratar de um estudo profundo e exaustivo, optou-se por utilizar como método o estudo de caso. Desse modo, foram realizadas *in loco*, nessa escola, mais especificamente em turma de alfabetização – composta de crianças surdas e uma professora-ouvinte – observações e registros do dia a dia dessas pessoas para em seguida analisar e interpretar, de maneira ética, a atual conjuntura, considerando o tempo em que houve a interação com o foco da pesquisa.

Yin (2001) reforça que o método do estudo de caso é adequado para responder às questões "como" e "porque", que são indagações explicativas e tratam de relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo, mais do que frequências ou incidências, além de ter a vantagem de nos permitir usar uma gama de técnicas de coleta de dados: observação direta dos acontecimentos, experiências estudadas e entrevistas com pessoas envolvidas nesse assunto. Isso também nos faz mostrar ser apropriado para a área da Comunicação, pelo fato de “[...] realizar pesquisas empíricas de caráter qualitativo sobre um fenômeno em curso e em seu contexto real.” (LIMA, 2008, p. 34).

Para auxiliar nesse procedimento, contou-se com a pesquisa de campo, que, segundo Marconi e Lakatos (2001), é uma fase que é realizada após o estudo bibliográfico, para que o pesquisador saiba definir bem o seu tema.

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Augusto Carneiro, localizada no bairro Praça 14, em Manaus, no início do ano de 2012, das quartas-feiras às sextas-feiras, a partir das 7 horas da manhã até as 11 horas.

A prioridade em ajustar-se com o ambiente e os elementos do objeto de pesquisa apontaram para a necessidade de se realizar um curso de Libras que propiciasse o resgate dos conceitos adquiridos em outro momento como parte da formação profissional e do aprofundamento de caráter avançado para que a dinâmica e o arrojo do trabalho obtivessem o seu êxito.

Assim se pode captar uma variedade de situações ou de fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que são observados diretamente na própria realidade e transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

A proposta metodológica que norteou este trabalho foi a abordagem qualitativa, visto que a pretensão é a de descrever os fatos observados e estudados a respeito de como funciona o processo comunicativo quando se envolvem ouvintes.

Sobre esse tipo de abordagem, Lima (2008, p.33) diz:

A credibilidade das conclusões alcançadas é reflexo das multiperspectivas resultantes de diferentes fontes de consulta explorada no contexto dos métodos de cunho qualitativo. Isso pressupõe um olhar profundo e prolongado sobre a realidade investigada.

Na segunda fase, tomou-se como esquema de pesquisa: 1- estudo bibliográfico; 2- observação em sala de aula; 3- aplicação da entrevista semiestruturada. E, finalmente, num terceiro momento, foi feita a análise e a interpretação dos dados.

A análise dos dados obtidos foi feita por meio da entrevista semiestruturada, de sorte que, segundo Minayo (1993) relata, o entrevistado não precisa ficar respondendo, de forma totalmente fechada, às perguntas do pesquisador, e, sim, pode interagir de forma mais espontânea.

A entrevista foi aplicada apenas com uma professora, que é ouvinte, pois existe somente uma sala de alfabetização e apenas no período da manhã, que abrange cerca de seis alunos nessa instituição.

Essas entrevistas foram gravadas e, após a realização delas, com a colaboração e a autorização da entrevistada, transcritas na íntegra.

Foram feitas sete perguntas; dentre elas, estavam as que se referem às metodologias utilizadas em uma alfabetização para os surdos. Além disso, questionou-se de que maneira a professora-ouvinte usa os tipos de comunicação (verbal e não verbal) para o ensino-aprendizagem das crianças surdas; como e de que forma são utilizados os recursos visuais em sala de aula para os surdos.

Vale a pena ressaltar que foram utilizados depoimentos pessoais e análise de artefatos físicos ambientados dentro da sala de aula de alfabetização, por poderem fornecer informações importantes sobre a pesquisa.

Como embasamento científico, foi utilizada a teoria que engloba a área da psicologia, da educação e da comunicação, com a finalidade de viabilizar os propósitos desta pesquisa. Assim pesquisamos alguns autores como Vygostky, que é tanto da área da educação quanto da psicologia, por ter sido, senão o primeiro, mas um dos precursores pelo interesse em educação dos surdos. Ele compreendeu que o comportamento humano não está desvinculado

do social, o que influencia na educação das crianças, que já chegam à escola com uma “bagagem” de experiências, enfim de conhecimentos; e enxergou e aplicou no ensino-aprendizagem aspectos positivos que os surdos ou outros deficientes possuem para desenvolver uma boa educação em vez de ver somente os negativos.

Também se utilizou na área da educação as obras de Nídia Regina Limeira de Sá, Roseane Modesto Corrêa, ambas especialistas na área da educação dos surdos, na Região Norte, para valorizar a pesquisa deste local, além dos clássicos que não podiam faltar quando se trata de pesquisa da comunidade dos surdos: Eulália Fernandes e Ronice Muller Quadros.

Na área da biologia, usufruiu-se dos teóricos estrangeiros como Guyton, Hall, por serem referências internacionais quando se trata dos estudos da fisiologia médica dos seres humanos. Já os autores L. Testut e A. Latarjet embasarão mais especificamente sobre a anatomia dos ouvidos, por ser importante para a compreensão e o entendimento do desenvolvimento cognitivo, quer emocional, quer intelectual.

Por fim, pesquisaram-se os autores da comunicação, tais como Diaz Bordenave e Carlos Alberto Rabaça, juntamente com Gustavo G. Barbosa, por se encaixarem com a proposta desta pesquisa.

6.1 Categorias da entrevista

Para contribuir com a pesquisa realizada, explanou-se sobre o que são categorias e por que foram utilizadas neste contexto. De antemão, foi escolhida a categoria empírica, por ter o objetivo de construir conhecimentos, mais específicos e concretos, para se chegar a uma produção científica adequada. (MINAYO, 2004).

As categorias têm a finalidade de sintetizar a ideia geral e extensa apresentada pela entrevistada, de maneira clara e científica, para que se possa lê-la facilmente. Cada resposta foi colocada em categorias, cada qual incluída em uma única categoria.

Essas categorizações formuladas *a posteriori* permitiram que fosse realizada a análise a partir dessas categorias, que *a priori* significa agrupar as ideias em torno de um conceito amplo. Depois, mediante esse procedimento, chegou-se a uma interpretação e, por fim, a uma conclusão sobre como os recursos visuais podem ser empregados nas atividades de ensino-aprendizagem de alunos surdos.

6.2 Análises

Depois de realizadas as categorizações das entrevistas, partiu-se para uma análise destas com a abordagem qualitativa, por meio de uma explanação individual de cada resposta dada ao entrevistador, para que, assim, fosse feita uma reflexão sobre o tema, interligando-o com outros conhecimentos adquiridos.

Afinal o objetivo da análise é examinar com argúcia a resposta recebida de modo mais profundo e até de maneira crítica.

Cabe a ressalva de que cada pergunta composta na classificação logo abaixo contém a sua resposta; os questionamentos, por sua vez, estarão na íntegra no anexo.

- **Pergunta 1**

Existem vários métodos de alfabetização utilizados pelos professores de ensino fundamental. Mas até hoje é difícil apontar o método mais eficaz para a alfabetização, pois cada ser humano tem uma facilidade e seu tempo para aprender. Quais são os métodos utilizados e como os métodos são adaptados para as crianças surdas? O que é a datilografia? Como você usa este visual em sala de aula?

| | |
|-------------------|--|
| Categorias | Método de ensino misto |
| | Libras como primeira língua na alfabetização |
| | Datilografia na educação dos surdos |
| | O uso da linguagem visual |

Quadro 1 – Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.

FONTE: Colombo e Gomes, 2012

As crianças surdas da Escola Augusto Carneiro usam com certa frequência, na sala de alfabetização, um método de ensino tradicional para os ouvintes, o chamado método misto, que é a adição do método sintético com o analítico. O método sintético tem como um dos processos o silábico, em que primeiro se ensinam as vogais e concomitantemente se mostram gravuras dos nomes para que, em seguida, os alunos possam formar palavras e, conseqüentemente, frases. Depois, utiliza-se o ideovisual/analítico, que nada mais é que uma motivação por meio, por exemplo, de desenhos. Nele a palavra está interligada ao desenho.

Por serem surdas, as crianças usam a datilologia, o sinal da Libras, além do Português no processo de alfabetização. Ao mostrar uma vogal por meio da datilologia e da escrita em Português, por exemplo, a vogal A, que vem acompanhada de uma ilustração de uma palavra que inicie com A, como *avião*, faz-se o sinal do *avião* (Libras), seguido da escrita em Português. Após o ensino de todas as vogais, ensina-se o restante do alfabeto, até que se possa formar uma frase completa.

Nunca se deve esquecer da necessidade de se ensinar a datilologia, por ser um alfabeto manual e, sobretudo, uma maneira de soletrar as palavras que ainda não tenham sinal na Libras. É bom, também, ressaltar que esse alfabeto é parte das línguas de sinais e que, em determinados países, utilizam-se diferentes datilologias.

As crianças surdas têm como primeira língua a de sinais; no caso do Brasil, a Libras, por ser uma língua adquirida espontaneamente sem necessidade de treinamento específico, assim como ocorre quando os surdos vão aprender o Português. No entanto os surdos utilizam mais a percepção gesto-visual, enquanto os ouvintes utilizam a oral-auditivo para aprender.

Ademais, o sistema linguístico mostra, na relação sintática, que os surdos usam para construir uma frase o OSV (objeto, sujeito e verbo), enquanto os ouvintes usam o SVO (sujeito, verbo e o objeto), o que faz que se perca o significado das palavras e conseqüentemente da frase, no que diz respeito ao nível semântico. Isso é possível graças aos fonemas, que, combinados, dão origem aos morfemas, que geram as palavras.

Na língua de sinais – Libras, as palavras ou itens lexicais são denominados de *sinais*.

Os sinais são formados a partir de combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este usar uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros; portanto, nas línguas de sinais podem ser encontrados [...] os parâmetros. (FELIPE, 2004, p. 22).

Os cinco parâmetros são: configurações das mãos, em que podemos incluir a datilologia; ponto de articulação; movimento, que é o lugar onde se coloca a mão configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro, sempre do tronco superior para cima; orientações/direcionalidade (os sinais têm uma direção em relação aos parâmetros citados); e a expressão facial e/ou corporal. (FELIPE, 2004).

Isso leva a formar palavras e até frases com coerência em um determinado contexto, o que faz que os surdos tenham sua própria língua e que seja possível comunicar-se.

Assim como em qualquer língua, necessita-se da estrutura linguística para poder organizar um pensamento, para que se possa expressá-lo por meio de uma linguagem e para que as pessoas saibam decifrar o código dessa mensagem. Para isso, devem-se conhecer bem as regras gramaticais que são ensinadas nas escolas.

Percebeu-se que a professora-ouvinte, no momento de ensinar, não deixou, em instante algum, de utilizar a voz. Assim, observou-se que existe a mistura dos métodos de alfabetização usados pelos ouvintes e outros métodos usados pelos surdos. Isso ocorre quase que momentaneamente e pode causar problemas de aprendizado.

Não se poderia deixar de analisar o uso da linguagem visual, que nada mais é que a criação de uma imagem para se poder comunicar, enfim, expressar uma ideia por meio da linguagem visual, da qual os surdos se apropriam para desenvolver a cognição e a interação social, por terem uma língua mais visual do que as outras línguas, como a dos ouvintes.

Para isso, a docente utiliza textos jornalísticos ou literários que possuam imagens como charge, cartum, história em quadrinhos, fotografias, além de empregar a dança em suas aulas como um auxílio na aprendizagem e como uma maneira de fazer que os alunos expressem suas histórias pessoais agindo dessa maneira, enquanto sujeitos integrantes da sociedade.

- **Pergunta 2**

Os surdos, devido a sua limitação, não são compreendidos pelos ouvintes com “clareza”; assim estes têm dificuldade em se comunicar. Como os professores lidam com as dificuldades emocionais quando os surdos passam a querer comunicar-se por meio da Libras e socializar-se com os professores ouvintes? E quando acontece de essas crianças chegarem à escola, sem a Libras? Elas não se isolam ou são isoladas? Elas tentam interagir? Como é o comportamento delas na sala de aula? Deixe-me aproveitar e perguntar: aqui dentro da Escola Augusto Carneiro, existem aulas de Libras direcionadas para os pais destes alunos surdos e para os professores-ouvintes?

| | |
|-------------------|-----------------------------------|
| Categorias | Aula especial com professor surdo |
| | Intérpretes |
| | Qualificação dos professores |

Quadro 2 - Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.

FONTE: Colombo e Gomes, 2012.

Na Escola Augusto Carneiro, os professores sabem pelo menos o básico e sempre estão se qualificando por meio do estudo de Libras e de técnicas de ensino-aprendizagem. Ressalta ainda a existência de instituições que oferecem cursos para os professores, como a Secretaria de Estado de Educação (Seduc). Por isso, não há como não ocorrer comunicação com as crianças surdas por meio da Libras, até porque, quando estas ainda estão aprendendo essa língua, usam de outros meios para se comunicar, como os desenhos.

No caso de o surdo possuir uma potencialidade adequada, poderá frequentar uma escola de ouvintistas, onde prevalece a cultura, em todos os aspectos, dos ouvintes. Mesmo assim, será necessário haver um intérprete para que este possa passar as matérias lecionadas em Português para Libras. Pelo fato de esse aluno ser surdo, ele utiliza mais as percepções gestuais e visuais no seu cotidiano do que a oral-auditiva, apesar de possuir os mesmos níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico. Existem também semelhanças na língua entre surdos e ouvintes no momento de se expressar um pensamento. Por exemplo, o ouvinte, assim como o surdo, não vai se comunicar da mesma maneira ao dialogar com um amigo e com um estranho (FELIPE, 2004), o que também depende do ambiente no qual estão inseridos no momento da conversa.

Por isso, a Libras é a primeira língua dos surdos, o que exige a necessidade de um intérprete, apesar de que o ideal é que os professores saibam essa língua e até que também sejam surdos.

Ainda existe a dificuldade enfrentada por essas crianças, que chegam à escola com uma comunicação “caseira”, a qual só os próprios familiares que convivem diariamente com esse surdo conseguem decifrar, além de dar-lhe continuidade por meio de mímicas, gestos, expressões faciais e outros.

Esse fato não é totalmente negativo, antes de levar a criança para ser alfabetizada por meio da Libras e, conseqüentemente, do Português. O importante é que ela se comunique, pois este é o maior problema dos surdos: fazer parte de uma sociedade, interagir com ela; e isso só acontece quando existe comunicação. Além do mais, isso servirá como base para se adquirir a língua de sinais. (BUZAR, 2009).

Por isso, é importante que os professores sempre se qualifiquem para que possam entender o quanto é necessário, antes de tudo, fazer que esses alunos tenham uma boa socialização. Antes de tudo, a primária, que vem da família e muitas vezes é falha, talvez por não haver uma boa estrutura familiar e pelo fato de ela não possuir conhecimento suficiente sobre a cultura dos surdos, o que acaba deixando para a escola a tarefa de realizar a

socialização entre os alunos, com os professores ou até com seus familiares, antes mesmo de utilizar o método de alfabetização, que pode ser o do bilinguismo, usado por essa escola no plano pedagógico. E, concomitantemente, utilizam-se outras técnicas como recursos visuais, construção de textos que condizem com a realidade dessas crianças e uso de histórias infantis por meio da Libras para que ocorra o processo de ensino- aprendizagem.

No que diz respeito à realidade desses estudantes, viu-se nas aulas de história a professora pedindo que fossem coladas no caderno as fotos dos familiares mais próximos dos discentes e que relatassem quem eram, o que faziam da vida e onde moravam. Trata-se de uma maneira de ensinar sobre o que significa a família e também sobre a localização geográfica para que não se percam futuramente.

A Escola Augusto Carneiro não se esqueceu de que, para isso acontecer, é preciso usar como ferramenta de auxílio a comunicação, porque, para que exista socialização, é preciso que haja comunicação. Aliado a isso, é necessária também a empatia e a paciência para que todos possam se entender e respeitar as diferenças.

As crianças surdas, às vezes, demonstram apatia e inquietude por quererem expressar seus sentimentos, opiniões e por terem toda a atenção voltada para elas, o que pode acontecer com muitas crianças num determinado tempo. Em muitos casos, tornam-se arredias, sua maneira de chamar a atenção, e não querem realizar nenhuma atividade escolar. O contrário sucede quando ocorre afetividade e paralelamente a comunicação.

Entende-se que isso é uma questão de tempo, e o importante é respeitar o momento de cada um para aconteça todo o processo citado. Mas o fato é que tanto os professores-ouvintes (ou não ouvintes) quanto as crianças surdas aprendem mais, por exemplo, a Libras convivendo com a cultura dos surdos até de maneira melhor do que um ouvinte, já que esse processo de aquisição é natural para os surdos.

Os alunos dispõem de aulas de Libras com professores surdos, com formação acadêmica. Esses profissionais possuem maior sensibilidade em entender os surdos e realizam um procedimento metodológico mais adequado à realidade dos estudantes. As aulas ocorrem toda terça-feira, pela parte da manhã, para as crianças que estão sendo alfabetizadas. Nos outros dias da semana, ocorrem as aulas de educação física, de teatro e de informática, além das aulas de matemática e de história.

Assim como os professores dessa escola vão se qualificar por meio de cursos, os de Libras, justamente com os professores que são surdos, têm o mesmo propósito: o de mostrar a necessidade de entender a cultura dos surdos sem preconceito.

- **Pergunta 3**

Existem diferentes tipos de comunicação, entre eles a verbal e a não verbal. A primeira utiliza mais comumente a comunicação oral e refere-se à emissão de palavras que usamos para nos comunicarmos; e pode usar o processo da escrita, enfim, pode ser o registro de observações do cotidiano. Quanto à segunda, pode abranger o uso de imagens, figuras, desenhos, símbolos, danças, postura corporal, pintura, música, mímica, escultura e gestos como formas de comunicação. De que maneira os professores-ouvintes usam os tipos de comunicação para o ensino-aprendizagem das crianças surdas? Que tipo de comunicação se utiliza para a alfabetização das crianças surdas? Você usa os dois tipos de comunicação?

| | |
|-------------------|--|
| Categorias | Auxílio da comunicação verbal e não verbal |
| | Gesto como forma de sinais |
| | Métodos de alfabetização |

Quadro 3 - Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.

FONTE: Colombo e Gomes (2012).

Aqui foram analisados os tipos de comunicação e suas várias linguagens de maneira a deixar claras suas diferenças e sua utilidade para o ensino-aprendizagem dos alunos surdos.

A linguagem, mais especificamente a linguagem não verbal, na qual se encaixam os gestos, considerando também o método de ensino das crianças surdas e o plano pedagógico da escola, sustenta que o bilinguismo se utiliza da Libras como língua materna e a Língua Portuguesa como segunda língua, a língua oficial do nosso país, o Brasil.

Nesse sentido, os gestos podem ser uma ferramenta dos sinais da Libras.

Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser comparado aos fonemas e às vezes aos morfemas; são chamados de parâmetros [...]. (FELIPE, 2004, p. 22).

É fundamental deixar claro que todo sinal é um gesto, mas nem todo gesto faz parte do sinal da Libras.

Quando o gesto não faz parte da Libras, entende-se que a comunicação gestual é um recurso não linguístico, utilizado como um auxílio no método da comunicação total, que visa usar qualquer meio para que ocorra o diálogo.

Mas é importante relatar que, na comunicação total (método de alfabetização para os surdos), pode-se também usar a Libras e ter o gesto como uma ferramenta, como um sinal, para que se suceda a comunicação. Afinal esse método usa qualquer tipo de recurso, até mesmo a oralidade; o que importa é que exista uma comunicação entre os ouvintes e os surdos, ou mesmo entre estes últimos.

O que se pode entender é que esse assunto ainda é tema de discussão, para que se possa saber até que ponto os gestos são elementos gramaticais para a língua de sinais.

Já os gestos servem para os ouvintes como um aparato paralinguístico e também como complemento da comunicação verbal para ajudar na expressão do pensamento da pessoa. Percebe-se isso na cultura dos italianos, que “falam com as mãos”. (ANATER, 2009).

Na escola, os gestos são usados em todos os contextos, quer como sinais, quer como linguagem não verbal, pois os professores utilizam vários mecanismos ao mesmo tempo para que ocorra a comunicação e, conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem, mas sempre tendo a consciência de que é necessário que exista um plano pedagógico a ser seguido, por ser o mais sensato, e de que devem sempre estar se qualificando para atender às necessidades dos estudantes da Escola Augusto Carneiro.

Os alunos também se utilizam de qualquer forma para se comunicar, não importando se são gestos como sinais ou não, se o tipo de comunicação é tido como linguagem verbal ou linguagem não verbal e qual método e técnica são pregados na sala, pois, de início, apenas querem socializar-se com os colegas da sala e com os professores.

No que toca à datilologia, significa que é uns dos parâmetros da Libras, a configuração das mãos, que auxilia na comunicação dos surdos.

Deve-se lembrar de que o tipo de comunicação não verbal pode ser realizado conscientemente ou não, dependendo de quem se comunica. Às vezes, sem perceber, revela-se algo, por exemplo, quando estamos nervosos e roemos a unha.

Pode-se citar, como exemplos de comunicação, a gestual e a linguagem visual, ou seja, pinturas, ilustrações, desenhos, gravuras, fotografias, filmes e vídeos. Nas observações, percebe-se que a professora se utiliza mais de pinturas, de desenhos e dos gestos para que haja compreensão do que está ensinando para os alunos surdos.

Também se utiliza da comunicação verbal quando se propõe a usar a escrita, a escrever alguma coisa, como *avião* na Língua Portuguesa.

Não se pode deixar de dizer que a Libras é uma língua, com sua própria gramática, que serve para transmitir ideias e fatos utilizados pela comunidade de surdos no Brasil. Nela prevalece a modalidade gestual-visual devido a sua deficiência auditiva.

A partir disso, usa-se um dos três métodos utilizados na alfabetização: oralismo, bilinguismo e comunicação total para o aprendizado dos surdos.

No que diz respeito ao oralismo, esse método apenas usa a oralidade e trata a surdez apenas como uma patologia. Já o bilinguismo visa usar duas línguas para o aprendizado dos surdos. A Libras aparece como a primeira língua destes e depois o Português. A comunicação total pode utilizar-se de todos os recursos linguísticos para que aconteça a comunicação.

Nesta escola, prioriza-se o bilinguismo, mas na prática se utiliza também a comunicação total. Como foi notado nas aulas, o docente começa a fazer o uso da LS, mais especificamente com o parâmetro, para a qual se tem a datilologia, que usa a fala ao mesmo tempo. Quanto à técnica dos recursos visuais, os professores “passam” histórias infantis em que existe a oralização, enquanto a Libras fica em segundo plano.

- **Pergunta 4**

O bilinguismo no Brasil visa fazer que os surdos tenham a Língua Portuguesa para se integrarem na sociedade dos ouvintes, ao mesmo tempo em que possuem a Libras, para que possam viver sua “identidade”. Como o bilinguismo é utilizado na Escola Estadual Augusto Carneiro? Por que essa necessidade de ensinar a Língua Portuguesa para os surdos? Quanto à questão da comunicação total, vocês a utilizam ou é só o bilinguismo mesmo?

| | |
|-------------------|--|
| Categorias | Técnica de ensino |
| | Instrumento de socialização |
| | Prioridade da Libras e da linguagem visual |

Quadro4 - Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.

FONTE: Colombo e Gomes (2012)

Entende-se que a Libras – língua brasileira de sinais – é uma língua natural para os surdos, como qualquer língua que possui estruturas sintáticas, semânticas e morfológicas. A diferença de outras línguas é que esta usa mais a linguagem não verbal – mais especificamente a imagem – para expressar algo.

A Língua de Sinais tem origem na França; é a chamada Língua de Sinais Francesa. Vale a pena ressaltar que a Língua de Sinais não é universal; cada país tem suas diferenças, seja na estrutura gramatical, seja dentro do seu próprio país, pois existem diferenças de costumes nos dialetos, nas gírias, que podem mudar de região para região.

Já a Língua Portuguesa chegou ao Brasil mediante os portugueses; estes vieram colonizar nossas terras; com o tempo, a Língua Portuguesa de Portugal foi sofrendo algumas modificações, a ponto de termos a nossa própria variante.

O Português é também uma língua com estruturas gramaticais próprias – morfológica, sintática, semântica. É um conjunto de elementos que se relacionam entre si e formam um significado para um determinado grupo social. E está relacionado à cultura dos ouvintes que tanto se utiliza da linguagem verbal quanto da não verbal, em que prevalecem as percepções oral-auditivas no ensino-aprendizagem.

É importante, então, que os surdos conheçam a Língua Portuguesa para fazer parte de uma sociedade onde prevalece a cultura ouvintista, para que se possam comunicar e expressar seus pensamentos, além de poderem competir com os ouvintes, por exemplo, a uma vaga de emprego. Mas sem se esquecer de que sua primeira língua materna é a Libras.

Assim o bilinguismo nada mais é que um método utilizado para ensinar aos surdos a língua natural, a Libras, respeitando sua cultura e, conseqüentemente, ensinando a Língua Portuguesa, para que também possam se comunicar, enfim viver em sociedade com os ouvintes.

O conceito mais importante que o bilinguismo traz:

[...] é o de que os surdos formam uma comunidade, com cultura e com língua próprias. A noção de que o surdo deve, a todo custo, tentar aprender a modalidade oral da língua para poder se aproximar o máximo possível do padrão de normalidade é rejeitada [...] Isso não significa que a aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo; ao contrário, esse aprendizado é bastante desejado, mas não é percebido como o único objetivo educacional do surdo nem como uma possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez (GOLDFELD, 1997, p. 39 *apud* SILVA; LEMOS, 2008, p. 48).

Sabe-se o que é o bilinguismo, mas na prática acaba-se usando a comunicação total para que se suceda a comunicação entre o docente (ouvinte) e os discentes surdos para que, assim, o processo de ensino-aprendizagem se concretize. Isso provavelmente ocorre em outros períodos da Escola Augusto Carneiro, fato que foge da linha pedagógica da Escola.

Na comunicação total, temos o conhecimento de que se pode utilizar de todos os meios para que o surdo possa ser compreendido e se comunique com as pessoas. Os meios podem ser tanto os recursos linguísticos quanto os não linguísticos. O que importa é que os surdos consigam realizar um processo comunicativo para realizar uma comunicação compreensiva e, nesse caso, aconteça o aprendizado.

A comunicação é uma ferramenta essencial para facilitar a socialização dos surdos perante uma sociedade em que prevalece a cultura dos ouvintes. Essa iniciação ocorre mediante a “imitação”.

Pôde-se observar esse processo em uma das aulas, quando a professora expressou, por meio das mãos, que queria que todos ficassem em círculos para que pudessem desenvolver uma atividade lúdica. Os alunos imitaram o gesto da professora, em vez de obedecer-lhe e ficar na forma geométrica que ela sugeriu. Nesse caso, não houve uma boa interpretação do processo comunicativo. Isso fez que a docente buscasse outra forma de comunicação para ser entendida. Outro caso aconteceu, porém de forma positiva: em uma das aulas, foram ensinadas todas as expressões faciais, dentre elas a de alegria.

A socialização deve vir antes de tudo da família, a chamada socialização primária. Ela é responsável pelo vínculo de afetividade e de respeito, além de interiorizar normas e valores em seus membros. Quando a criança chega à escola sem uma socialização adequada, dificulta o processo de aprendizagem. Isso faz que os professores acabem embutindo e aplicando valores morais e até éticos, além de sentimentos, tais como cordialidade, para que aconteça uma comunicação com socialização e, conseqüentemente, o aprendizado propriamente dito.

No caso das crianças surdas, há outro fator que dificulta a socialização: elas convivem em uma comunidade onde quase sempre não existe a cultura delas ou então são superprotegidas.

Desse modo, a Escola Augusto Carneiro tomou também para si a responsabilidade de socializar essas crianças respeitando seu modo de ver e de sentir o mundo, por meio de uma comunicação, de métodos e de técnicas de ensino adequados para dar procedimento ao ensino-aprendizado.

Como foi dito antes, o método utilizado nessa escola é o bilinguismo; quanto à técnica, é um conjunto de procedimentos metódicos para obter um resultado; tudo por meio dos conhecimentos científicos para que possa melhorar e transformar a realidade; nesse caso, a dos surdos em fase da alfabetização.

Já as técnicas usadas juntamente com o método na escola incluem utilizar a LS sem a fala na LP; realizar um contraponto entre LP e LS para que os alunos saibam as semelhanças e

as diferenças entre essas duas línguas. Também se usam os recursos visuais como desenhos, além de passar histórias infantis narradas em Libras, como o clássico *Chapeuzinho Vermelho*. Por último, fazem produção de textos que se relacionem às experiências das crianças.

- **Pergunta 5**

Como em qualquer escola brasileira, os alunos-ouvintes ou surdos devem ser avaliados, para que possam prosseguir em seus estudos. Mas, por outro lado, crianças surdas devem ser avaliadas de maneira diferente, devido às suas limitações para se expressar. Como os professores avaliam esse desenvolvimento? Dê-me um exemplo de um processo de avaliação. Quase sempre todos passam? Como é que funciona? Não existe prova específica para esses alunos? Dê-me um exemplo de um processo de avaliação. Quase sempre todos passam?

| | |
|-------------------|------------------------------------|
| Categorias | Avaliação acumulativa |
| | Exercícios relacionados à Libras |
| | Acompanhamento integral dos alunos |

Quadro 5 - Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.

FONTE: Colombo e Gomes , 2012

O processo de avaliação dentro da sala de aula da professora acontece no dia a dia, o que está de acordo com a Lei 9.394/96, a LDB, ou a Lei Darcy Ribeiro, que não reconhece o sistema onde existam provas parciais e conseqüentemente médias finais na avaliação escolar, pois essa técnica entende que o processo de aprendizado não visa ser apenas uma maneira mecânica, em que o aluno é passivo na hora de receber as informações passadas pelo docente, sem que se levem em conta suas experiências empíricas, sua cultura. Objetiva-se que o aluno participe e seja avaliado ao longo do ano letivo de maneira qualitativa e não quantitativa, sempre levando em conta a sua potencialidade de aprender, e não seus pontos negativos como aluno.

E Freire (2003, p. 125 -126) acrescenta que:

Uma escola democrática teria de preocupar-se com a avaliação rigorosa da própria avaliação que faz de suas diferentes atividades.

A aprendizagem escolar está relacionada com as dificuldades que eles enfrentam em casa, com as possibilidades de que dispõem para comer, para vestir, para dormir, para brincar, com as facilidades ou com os obstáculos à experiência intelectual. Relaciona-se com sua saúde, com seu equilíbrio emocional.

A aprendizagem dos educandos tem que ver com a docência dos professores e professoras, com sua seriedade, com sua competência científica, com sua amorosidade, com seu humor, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas essas qualidades tem que ver com a maneira mais ou menos justa ou decente com que são respeitados.

Assim, percebe-se no cotidiano da sala de aula se o aluno está assimilando o que vem sendo passado durante as aulas por meio de exercícios, quando, por exemplo, o professor, por meio da Libras, pede ao aluno que busque uma determinada cor em uma revista ou pinte de determinada cor um objeto. Os docentes também cumprem com seu papel de educador, que visa dar noção de ética, responsabilidade para se conviver em uma sociedade com mais igualdade social e econômica. E sabem que é preciso, antes de tudo, serem compreendidos, assim se promoverá o ensino-aprendizado das crianças surdas.

Na escola, a avaliação é feita por meio do processo acumulativo; não se reprova o aluno; deixa-se que vá até o último ciclo. Neste ciclo, apenas ele é retido, caso realmente haja necessidade.

• Pergunta 6

As escolas hoje em dia se utilizam dos recursos tecnológicos, mais especificamente os audiovisuais, por terem em mente a facilidade em obter resultados positivos com mais rapidez na aprendizagem de seus alunos. De que forma são utilizados os recursos visuais em sala de aula para os surdos? Segundo sua opinião como profissional, você acredita que esse processo ajuda no aprendizado das crianças surdas?

| | |
|-------------------|-------------------|
| Categorias | Recursos visuais |
| | Datilologia |
| | Auxílio da Libras |

Quadro 6 - Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.

FONTE: Colombo e Gomes, 2012

A Escola Augusto Carneiro utiliza meios visuais como desenhos, figuras, fotografias. Quando precisa usar a tecnologia visual, seus alunos são levados para a sala de TV, chamada de videoteca, onde assistem a DVDs com assuntos relacionados ao tema lecionado naquele

dia. Isso contribui para a aprendizagem dos surdos por fixar e por concretizar pensamentos e teorias tidos como abstratos.

Terra e Fantinel complementam:

Trazem o valor da vida real à aprendizagem que se realiza na escola; reduzem o nível de abstração, indicam o trabalho funcional da escola, abrem dupla via de comunicação entre a escola e a comunidade, ajudam o aluno a avaliar o que o mundo espera dele, constituem novas e ricas fontes de motivação. (FANTINEL, 1999 *apud* SILVA; LEMOS, 2008, p.66).

Esses recursos são usados também como complementos das aulas, servem para ampliar os vocábulos e para trazer novos conhecimentos e informações, o que possibilita ao estudante conhecer o mundo todo, sem a necessidade de se locomover.

Os docentes sabem que os surdos necessitam dos recursos visuais, tais como cartazes, desenhos, fotografias para poder compreender o assunto abordado, mas, antes de tudo, têm a consciência de que esses recursos facilitam a comunicação com os alunos e, conseqüentemente, contribuem para o processo de aprendizagem. O professor entende que os surdos sentem a necessidade de se comunicar, de fazer parte da sociedade expressando suas ideias e suas impressões sobre os assuntos, o que facilita para o educador “transmitir” conhecimentos e, para os alunos, recebê-los e fazer perguntas se for o caso.

Por isso, nessa escola, vimos professores da alfabetização usando o mecanismo visual com atividades que faziam que os alunos desenvolvessem seu potencial. Citem-se exemplos de exercícios: *pinte o objeto de maior tamanho; pinte o coelhinho macho com a coelhinha fêmea; traceje os numerais correspondentes à quantidade de palhaços que existem; e ajude o macaco tracejando o caminho certo para encontrar a banana*. Os recursos visuais que exigem mais tecnologia são pouco usados, mas, quando são utilizados, servem para passar histórias infantis para as crianças, com objetivo de trazer conceitos de comportamentos que devem ser seguidos numa sociedade.

Quanto à infraestrutura, no que diz respeito à utilização dos recursos visuais, a Escola possui um laboratório de informática, sala de teatro, videoteca, salas de recuperação de estudo, sala de leitura, brinquedoteca, videoteca e biblioteca. Cabe ressaltar que, nessa escola, todos os professores têm acesso a esses locais.

Foi analisado também que a Libras, nessa escola, é uma ferramenta que auxilia na comunicação, na socialização e também no ensino-aprendizado das crianças. Além disso, os alunos usufruem dessa língua com frequência, mesmo que seja mesclada com outra língua; no caso, a LP, o que se configura como bimodalismo, quando estão assistindo, por exemplo,

histórias infantis ou até quando a professora está abordando algum assunto específico em sala de aula. Essa prática torna-se mais visível quando se usa o parâmetro das configurações, mais especificamente a datilologia.

- **Pergunta 7**

Pais de surdos, por serem quase sempre super-protetores, participam de atividades específicas para eles, inclusive no estudo de Libras, para que possam se comunicar melhor com seus filhos e entendam o que e como o professor está ensinando em sala de aula. Como os pais lidam com o ensino-aprendizado dos alunos na escola? Eles se interessam em aprender Libras? Os pais mais ajudam ou são inconvenientes quando se trata do aprendizado de seus filhos? Os alunos frequentam as aulas com assiduidade? E por que existem faltas com certa frequência? Desde quando a senhora leciona para crianças surdas?

| | |
|-------------------|-------------------------------------|
| Categorias | Estudam Libras |
| | Ajudam nos deveres |
| | Participam das atividades escolares |

Quadro 7 - Entrevista aplicadas no período de agosto a outubro de 2011, na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos.

FONTE: Colombo e Gomes, 2012

Sabe-se que a Libras – para os alunos surdos, os pais de filhos surdos e, conseqüentemente, os professores que lecionam para esses estudantes – é importante para a educação. E, mais do que isso, possibilita um processo comunicativo e, ao mesmo tempo, elimina ou pelo menos ameniza a maior dificuldade desses discentes, que é de se socializar com as pessoas.

Portanto, nesse processo comunicativo, o educador tem papel fundamental, que é o de incentivar e de ter paciência em relação às dificuldades que os alunos encontram pela frente, além de respeitar e de aprender com a experiência de vida que eles trazem de casa. (FREIRE, 2005).

No que diz respeito ao interesse dos pais em aprender Libras, a professora relata que a maioria desperta esse desejo e se importa com a educação dos filhos, a ponto de aprender essa língua e de compreender a cultura surda, em vez de impor a cultura dos ouvintes.

Por meio dos serviços educacionais, os pais:

[...] sabem que precisam desenvolver a linguagem de seus filhos, ou seja, sabem que as crianças, mesmo surdas, já nascem com a capacidade para expressar o que quiserem, por meio do corpo, principalmente dos gestos, e até por meio das palavras. A família passa a agir normalmente com a criança surda [...] Se o surdo profundo for estimulado desde cedo, reagirá auditivamente por vários sons ambientais e até poderá, com o tempo, codificar alguns sons da palavra falada. (BRASIL, 1997, p.114).

Os pais acabam entendendo, com isso, a importância e a necessidade do ambiente familiar no desenvolvimento dos filhos no que diz respeito à aprendizagem e ao emocional. Uma comparação feita é a de que se achava antes que os pais eram mais dispersos com a educação dos filhos. Hoje, pensa-se diferentemente e percebe-se que os pais acompanham os filhos, perguntam e questionam sobre o desempenho deles, se estes estão aprendendo e comportando-se dentro da sala de aula.

Os pais auxiliam nas tarefas escolares; eles não só ajudam seus filhos na tarefa de casa, mas também acabam aprendendo com eles; pelo menos, no que se refere à turma de alfabetização.

Além disso, ajudam, por exemplo, com os preparativos das crianças quando existe uma comemoração como o Dia da Árvore. Nesse evento, eles levaram um pé de planta pequena para ser plantado; ou, ainda, no dia da festa junina, quando fizeram as roupas típicas para que essa festa fosse realizada na Escola.

As mães, muitas das vezes, ao deixarem seus filhos às sete horas na Escola, não têm onde ficar até o término das aulas, devido à falta de condições financeiras de “pegar” outra condução e por morarem em bairros distantes, como os que ficam na zona leste.

Então as genitoras aproveitam para realizar algumas atividades, entre elas crochê, tricô, pintura. Mas muitas delas participam das atividades escolares, por exemplo: ao interagir com as funcionárias da Escola, como na cozinha; começam também a realizar funções, tais como preparar a comida das crianças na hora do intervalo e até na do almoço, limpar o local, além de “olharem” as crianças para que estas não se machuquem ou até briguem entre elas.

Existem mães que ficam como porteiras, “vigiando” quem pode entrar, para que a segurança seja garantida, pois conhecem todo o procedimento que a Escola impõe. Assim,

anotam e comunicam para a secretaria da Escola quando as crianças surdas chegam atrasadas, para que esta tome as devidas providências.

Elas também aproveitam essas cinco horas para trocarem informações e conhecimentos sobre seus filhos e sobre o andamento pedagógico da Escola. E percebem a satisfação destes em estar estudando na Escola; por estarem mais sociáveis, comunicativos e melhorando o desenvolvimento intelectual, alguns pais sonham com seus filhos frequentando uma faculdade.

Algumas ficam depois desse horário para esperar que suas crianças tenham aulas de reforço escolar. Assim aproveitam para dar continuidade às atividades escolares, o que inclui participar de cursos de Libras, além de fazer amizades com os familiares que esperam seus filhos que estão matriculados no período da tarde.

A maioria dos alunos vem com frequência para as aulas. Os pais dos que faltam mais de três dias consecutivos recebem uma ligação da Escola para questionar os motivos de os discentes não estarem indo às aulas. Caso seja necessário, a Escola toma as devidas medidas legais para que o estudante volte a estudar.

Os adolescentes são os que menos faltam, por não dependerem mais dos pais para se locomoverem até a escola, por já saberem se comunicar por meio da LP e da Libras; ao contrário das crianças, que, quando não vêm para a aula, isso se deve a condições financeiras, ou porque os pais precisam resolver problemas pessoais ou relacionados ao estudante e não têm quem as leve às aulas – por exemplo, quando no mês de abril os pais tiveram que legalizar outra vez os documentos junto ao governo federal para que seu filho continue tendo o direito de se locomover gratuitamente no transporte público da cidade. Outro item que leva à não presença desses alunos na sala de aula são desentendimentos familiares ou ainda quando os familiares alegam que têm consulta marcada com o médico para essa criança.

6.3 Interpretação dos fatos analisados

Vencida a etapa da organização, da classificação do material coletado em categorias e da realização de uma análise das respostas dadas na entrevista, segue-se para uma interpretação desta, o que, por sua vez, tem a função de ampliar a informação dada pela entrevistada por meio de leituras específicas para dar conta do problema estudado.

Constatou-se, então, que o docente possui conhecimento básico no que diz respeito à utilização de métodos adequados para a alfabetização dos surdos, ao se tratar das terminologias. Às vezes, comete alguns equívocos, como na questão do bilinguismo com a comunicação total e sobre os gestos serem tidos como parâmetros ou não, como uma ferramenta para a comunicação dos surdos na língua materna.

O que também auxilia para se ter essa noção basilar é o gosto de trabalhar para esse público, além da intuição e do tempo em que leciona para os surdos. Alguns conceitos são senso-comum entre os professores de alfabetização de surdos; por exemplo, a importância de se usar a comunicação visual, incluindo como complemento os recursos tecnológicos.

Apesar disso, a sala de videoteca não é usada com frequência. Uma das justificativas que se ouviu é o receio de acontecer algum imprevisto, o equipamento sair danificado e depois ter que pagar pelo conserto. No entanto o fator predominante, para a não utilização desse recurso visual, é a falta de conhecimento técnico. Isso revela a necessidade de se ter um técnico ou um auxiliar para que possa manusear de forma correta o material.

Mas, quanto ao uso dos meios visuais, os mais comuns são fotografias, desenhos, cartazes, entre outros. Eles são utilizados com frequência em sala de aula de maneira didática para conciliar o método bilinguismo com o auxílio dos meios visuais, já que sua percepção mais aguçada é o gesto-visual.

A atividade realizada com assiduidade em sala de aula foi a de fixar sempre o nome dos alunos, dos seus pais e o seu endereço domiciliar por meio da datilologia e da Língua Portuguesa. Trata-se de uma maneira para que possam se comunicar caso surja algum imprevisto desagradável, como se perder dos familiares, além de ser, é claro, um modo de se socializar com a sociedade ouvinte. Os estudantes tinham atividades relacionadas à pintura e de recorte de figuras que tivessem a cor pedida, sempre por meio da Libras e do Português.

Alguns desses trabalhos feitos em sala de aula foram documentados com o propósito de concorrer a prêmios, como o de melhor gestão escolar. Por exemplo, no dia 19 de abril, as crianças pintaram o índio e o procuraram nas revistas, em comemoração a tal data folclórica.

Foi demonstrado ser um eficiente exercício, pois fez que as crianças ficassem entretidas em querer aprender não somente sobre a disciplina em si da grade curricular, o que lhe dá autonomia ao se expressar, ao tomar suas decisões e ao se socializar, principalmente ao compreender sobre a responsabilidade social e os direitos como partes integrantes da sociedade.

A intenção primordial dessa compreensão é desenvolver a comunicação por ser vital no desenvolvimento do aluno. Santos (2008) compara o ato da comunicação ao da respiração, já que ambos acontecem de maneira natural; muitas vezes, o processo comunicativo se manifesta sem notarmos a sua presença.

Percebe-se, ainda, a presença dos pais, que participam ativamente das tarefas escolares, das atividades escolares e se interessam em apreender mais sobre a cultura dos surdos. Alguns genitores sabem de alguma maneira que, por meio do diálogo com seus filhos e com os professores, poderão melhorar ainda mais o empenho de ensino de suas crianças.

Partiu-se do pressuposto de que o receptor, tanto no processo comunicativo quanto no de ensino-aprendizagem, não é um sujeito passivo, e sim ativo na ação comunicativa.

Assim, como um emissor que ao mesmo tempo é o que ensina, pode concomitantemente aprender e conseqüentemente pode vir a se tornar também um receptor da mensagem enviada pelos alunos, que antes era um sujeito que somente recebia do destinatário a mensagem.

Por isso, a partir do momento em que o professor estiver no papel de emissor, o que quase sempre acontece devido a sua função na sala de aula, deve-se colocar no lugar do outro e entender que esse sujeito faz parte da ação comunicativa e que está cheio de significados e de saberes para serem transmitidos.

Afinal todos os sujeitos envolvidos nesse processo comunicativo são agentes sociais com culturas diferentes, intenções diferentes e experiências diferentes, o que ajuda no processo de ensino-aprendizagem das crianças surdas. Sem contar que entre o professor e o aluno existe – e é necessário que exista – a mediação das técnicas visuais, no caso do aprendizado dos estudantes surdos, para desenvolver sua cognição, quer emocional, quer intelectual.

Não se pode deixar de mencionar a importância também da mediação dos pais, pois estes acabam sendo, em um determinado momento, uma ponte entre os professores e os alunos.

Desse modo, foi perceptível que os pais – mais especificamente as mães – se preocupam com seus filhos e, ao levá-los para estudar, acabam ficando no pátio da Escola, aguardando o término da aula. Algumas desenvolvem determinada atividade – a exemplo de porteira e merendeira – como se fossem funcionárias da Escola.

No que diz respeito à avaliação dos alunos, estes estão sendo analisados todos os dias, em sala de aula, para diagnosticar onde está o potencial de cada um e desenvolvê-lo mais a cada dia, além de sanar ou de amenizar algumas dificuldades na aprendizagem.

Existe o caso de uma estudante, que é uma exceção; ela frequentou as aulas de alfabetização por quase um mês; foi quando a docente entendeu que a aluna não poderia frequentar as suas aulas. Um desses motivos é porque ela poderia avançar no estudo, podendo estar em um ciclo mais avançado, pois possuía a alfabetização e um bom entendimento da Libras. Outro aspecto importante relacionava-se à sua idade, 18 anos; e a faixa etária da sala do primeiro ano no qual se encontrava era de seis anos, o que a fazia ficar “deslocada” do grupo.

Um item que não poderia ser deixado de lado trata da questão da ausência dos alunos. As crianças da alfabetização, muitas vezes, quando faltam, é porque os pais não têm condições financeiras, ou têm compromissos que somente eles podem resolver, o que inviabiliza a frequência dos alunos nas aulas. Mas cabe um questionamento sobre essa questão: será que, se os alunos fossem ouvintes, teriam o mesmo tratamento por parte dos pais? Afinal, a instituição conta com todos os professores graduados na área da educação, e estes possuem Libras e passam com frequência pelo processo de aperfeiçoamento; ademais, muitos possuem pós-graduação.

A Escola possui em seu quadro docentes surdos que lecionam e dão apoio pedagógico aos professores-ouvintes e incentivo aos alunos para superar os obstáculos impostos pela perda auditiva.

Um fato que muito chamou atenção foi a chegada de uma aluna à escola, tanto no que diz respeito à sua personalidade quanto ao fato de ter sido submetida a implante coclear.

Notou-se, dentro da sala, a respeito dessa estudante, que, por ter feito o implante coclear – um dispositivo eletrônico que estimula o córtex cerebral – supostamente ela possui certa capacidade auditiva. Isso é suficiente para que participe do processo comunicativo com os ouvintes, utilizando os mesmos meios para se comunicar. Foi enfatizado pelos docentes que a aluna deveria realizar sessões de fonoaudiologia e começar a viver mais no mundo dos ouvintes.

Percebeu-se que ela é agitada, não se comunica nem por Libras nem pelo Português, mas sim por meio de gestos e de expressões faciais oriundos do convívio familiar.

A aluna não deveria estar frequentando a escola de surdos. Como fez o implante, deveria estar buscando uma fonoaudióloga e estar na escola de ouvintes com acompanhamento de um intérprete. Ela, entretanto, se sente mais tranquila e feliz quando está sem o aparelho, pelo fato de ele irritá-la com ruídos excessivos.

Segundo a avaliação da professora, falta dar limites para ela, por meio de uma boa educação familiar, sem muitos mimos, devendo ser tratada como uma criança “normal”.

Apesar das observações acima, entende-se que essa aluna possui um grande potencial a ser desenvolvido e, quando existe uma comunicação com a qual ela é entendida e compreendida, torna-se meiga, o que também se pode dizer dos seus colegas de classe.

Então se percebeu que a professora-ouvinte, responsável pela alfabetização das crianças surdas da Escola, utiliza os recursos visuais para que possa primeiramente conseguir um processo comunicativo com os surdos, para que assim haja uma comunicação compreensível e, ao mesmo tempo, possa socializar-se com esses estudantes e fazê-los interagir com a sociedade ouvinte e, finalmente, para que prontamente os discentes entendam o contexto do conteúdo da disciplina administrada por ela.

CONCLUSÃO

Esta dissertação traz contribuições à comunicação e à educação dos surdos por compreender que, na Escola Augusto Carneiro, são usados, nos processos comunicativos, os recursos visuais, a exemplo de fotografias, desenhos, pinturas e DVDs como técnicas do método do bilinguismo para facilitar a socialização dos alunos surdos com o professor-ouvinte. E isso foi notado por meio da convivência com esses estudantes. Assim foi possível conhecer como é a cultura surda e a necessidade que sentem em se comunicar, interagir e expressar seus sentimentos e seus pensamentos com a sociedade.

Percebeu-se o esmero da professora para manter um convívio harmônico com as crianças por meio da comunicação, principalmente a visual. Mas, para que isso seja possível, não podemos deixar de considerar, também, que a educadora não é apenas é uma emissora que impõe seus conhecimentos e seus pensamentos, e os alunos os recebem de maneira passiva. É mister ponderar que o receptor se torne o emissor passando também suas experiências e suas informações ao docente, para que se suceda uma verdadeira educação a ponto de não existir a necessidade de saber em um diálogo quem é quem, mas sim apenas que existe uma interação simultânea.

Investigou-se, ainda, nesse período da pesquisa de campo, a importância do uso da mediação na sala de aula, que nada mais é que um intermediário que intervém para facilitar a comunicação entre o professor e os alunos. Trata-se de um processo em que o mediador, muitas das vezes, são os jornalistas, os pedagogos e os escritores, que, por meio dos meios visuais como as revistas e os livros, ajudam no processo de ensino-aprendizado dos surdos. Não se pode esquecer de que o docente até pode ser um mediador tanto em uma prática pedagógica quanto no processo comunicativo, no que diz respeito às relações interpessoais com seus discentes e com os familiares dos estudantes, principalmente quando se trata das tarefas escolares.

Entendeu-se, com isso, que a mediação dos professores por meio dos recursos visuais auxilia na formação cognitiva das crianças surdas, pois se sabe, mediante a observação, que os surdos aprendem mais, por possuírem uma língua espaço-visual.

Desse modo, verificaram-se, conseqüentemente, outras técnicas, tais como empregar a LS sem a fala em LP, realizar um contraponto entre LP e LS, para que os alunos saibam as semelhanças e as diferenças entre essas duas línguas. Porém o que prevaleceu muitas das vezes na sala de alfabetização foi o bimodalismo, quando nesse caso o professor é ouvinte, o que não acontece quando o professor é surdo.

Realizaram-se também considerações indispensáveis ao se notar que a maioria dos surdos vive em uma “semiosfera fechada” sem se relacionar com os ouvintes. Por não serem compreendidos, tendem a se comunicar com as pessoas de forma agressiva e sem nenhuma polidez diplomática ao utilizar a linguagem. Mas, quando conseguem interagir, são pessoas amáveis e agradáveis de conviver e se mostram receptivas, prestativas e interessadas no conteúdo passado no meio escolar. Um exemplo disso acontece quando os professores utilizam em sala de aula cartazes, figuras publicadas nos veículos de comunicação, enfim quando utilizam a linguagem verbal ou não verbal para facilitar a interação e a aprendizagem.

Essa análise nos leva à conclusão de que os educadores e/ou professores devem entender o que é comunicação e como ela funciona num espaço preenchido por alunos surdos, na medida em que, conhecendo o ambiente em que eles estão inseridos, promove-se a aprendizagem e o ensinamento; e, mais do que isso, facilita-se a socialização com o “mundo dos ouvintes”.

Assim, pode-se responder de maneira científica e satisfatória como os recursos visuais podem ser empregados nas atividades de ensino-aprendizagem de alunos surdos na Escola Augusto Carneiro.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia F. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

AMORIM, Vivian K. T. de Melo. **Fatores que interferem na audição do bebê durante a gestação; uma proposta de prevenção**. 1998. __f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica, Recife, 1998.

ANATER, I. Pessini Gisele. **As marcações linguísticas não manuais na aquisição da língua brasileira (LSB): um estudo de caso longitudinal**. 2009. __f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ANDRADE, Isa Maria Barros. **O processo comunicativo no ensino-aprendizado de crianças surdas: o caso da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos**. Manaus, 2 dez. 2011. Entrevista concedida a Macri Elaine Colombo, como requisito para a elaboração da dissertação. Bookman, 2001.

BORDENAVE, Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. Constituição (2002). Lei n.º 10.436, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Lex**: Coletânea de Legislação e Jurisprudência. Brasília, 24 de abril de 2002. Legislação Federal e Marginália.

BRASIL. Constituição (2005). Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Lex**: Coletânea de Legislação e Jurisprudência. Brasília, 22 de dezembro de 2005. Legislação Federal e Marginália.

BRASIL. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial n.º 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria n.º 948, de 9 de outubro de 2007.

BREGUNCI, G. Maria. **Organizando as classes de alfabetização: processos e métodos**. 2008. Disponível em:

<http://www.educacional.com.br/glossariopedagogico/verbete.asp?idPubWiki=9555>>. Acesso em: 2 set. 2011.

BUZAR, Santos A. Edeilce. **A singularidade visuoespacial do sujeito surdo: implicações educacionais**. Brasília. 2009. __f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília/ UnB, Brasília, 2009.

CALIL, Rosana. **No olho do Furacão: desafios e incertezas dos professores no processo de alfabetização por meio de textos**. 2008. __f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana-SP, 2008.

CAMPOS, Tatiane. **Métodos de Alfabetização**. [S.l: s.n], 2008. *Slides* de aulas proferidas na disciplina História da Educação, no Centro Universitário do Norte – Uninorte.

CARNEIRO, N. Paula. **A Educação no Brasil: avanços e problemas**. 2011. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-educacao-no-brasil-avancos-problemas.htm>>. Acesso em: 1 jul. 2011.

CASTANHA, André Paulo. “O Ato Adicional de 1834 na história da educação brasileira”. In: JORNADA DO HISTEDBR. 5. 2005, Sorocaba. **Anais...** Sorocaba: Unicamp, 2005. 1 CD-ROM.

CÉSAR E SEZAR. **Biologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

CONCEIÇÃO, Maciel; ROCHA, Eduardo. **Histórias Infantis em Línguas de Sinais**. Produção de Maciel Conceição; direção de Eduardo Rocha. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2007. 1 DVD, 60 min. (Série: Educação de Surdos. 3). [Filme-vídeo].

CORRÊA, Roseane Modesto. **Aspectos históricos da educação de surdos: da exclusão à “inclusão”**. In: TREVISAN, Patrícia Farias. Fantinel; SILVA, Rosana Valéria Farias da;

OLIVEIRA, Sebastião Reis de (org.). **Línguas de Sinais**. Manaus: Valer; UEA, 2008.

DICCIONARIO MÉDICO. Barcelona: Editora Manuales Salvat, 1990.

DUARTE, Karina; ROSSI, Karla; RODRIGUES, Fabiana. O Processo de alfabetização da criança segundo Emília Ferreiro. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, Garça, SP, v.6, n.º 11, p.1-7, jan. 2008.

ESCRITA DE SINAIS. [blog]. Alfabeto Manual ou Datilologia. Postado em 7 set. 2010. Disponível:< <http://escritadesinais.wordpress.com/2010/09/07/alfabeto-manual-ou-datilologia/>>. Acesso em: 5 fev. de 2011.

FELIPE, Tanya. Finalmente, a Lei de Libras é regulamentada. **Revista da FENEIS**, ano 4, n.º 27, p.13-14, jan./mar., 2006.

_____. **Introdução, Libras em Contexto: curso básico: livro do estudante**. 4.ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2004.

_____. **Surgimento da Libras: de Flausino ao Grupo de Pesquisas da FENESIS-RJ**. In: Seminário do INES. 5., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: INES. 2000. p. 87-89.

FELIPE, Tanya; MARQUES, Emeli. **Libras em Contexto**. 2011. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/page/libras_nacional_integra.asp>. Acesso em: 1 fev. 2011.

FERNANDES, Eulália (org.). **Surdez e bilinguismo**. 3.ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FIGUEIREDO, Aguinaldo. **Histórias do Amazonas**. Manaus: Valer, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2.ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

GUYTON, Hall. **Manual de Fisiologia Médica**. Madri: Interamericana de España, 2002.

GUYTON, Arthur. **Fisiologia Humana**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. Tradução: Charles Alfred Esberard.

INES – INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. Disponível em: <www.surdo.org.br/informacao.php?info+Historia&lg=pt> . Acesso em: 29 jan. 2011b.

INES. **O Surdo e a História de sua Educação**. 2011. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/ines_livros/31/31_PRINCIPAL.HTM>. Acesso em: 29 jan. 2011

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Libras Intermediário: apostila do projeto Curupira: promoção da acessibilidade. Manaus: [s. n.], 2012.

LIMA, C. Manolita. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MENDONÇA, Claudia L. **Diagnóstico Precoce na Deficiência Auditiva**. 1999. __f. Monografia de Conclusão de Curso (Especialização) – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica, Recife, 1999.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.º 3, p.239-262, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. . **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8.ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NOBRE, Maria A. Costa; RAMPELOTTO, Elisane M. Língua de Sinais. *In*: TREVISAN, Patrícia Farias Fantinel; SILVA, Rosana Valéria Farias da; OLIVEIRA, Sebastião Reis de (org.). **Línguas de Sinais**. Manaus: Valer; UEA, 2008.

OLIVEIRA, K. Marta, *et alli*. **Piaget, Wallon, Vygotsky: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, Sebastião Reis. **Aspectos linguísticos básicos da língua brasileira de sinais**. *In*: TREVISAN, Patrícia Farias Fantinel; SILVA, Rosana Valéria Farias da; OLIVEIRA, Sebastião Reis de (org.). **Línguas de Sinais**. Manaus: Valer; UEA, 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2.^a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, José H., **Curso Básico de Teoria da Comunicação**. 5.^a ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

PINTO, Fernanda B. O silencioso despertar do mundo surdo brasileiro. **Revista de História e Estudos Culturais**, v.3, n.º 2, p. 1897-6971, abr./jun. 2006.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **Um capítulo da história do Sign Writing**. [s. d.]. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>>. Acesso: 5 fev. 2011

RABAÇA, Carlos Alberto R.; BARBOSA, G. Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

RAMOS, R. Clélia. **Língua de Sinais e Literatura: uma proposta de trabalho cultural**. 1995. __f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 20.^a ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Memória da Educação).

RIBEIRO, Milton. **Planejamento Visual**. 8.^a ed. Brasília: LGE, 2003.

SÁ, Nídia Limeira. **Educação de Surdos: a caminho do bilinguismo**. Niterói: EdUFF, 1999

SANTAELLA, Lucia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. **Matrizes. Revista do Programa de Pós-Graduação da USP**, n.º 1, p. 75-97, out. 2007.

SEDUC. **Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos**. Manaus: SEDUC, 2011. Folheto.

SILVA, Rosana Valeria Farias; LEMOS, Lênia Elane Cintra. Ensino-aprendizagem da criança surda: um enfoque psicopedagógico. *In*: TREVISAN, Patrícia Farias. Fantinel; SILVA, Rosana Valéria Farias da; OLIVEIRA, Sebastião Reis de (org.). **Línguas de Sinais**. Manaus: Valer; UEA, 2008.

SILVA, Rosiane S. **O processo comunicativo no ensino-aprendizado de crianças surdas: o caso da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos**. Manaus, 24 maio. 2012. Entrevista concedida a Macri Elaine Colombo como requisito para a elaboração da dissertação.

SKLIAR, Carlos. **La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica**. Mendoza, República Argentina: EDIUNC, 1977.

SURDEZ. org. br. **Surdez**. São Paulo: USP, 2007c. Disciplina de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da USP. Disponível em: < <http://www.surdez.org.br/>> Acesso em: 6 fev. 2010.

TESTUT L., LATARJET A. **Compêndio de anatomis descriptiva**. Espanha: Salvat, 1989.

TREVISAN, Patrícia Farias. Fantinel; SILVA, Rosana Valéria Farias da; OLIVEIRA, Sebastião Reis de (org.). **Línguas de Sinais**. Manaus: Valer; UEA, 2008.

VIEGAS, Ilana da R. Silva . O papel social da leitura e da escrita: ser alfabetizado é ser letrado? SEMANA FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS, 9.^a edição, 2007, São Gonçalo. **Anais...** v. 12, n.º15, p.76-92, abr. 2007. São Gonçalo (RJ), 2007. Disponível em:<<http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/17.htm>>. Acesso em: 1 set. 2011.

VILALBA, Rodrigo. **Teoria da comunicação: conceitos básicos**. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre, Artmed, 2003.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.^a ed. Porto Alegre.

GLOSSÁRIO

Bilíngue: O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessíveis à criança duas línguas (o Português e a Libras) no contexto escolar. (QUADROS, 1997, p.27)

Bimodalismo: Ouvintes que sinalizam e falam simultaneamente quando se apropriam da língua de sinais. (Silva, 2008)

Comunicação total: O método chamado de comunicação total defende a utilização de qualquer recurso linguístico como língua de sinais – a linguagem oral, mímicas – e não deixa de lado as técnicas e os recursos de estimulação auditiva para facilitar a comunicação com as pessoas surdas. (Trevisan, 2008, p. 46)

Datilologia: (alfabeto manual) uma representação manual das letras do alfabeto. (GOLDFELD, 1997, p. 37 *apud* SILVA, 2008, p. 47)

Declaração de Salamanca: foi o resultado de várias declarações das Nações Unidas que culminaram com o documento intitulado “Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para pessoas com Deficiência”, o qual demanda que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiência seja parte integrante do sistema educacional. (CORRÊA, 2008, p. 20)

Dialeto: é um falar regional no interior duma nação onde domina oficialmente outro falar (Ducrot; Todorov, 1998 *apud* RABAÇA; BARBOSA, 2001).

Gestos: A palavra *gestos* é utilizada para descaracterizar a língua de sinais como língua. Os gestos são comuns; todos entendem. Mas os sinais só entendem os que conhecem a gramática da língua. (BUZAR, 2009, p. 28)

Língua natural: é aquela que ninguém ensina; a língua materna refere-se a 5% da população surda que aprende com seus pais surdos; e a língua nativa é uma língua antropológica. CORRÊA (2008, p. 16)

Libras: Língua Brasileira de Sinais – é a língua usada pela comunidade surda brasileira (reconhecida pela Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005)

Línguas de sinais: [...] é um sistema linguístico; implica reconhecer que possui uma estrutura, composta por elementos formais e regras combinatórias, semelhantes a qualquer língua oral. É um sistema capaz de expressar, por exemplo, número, gênero, agente, localização da ação. (NOBRE; RAMPELOTTO, 2008, p.25).

Oralismo: [...] a organização metodológico-constitucional das ideias do modelo clínico-terapêutico, que supõe que é possível ensinar a linguagem e sustenta a ideia “de que existe uma dependência unívoca entre a eficiência ou eficácia oral e o desenvolvimento cognitivo. (Skliar 2001 *apud* SILVA; LEMOS, 2008, p.43):

Ouvintismo: Skliar (1998); é um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo é obrigado a olhar-se e narrar-se como ouvinte. (CORRÊA, 2008, p.16)

SIGN WRITING: escrita de sinais que escreve a língua de sinais, própria para os surdos

Sinais metódicos: seguem palavra por palavra a gramática da língua francesa (SKLIAR, 1977, p. 14 *apud* BUZAR, 2009)

Sinais: formados a partir de combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este usar uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Essas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros; portanto, nas línguas de sinais podem ser encontrados [...] os parâmetros (FELIPE, 2004, p. 22)

APÊNDICES

APÊNCIDE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O processo comunicativo no ensino-aprendizado de crianças surdas: o caso da Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos

Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Amazonas – Manaus/ AM

Macri Elaine Colombo

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação / UFAM/ PPGCOM – Manaus - AM

A utilização de meios visuais nos processos comunicativos é uma forma de facilitar a comunicação, o ensino e a aprendizagem de crianças surdas, visto que entendemos que a comunicação apresenta-se como uma ferramenta para que a informação, com enfoque educativo, possa cumprir o seu papel social, que é promover a inclusão e a interação com vistas ao ensino e à aprendizagem de crianças surdas. Para atingirmos nosso objetivo, precisamos de sua participação na entrevista, por conter elementos importantes para esta investigação.

Participar desta pesquisa é uma opção totalmente voluntária, o que implica sua liberdade para participar ou não, podendo dela desistir a qualquer momento. Se o participante for menor, o responsável deverá ser esclarecido sobre os procedimentos éticos da pesquisa. A autorização para a participação daquele se efetivará mediante assinatura do presente termo pelo responsável.

Destacamos que os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos acadêmicos e na publicação da dissertação de mestrado em Ciência da Comunicação. Diante do uso de imagens dos participantes, não haverá identificação destes. A entrevista não terá identificação de nome e de endereço do participante, na pretensão de preservar sua identidade e seu anonimato. Todas as respostas cedidas não estarão diretamente relacionadas à sua integridade pessoal.

Certos de poder contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos e maiores informações de que precisar. O participante poderá entrar em contato com a autora/pesquisadora, Macri, na Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, enviando mensagem para o celular (92) 8121-8411 ou, por *e-mail*, para o endereço macricolombo@hotmail.com.br

Compreendo o que foi explicado e concordo em participar.

_____, ____ de _____ de 201__.

Assinatura do responsável

Assinatura do participante

Nome do responsável: _____

RG: _____

Nome do participante:

APÊNCIDE B

ROTEIRO DE SISTEMA CONVERSACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DE SURDOS E O PROCESSO COMUNICACIONAL A SER REALIZADO COM OS PROFESSORES

- **Pergunta 1**

Existem vários métodos de alfabetização utilizados pelos professores de ensino fundamental. Mas até hoje é difícil apontar o método mais eficaz para a alfabetização, pois cada ser humano tem uma facilidade e seu tempo para aprender. Quais são os métodos utilizados e como os métodos são adaptados para as crianças surdas?

Resposta:

Como já te falei, os métodos utilizados aqui na escola, *a gente* trabalha muito o visual. *A gente* tem que ter muito, muito visual, porque a criança surda, né? Ela... ela precisa do visual *pra* poder fixar o conteúdo dela. E *a gente* trabalha assim: *a gente* pega primeira, como nas escolas dos ouvintes. *A gente* trabalha primeiro a vogal, mas junto da datilologia. Se estou trabalhando a vogal e a datilologia, trabalha a palavra-chave que começa com A: anel, avião, abacaxi, e colocando o sinal também. Depois que se *trabalha* bem todas as vogais, quando *´tá* bem fixo mesmo, aí *a gente* começa com o restante do alfabeto. Do B, faz o B com A: dá BA. Sempre a datilologia, sempre a escrita em Português relacionado ao B, por exemplo, a bola. Faço o sinal do B. A criança precisa do visual.

Pergunta:

O que é a datilologia?

Resposta:

É o alfabeto manual, necessário para ensinar os surdos. Faz parte da Libras.

Pergunta:

Como você usa este visual em sala de aula.

Resposta:

A gente trabalha aqui com recortes, colagem, né? Trabalha com vocabulário, desenho... *a gente* trabalha muito com desenho, com fichas. *Tudo* o que se possa utilizar de visual, *a gente* trabalha.

- **Pergunta 2**

Os surdos, devido a sua limitação, não são compreendidos pelos ouvintes com “clareza”; assim estes têm dificuldade em se comunicar. Como os professores lidam com as dificuldades emocionais quando os surdos passam a querer comunicar-se por meio da Libras e socializar-se com os professores ouvintes?

Resposta:

Bem, dentro da Escola Augusto Carneiro, a maioria das professoras tem a Libras já, né? Tem pelo menos o básico *pra* ter essa comunicação com esse aluno, né? *A gente* sempre tenta fazer de tudo *pra* essa comunicação sair assim fluída; não *tem* nada que impeça *desse* aluno nos entender, né? Tanto é que a SEDUC oferece cursos.

Agora, se esse aluno *íá* indo *pra* uma escola ouvinte... O que *íá* sendo oferecido em algumas escolas é um intérprete, né? *Pra* que *tenha* essa comunicação. *Pra* que o professor que *íá* passando aquela matéria na frente, o intérprete possa passar *pra* esse surdo *pra* ser compreendida por ele, né? É isso que *a gente* (professores) *íá* fazendo, mas o ideal mesmo é *a gente* ter a Libras, né? Mas como é que vai se comunicar com os surdos sem a Libras, né?

Pergunta:

E quando acontece de essas crianças chegarem a uma escola sem a Libras?

Resposta:

Tu *íá* dizendo se uma criança que chega à escola sem Libras nenhuma, né? Sem nada? (Isso!). Só com aquele gesto adquirido em casa.

Olha, às vezes *a gente* pede *pra* ele desenhar, ver... tenta sentar e ver o que ele *íá* querendo passar, né? Porque, às vezes, muitos vêm de casa com aqueles gestos próprios da casa dele. Por exemplo, a água não é igual à nossa água, que é em Libras, né? Já é outra coisa diferente. Foi a mãe dele ou o pai que entraram nesse acordo dentro de casa *pra* ter essa comunicação. Às vezes, fica difícil, mas *a gente* tenta fazer de tudo *pra* criança ser *entendido*.

Gradativamente elas vão adquirindo a Libras, né? Elas estão dentro da escola conversando com o coleguinha, pegando as aulas; elas vão aos poucos... Daqui a pouco elas já tão melhor que *a gente* na língua deles.

Pergunta:

Elas não se isolam ou são isoladas. Elas tentam interagir? Como é o comportamento delas na sala de aula?

Resposta:

A *gente* tenta fazer *com* que essa agressividade não vá adiante. Tenta fazer *com* que essa criança se entrose; e tanto é que aqui na escola *a gente* tem o nosso professor de Libras, que por sinal ele é surdo. Formado já, né? Fez a faculdade, ele pega aquele horário e pega essa criança e vai treinando com elas; e eu sei que pelo menos meus alunos não têm nada assim que possa te dizer: “Ah, isso ‘tá prejudicando de algum modo”, né...? A *gente* se comunicar.....Tem se já a Libras ‘tá sendo ensinada pelo professor também que é surdo, né?

Pergunta:

Deixa-me aproveitar e perguntar: aqui, dentro da Escola Augusto Carneiro, existem aulas de Libras direcionadas para os pais destes alunos surdos e para os professores-ouvintes?

Resposta:

Olha, dentro da Escola Augusto Carneiro, ele tem a aula de Libras direcionada *pros* pais, mas o CAS (Centro de Atendimento Integral ao Surdos – grifo meu), que é nossa escola, lá *tem*. Até agora mesmo, tão oferecendo um curso de Libras, né? Que é o médio, intermediário; e o professor... ‘tá... *tem* muitos professores que estão fazendo, né? Mas tão oferecendo... sempre *tem* curso de Libras.

- **Pergunta 3**

Existem diferentes tipos de comunicação, dentre eles a verbal e a não verbal. A primeira utiliza mais comumente a comunicação oral e refere-se à emissão de palavras que usamos para nos comunicarmos; e pode usar o processo da escrita; enfim, pode ser o registro de observações do cotidiano. Quanto à segunda, pode abranger o uso de imagens, figuras, desenhos, símbolos, danças, postura corporal, pintura, música, mímica, escultura e gestos como formas de comunicação. De que maneira os professores-ouvintes usam os tipos de comunicação para o ensino-aprendizagem das crianças surdas?

Resposta:

A Libras, né? A Libras, o sinal da Libras, as datilologias das letras, né? É o básico. É... é mais do que o básico; é isso. Tem que ser primeiro a língua paterna deles, né, que é a Libras!

Pergunta:

Que tipo de comunicação se utiliza para a alfabetização das crianças surdas?

Resposta:

São os gestos, né? Os gestos relacionados... por exemplo, uma figura. *Tá* a figura do avião. Faço o sinal do *avião*, que eles estão acostumados, né?... aí boto, escrevo em Português, como se escreve *avião*, mas tem que fazer datilologia. O “A” faz a datilologia do A,; o “V” também... o “T” ...e assim por diante, né? Tem que ter essas duas.

Pergunta:

Você usa os dois tipos de comunicação?

Resposta:

Sim, o bilinguismo, né? Que é tanto a Libras, a língua materna deles, e o Português, que é como a *gente* sabe; eles vivem nos dois mundos, né? Há necessidade também *deles* terem essa escrita, de ter esse entendimento do Português, né?

- **Pergunta 4**

O bilinguismo no Brasil visa fazer que os surdos tenham a Língua Portuguesa para integrar-se à sociedade dos ouvintes; ao mesmo tempo estes possuem a Libras, para que possam viver sua “identidade”. Como o bilinguismo é utilizado na Escola Estadual Augusto Carneiro?

Resposta:

Como eu já até acabei de te falar, né, ele é usado! No momento em que *a gente* tá dando a Libras, também *tá* dando o Português, né? *A gente* tenta trabalhar os dois, né? Ao mesmo tempo, com bastante visual, mas... é isso. É mais o Português junto com a Libras; sendo que mais priorizando a Libras também, né, que é a língua deles!

Pergunta:

Por que essa necessidade de ensinar a Língua Portuguesa para os surdos?

Resposta:

A necessidade é que a Língua Portuguesa *é*, por exemplo, num concurso. Ele vai precisar da Língua Portuguesa *pra* responder determinada questão, né? É durante a vida deles; aí mesmo que eles vão necessitar de se comunicar; por exemplo: aquela pessoa *tá* no supermercado. Ele não sabe qual o sinal de café. Aí, que o surdo pode fazer? Pode escrever café. Mostrar... Cadê o café? Ele vai ler... a pessoa-ouvinte vai ler e vai saber o que ele *tá* querendo. Ele pode apontar, batendo... também uma ajuda de uma comunicação melhor do ouvinte *pro* surdo, tendo o Português.

Pergunta:

Quanto à questão da comunicação total, vocês utilizam ou é só o bilinguismo mesmo?

Resposta:

Olha, é a comunicação total... Eu acredito que é... *a gente* já... *a gente* faz de tudo *pra* que esse aluno aprenda, né? Aí *a gente*... pelo menos, eu acho que nossa escola faz de tudo *pra* que esse aluno aprenda e não tenta... é... dizer: “Ah, eu vou fazer só isso?”. Se a comunicação total também *’tá* ajudando, por que não somar, né? Tem que ser... tem que se pensar no aluno, no que ele pode melhorar, né? No que ele pode... Se *pra* ele é mais fácil de assimilar tendo essa comunicação total, *a gente* até coloca, né? Mas tentando sempre ver o lado do aluno. Se ele *’tá* compreendendo... *’tá* entendendo. O importante é isso: que o aluno compreenda.

- **Pergunta 5**

Como em qualquer escola brasileira, os alunos-ouvintes ou surdos devem ser avaliados, para que possam prosseguir em seus estudos. Mas, por outro lado, crianças surdas devem ser avaliadas de maneira diferente, devido às suas limitações para se expressar. Como os professores avaliam esse desenvolvimento?

Resposta:

Como já te falei, essa avaliação é contínua, né? Todos os dias, eles estão sendo avaliados; vendo como é que eles estão na sala, se está havendo algum desenvolvimento, se está tendo assimilação do conteúdo. Essa avaliação é contínua. Não vou chegar *no final* do ano e dizer: “Oh, *tem* uma prova!” Não. Não existe isso. É avaliação; todo dia, *’tá* sendo avaliado. Ou é assiduidade, ou interesse, ou é a participação na sala de aula. Tudo isso *’tá* dentro da avaliação.

Pergunta:

Dê-me um exemplo de um processo de avaliação.

Resposta:

Por exemplo, o aluno chegou, né? Eu passo determinada matéria, por exemplo, matemática. *Tou* dando cores. Eu faço o sinal do amarelo. Mostro o amarelo, aí peço *pra* ele pintar o amarelo naquela figura. Aí vou ver se esse aluno assimilou ou não aquilo que eu passei; se aquela figura está sendo pintada de amarelo como eu pedi, entendeu?; se está havendo essa comunicação. Na maioria das vezes existe essa comunicação.

Pergunta:

Quase sempre todos passam? Como que é que funciona?

Resposta:

Olha, aqui é ciclo, né? *A gente* trabalha com ciclo, e aqui *a gente* não retém... se *a gente* retém um aluno só em determinado tempo. Por exemplo, *tem* o jardim, 1.º ano, 2.º ano, o aluno vai ser retido no 3.º, como se fosse automático. Se no 3.º ele não tiver condições, ele é retido, entendeu? Mas... é desse jeito. Antigamente, não. Antigamente o professor pegava e avaliava o aluno nessa série se tinha ou não condições de prosseguir, né? Se não tinha, ele retinha, dava uma retenção. Mas agora não. Automaticamente, *tá* se indo *pra* outra série, né?

Pergunta:

Não existe prova específica para esses alunos?

Resposta:

As provas, as avaliações específicas, é essa que eu te falei do conteúdo do dia, de ser avaliado no mesmo dia, sempre sendo avaliado.

Pergunta:

Dê-me um exemplo de um processo de avaliação

Resposta:

Por exemplo, o aluno chegou, né? Eu passo determinada matéria, por exemplo, matemática. *Tou* dando cores. Eu faço o sinal do amarelo. Mostro o amarelo, aí peço *pra* ele pintar o amarelo naquela figura. Aí vou ver se esse aluno assimilou ou não aquilo que eu passei; se aquela figura está sendo pintada de amarelo como eu pedi, entendeu?; se está havendo essa comunicação. Na maioria das vezes existe essa comunicação.

Pergunta:

Quase sempre todos passam? Como que é que funciona?

Resposta:

Olha, aqui é ciclo, né? *A gente* trabalha com ciclo, e aqui *a gente* não retém... se *a gente* retém um aluno só em determinado tempo. Por exemplo, *tem* o jardim, 1.º ano, 2.º ano, o aluno vai ser retido no 3.º, como se fosse automático. Se no 3.º ele não tiver condições, ele é retido, entendeu? Mas... é desse jeito. Antigamente, não. Antigamente o professor pegava e avaliava o aluno nessa série se tinha ou não condições de prosseguir, né? Se não tinha, ele retinha, dava uma retenção. Mas agora não. Automaticamente *tá* se indo *pra* outra série, né?

Pergunta:

Não existe prova específica para esses alunos?

Resposta:

As provas, as avaliações específicas, é essa que eu te falei do conteúdo do dia, de ser avaliado no mesmo dia, sempre sendo avaliado.

- **Pergunta 6**

As escolas hoje em dia se utilizam dos recursos tecnológicos, mais especificamente os audiovisuais, por terem em mente a facilidade de obter resultados positivos com mais rapidez na aprendizagem de seus alunos. De que forma utilizam os recursos visuais em sala de aula para os surdos?

Resposta:

Olha, *a gente* utiliza muito figuras, desenhos, recorte, colagem... tudo relacionado ao visual. Mas também aqui na escola *a gente* tem uma sala que é a sala de TV, né, que às vezes também... se *tem* algum assunto relacionado a ser passado nos telões, *a gente* pega os alunos e leva *pra* essa sala. Também *tem* o *data show*. Precisando, a escola se dispõe a oferecer *pra* aula também. *A gente* se utiliza desse jeito o audiovisual.

Pergunta:

Em sua opinião como profissional, você acha que esse processo ajuda no aprendizado das crianças surdas?

Resposta:

Só ajuda. Porque, como te falei, né! O surdo, ele precisa muito do visual; muito, muito, muito. Ele necessita desse visual *pra* fixar o conteúdo. Porque não adianta jogar somente a palavra solta sem *íá* relacionada com alguma figura, alguma coisa que possa ser gravada. Não só o sinal, *quanto* a figura, *quanto* a datilologia.

- **Pergunta 7**

Pais de surdos, por serem quase sempre super-protetores, participam de atividades específicas para eles, inclusive no estudo de Libras, para que possam se comunicar melhor com seus filhos e entendam o que e como o professor está ensinando em sala de aula. Como os pais lidam com o ensino-aprendizado dos alunos na escola?

Resposta:

Olha, como te falei também, existe um professor de Libras, que é surdo; ele dá aula para alunos e já começou agora a aula *pros* pais, né, de Libras, né? *Tem* aquele horário *que* o pai tem que *íá* aqui... *íá* sendo oferecido *pra* ele essa aula de Libras. Até porque é necessário pai ter a Libras, porque ele que passa a maioria do horário com os filhos, né? Sai da escola, mas ele *íá* durante o restante do dia, né? Pai que tem um aluno surdo e que tem filho surdo tem que ter a Libras *pra* se comunicar com seu filho.

Perguntas:

Eles se interessam em aprender Libras?

Resposta:

Olha, alguns se interessam. Depende muito da família, de como essa criança foi acolhida nessa família, entendeu? Dependendo muito dos pais. Se eles estão realmente interessados no progresso do filho, eles se interessam de aprender, sim.

Pergunta:

Os pais mais ajudam ou são inconvenientes quando se trata do aprendizado de seus filhos?

Resposta:

Olha, antigamente eu já achei que eles eram mais assim... mais dispersos, né? Hoje em dia, não. Já *’tou* achando eles mais interessados em ver como é que *’tá* a situação do filho. Sabem fazer um acompanhamento. Quando vêm buscar o menino aqui na alfabetização, no 1.º ano, né, eu digo: olha *’tá* levando tarefa. *Tá* aprontando a tarefa direitinho, *’tá*? E muitos dizem: “Ah, meu filho me ensinou isso!”. Tipo, *’tá* havendo aquele interesse, eu acredito. Pelo menos na minha turma, os pais *’tão* interessados.

Pergunta:

Os alunos frequentam as aulas com assiduidade?

Resposta:

Assiduidade? Olha, não são todos, mas alguns. Já *tem* bastante falta assim... Mas o que *’tá* havendo aqui na escola é o seguinte: *tem* uma moça, né, uma psicóloga, que ela *’tá* interessada. Todo dia ela vem aqui na sala e pergunta: “Quem faltou?” Se há uma falta, por exemplo, em seguida de três dias, ela pega e liga *pra* família, entendeu? “Por que *’tá* faltando?” “Que *’tá* havendo?” E aí, automaticamente, esse menino no outro dia já aparece. *Tá* entendendo? *Tá*, pelo menos esse ano *’tá* tendo essa preocupação de não ter muitas faltas muito seguida.

Pergunta:

E por que existe essa falta com certa frequência?

Resposta:

Olha, à tarde, eu acredito que não acontecesse, porque já são quase todos adolescentes, já vêm sozinhos, né. Mas esses pequenos, que dependem dos pais, né? Às vezes, acontece *do* pai ter algum problema. Não pode trazer. Eu não sei também se é talvez o lado financeiro, que influencia na presença das crianças na escola, né? Não sei te especificar uma causa, né, total, mas a maioria *’tá* desse jeito, né?

Pergunta:

Desde quando a senhora leciona para crianças surdas?

Resposta:

O ano passado, eu era do jardim (risos). Aí, no ano retrasado, eu não me lembro em que sala estava. Mas geralmente trabalho com crianças pequenas. Mas, olha, eu entrei no concurso de 93. Faz um *tempão*, né?

Quando eu comecei a trabalhar, quando terminei o magistério, automaticamente eu entrei nessa escola. Assim... Agora foi difícil aprender iss,o porque quando *a gente* sai do magistério... Hoje em dia, não; porque no magistério é *obrigatório* agora a matéria de Libras, né? Saber como é que é o aluno surdo. *Tem* uma matéria específica agora, né? Mas antigamente no magistério não *tinha* não. Era mais voltado *pro* ouvinte, né? Mas foi bastante interessante. Logo eu gostei e estou até hoje.

APÊNCIDE C

Exercício solicitado pela professora-ouvinte do primeiro ano da alfabetização da turma observada.



APÊNCIDE D

Materiais entregues para os alunos sobre o conteúdo que estavam trabalhando a serem desenvolvidos pela professora.





APÊNCIDE E

Momentos antes de bater a campana para irem a casa.



